

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

LAURA DARÉ RABELLO ROSENBAUM

A VIDA URBANA SOB A ÓTICA DO FANTÁSTICO:  
potências do estranhamento na produção de subjetividades

VITÓRIA

2016

LAURA DARÉ RABELLO ROSENBAUM

A VIDA URBANA SOB A ÓTICA DO FANTÁSTICO:  
potências do estranhamento na produção de subjetividades

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia Institucional  
do Departamento de Psicologia da  
Universidade Federal do Espírito Santo,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Professora Dra. Leila  
Aparecida Domingues Machado.

VITÓRIA

2016

LAURA DARÉ RABELLO ROSENBAUM

**A VIDA URBANA SOB A ÓTICA DO FANTÁSTICO:  
potências do estranhamento na produção de subjetividades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional,  
da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em Psicologia Institucional.

Vitória, \_\_\_\_\_ de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Aparecida Domingues Machado (Orientadora) PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Marcelo Santana Ferreira (Membro externo) PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Figueiredo Louzada (Membro interno) PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL/UFES



*À Julio Cortázar e todos os desajustados, pela existência.*

## **Agradecimentos:**

À minha mãe, Ivone, por me ensinar tanto e, principalmente, por se deixar aprender comigo. Pelo seu espírito jovem, que abre a casa e aposta numa vida mais coletiva.

À Leila, pela expansão da vida e da orientação.

Ao Martim, pelo idioma da infância e humor estranho.

À CAPES, por financiar não apenas esta, mas tantas pesquisas que desafiam os contornos estreitos da academia.

Ao PPGPSI, espaço heterotópico para mim, que recebeu minhas diferenças com humor e carinho. Aos colegas de mestrado, em especial Haroldo, Júlia, Mário, Rafa, Victor, Theo, Priscila e João. Aos colegas do Lis: Alana, Dani, Fabrício, Jéssica, Lívia, Vic, e também os anteriores e os próximos.

Às belas amigadas de Vitória: Paulinha, Mari, Allan, Lori, André, Papo furado, Pé de pano, Vitor, Baixinho, Benilson, Alan, Bárbara, Manél e tantos outros cujos nomes se embaralham na tela branca...

Às parcerias de anos e anos, meu bando e minha banda, sempre se refazendo: nossos planos são muito bons.

Aos gatos, por me ensinarem a ronronar e a sibilar quando é preciso.

**RESUMO:**

Este trabalho busca um olhar para a vida na cidade inspirado no gênero literário nomeado “realismo fantástico”. Parte de conceituações do termo *fantástico* fora do campo da literatura, compreendendo-o como uma sensação de estranhamento que pode se fazer presente na vida urbana contemporânea, e propõe utilizá-lo como fio condutor para urdir tramas sobre modos de vida urbanos.

Temos, portanto, um levantamento teórico sobre o que se entende por “modo de vida urbano” e seu papel na produção de subjetividades e sobre o fantástico entendido como sensação que extrapola a literatura, utilizando conexões híbridas: acadêmicos de campos do saber diversos, cineastas, músicos, escritores de ficção e o saber popular, o saber das pessoas. Como desenvolvimento da pesquisa de campo realizada na cidade de Vitória, temos relatos de situações urbanas tramadas com fios de fantástico, a fim de ensaiar modos diferentes de pensar, viver e escrever. Espera-se que esse olhar sobre a vida na cidade potencialize o questionamento acerca de um modo como temos vivido no espaço urbano: automatizado, acelerado, individual, anestesiado de sentidos e funcional. Também experimentamos as tramas fantásticas como um “truque” ou estratégia de resistência ao cansaço, adoecimento e desencanto que esse modo nos têm causado, desnaturalizando-o. A convergência entre essa proposição política de resistência e sua experimentação no cotidiano constitui a fonte, por assim dizer, desta pesquisa.

**Palavras-chave: fantástico; subjetividade; clínica; vida urbana; cotidiano**

**ABSTRACT:**

This work seeks a view of life in the city instigated by the literary genre known by “magical realism” and also named by “fantastical realism”. Starts from conceptualizations of the term *fantastic* out of the literary subject - understanding it as a defamiliarization feeling that may be present in the contemporary urban life – and propose to use it as a guide to create plots on urban lifestyles.

Here there is thus a survey of what is meant by urban lifestyles and their role in the subjectivation process and by *fantastic* as a feeling that goes beyond of the literature using hybrid connections: studios from various fields of knowledge, writers of fiction, filmmakers, musicians and the popular knowledge, knowledge of people. As a result of field research conducted in the city of Vitória, we have plots of urban situations instigated by the meanings of *fantastic* in order to test other ways of thinking, living and writing. It is intended that this view of urban life leverage questioning about a way we have been living in the urban space: automated, fast, individual, numbed and functional. We also experience the fantastic plots as a “trick” or strategy of resistance to fatigue, illness and disenchantment that this way has caused us, making it less natural.

The convergence of this micro political proposition of resistance and its experimentation in everyday life is the heart, so to speak, of this research.

**Keywords: magical realism; subjectivation process; clinical; urban life; daily**

## Prólogo

*Coração americano  
Acordei de um sonho estranho*

Uma rua. Uma cidade. Poderia ser qualquer uma.

Um senhor, sentado sozinho numa mesa de bar, observa o rapaz do outro lado da rua que aborda uma moça carregando a bicicleta. Ela, assustada, deixa a bicicleta cair no chão, chamando a atenção dos outros transeuntes e espantando o rapaz.

Na rua de cima, nesse mesmo momento, um outro rapaz corre por um quarteirão e pula numa outra moça, abraçando-a. Ela sorri e o abraça de volta.

Na padaria, todos estão tomando café. A senhora com óculos excêntricos pensa na reportagem sobre a Islândia que lera pela manhã; O menino sentado com seu pai olha curioso para uma mesa que, aos demais, parece uma família mãe-pai-casal de filhos, porém se trata de uma professora e seus três orientandos. Já o pai do menino não faz muito reparo e fica com a impressão de se tratar de uma família bem tradicional, mas eles não conversam sobre isso. O único cliente negro não percebe que é o único cliente negro e mexe seu café com movimentos espirais; Um casal jovem conversa animadamente sobre como as praias ficam diferentes quando chega o vento sul. A menina diz que sua memória das praias é sempre de sol, mar calmo e bem azul, e que fica um pouco brava quando não estão assim, então logo esquece a paisagem nublada de mar barrento e revoltoso. O menino fala que vento sul em excesso enlouquece as pessoas; As atendentes conversam com o chapeiro, que as faz rir histericamente reproduzindo piadas chulas sobre política; A moça do caixa não queria estar lá, pensa em viagens e lugares que queria conhecer, mas acaba não fixando seus pensamentos em nada, até que a senhora de óculos excêntricos estala o dedo na sua frente para tirá-la do devaneio e cobrar seus dois cafés e mais um maço de cigarros, que não se vende mais naquela padaria, aliás, em quase nenhuma.

Um morador de rua anda com uma fantasia de *Aedes aegypti*, que encontrou perto do posto de saúde.

Um grupo de pessoas faz ginástica no calçadão da praia, pois acha a areia muito suja. Um ciclista sem freio quase bate na perna de uma delas, que se levanta da posição de



alongamento e grita que irresponsabilidade, vandalismo, comunismo, mas logo se esquece do episódio e pensa que aquela vista seria tão bonita se não fosse a empresa de minério e suas nuvens pretas no horizonte. O ciclista sente-se mal, mas não pára, pois está atrasado. No meio do caminho, desce da bicicleta para tirar uma foto da planta que cresce perto da janela do prédio abandonado na esquina.

Na mesma praia, mais à frente, duas meninas seguram um cartaz escrito: “escutamos histórias de amor”.

Na linha de ônibus que vai para o centro, às 18h, todos parecem cansados menos aquele grupo de adolescentes sentados nos últimos bancos. Eles falam todos ao mesmo tempo e riem muito. Uma senhora bufa e olha para cima, talvez buscando cúmplices para seu descontentamento em relação ao furor dos adolescentes do fundão. Um jovem encontra seu olhar e diz que esses jovens não encontraram o caminho de deus, estão perdidos. Uma moça universitária, vestida com saia curta e decote, escuta o jovem falando de deus e caminho perdido e pensa que é com ela. Devolve com um olhar hostil, pensando na sua última aula do dia, na qual a professora criticava duramente as instituições religiosas e o discurso dos fiéis. O jovem não percebe o olhar hostil e continua falando com a senhora, que fica encantada com tamanha gentileza e decoro vindo da boca de alguém tão jovem. Fala que seus netos estão todos encarcerados com a polícia por causa das drogas. O jovem afirma que deus pode curá-los e indica a igreja que frequenta. A universitária fica irritadíssima ouvindo aquela conversa e tem vontade de falar que deus não existe e, se existe, não cura nada nem ninguém e que gosta mesmo é de ver jovens se divertindo, como aqueles lá dos bancos do fundo do ônibus.

Um trabalhador da praça - não se sabe ao certo o que ele faz - espreita algum olhar que cruze o seu. Acontece de uma mulher olhá-lo e então, com gestos vagarosos, ele se põe à sua frente e estica os braços tocando seus ombros suavemente, olhando-a como se olha um recém-nascido. Ela dá um tapinha amigável em suas costas e sai confusa, sem conseguir conter um sorrisinho e um balançar da cabeça.

Um homem percebe que o balanço que ficava nessa mesma praça desapareceu. Pensa que deve ter sido um morador de rua que tirou, por maldade, mas na semana seguinte descobre que foi a Prefeitura.

Já de madrugada, meninos pescando na beira-mar. Um deles pesca uma cobra e, assustado, joga a vara pra trás atirando o bicho no meio da avenida. As pessoas param para ver a cena. Olham os carros passando, quase ansiosos por ver a morte da cobra, mas não acontece nada. Enquanto isso, um morcego sobrevoa o mar, dando pequenos mergulhos que o fazem parecer uma gaivota. O vento, ou talvez uma lancha que passou, cria uma onda na baía quase sempre inerte e molha os pés de três amigos que esperam, em vão, algum ônibus passar no ponto mais à frente. A moça que tinha derrubado a bicicleta mais cedo passa por ali e reconhece um dos amigos no ponto de ônibus. Convida os três para dormir em sua casa, já que àquela hora será bem difícil passar qualquer transporte por aquela avenida. Eles aceitam e acabam parando no único bar aberto no caminho. Conseguem tomar duas cervejas antes de o dono expulsá-los e seguem para a casa da garota com uma sacola cheia de latinhas. Ela mora com mais três pessoas, que acordam com a chegada dos quatro e pedem silêncio. No dia seguinte, ninguém se dá bom-dia e cada um segue seu rumo, mas bem que um dos parceiros de casa da menina gostou de acordar com aquela música do Milton Nascimento.

### **“dois anos passam num beijo”<sup>1</sup>**

Uma rua e muitos olhares. Cenas ordinárias e extraordinárias coexistem nesse espaço repleto de elementos e modos de vida diversos.

Há muitas histórias para se contar sobre a vida urbana. Todas as que compõem este trabalho são reais, mas não necessariamente fatos consumados. Histórias que aconteceram comigo ou com quem me contou, que vi ou fiquei sabendo, todas são tramadas com fios de invenção - presente, creio eu, em qualquer história que se conte como marca singular de um modo de compartilhar e, portanto, apropriar-se das experiências. Para contar histórias, é preciso desejar criar.

Meu desejo inicial de contar algo, se fez pela conexão entre uma frase e uma imagem: "o fantástico é uma coisa muito simples, que pode acontecer em plena realidade cotidiana"<sup>2</sup> e a imagem de pessoas desacreditadas e encantadas vendo um homem andar numa corda bamba entre as torres gêmeas<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Frase de Benilson Pereira, poeta, pintor de paredes e morador do Centro de Vitória.

<sup>2</sup> Cortázar *apud* Bremejo, 2002, p. 37

<sup>3</sup> Cena do filme “O equilibrista” (*Man on Wire*, Peter Marsh, 2008)

O fantástico, na frase que li, refere-se a um modo singular de ver o mundo, que se dá por meio de uma hesitação ou dúvida acerca de um fato narrado, vivido ou pensado, provocando uma espécie de suspensão de todo o conhecimento acumulado em nossa cultura ocidental. Essa suspensão, por vezes, permite que se abram outras possibilidades de experienciar a vida, mesmo que só por um instante – como ocorre na imagem documental de pessoas, entre incrédulas, maravilhadas e aterrorizadas, olhando para um homem caminhando numa corda bamba entre dois prédios monstruosamente altos.

Escrevi um projeto que ansiava costurar um sentido entre essas duas coisas. As ideias que tinha sobre os conceitos de devir e de desterritorialização, de Deleuze e Guattari, me chamavam a pensar o fantástico no cotidiano como uma potência de transformação de si. Pensei em estudar, portanto, algumas intervenções urbanas "encaixando-as" no que havia entendido por fantástico, o que precisaria desenvolver. Feito isso, pensava em utilizar o que entendia sobre a esquizoanálise, em *O Anti-Édipo* (2001) para "provar" como a psicologia poderia estar presente nas intervenções em espaços públicos, já que havia trabalhado<sup>4</sup> durante muitos anos circulando nas ruas com usuários dos serviços de saúde mental e sentia a cidade extremamente hostil aos ditos loucos, que acompanhara. Também sentia que os passeios com essas pessoas modificavam o espaço e que, por isso, a saída à rua era um passo importante para que o espaço urbano também se adaptasse a esse outro modo de vida, na contramão de muitos projetos terapêuticos que propõem apenas adaptar o paciente ao modo de vida instaurado na cidade. "Enlouquecer um pouco mais a cidade e normatizar um pouco menos os loucos", falei para minha futura orientadora na entrevista de ingresso no Programa de Pós-Graduação da UFES.

Tudo muito encaixadinho em minha cabeça, um projeto que já tinha até conclusão antes mesmo de ter começado. Um projétil com alvo certo, como escreveu um colega de mestrado<sup>5</sup>. Felizmente, como a maioria dos projéteis, este me traiu e me levou a outros caminhos... a começar por me levar a outra cidade, de São Paulo a Vitória. "Mas o que você vai fazer aqui? São Paulo tem muito mais intervenções urbanas, muito mais gente fazendo e pensando essas coisas. Aqui é uma cidade provinciana, pequena, não tem nada pra fazer!", me disseram algumas pessoas. Pois bem, a primeira vez que vi Vitória foi

---

<sup>4</sup> Trabalhei como A.T. (Acompanhante Terapêutica) em alguns CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) de São Paulo, na Clínica Ana Maria Popovic e junto ao grupo RodaRua, entre 2007 e 2012. O AT é uma prática clínica que surge no contexto da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial como um dispositivo para o tratamento das psicoses. O setting não se restringe ao consultório ou ao espaço do hospital, ganhando terreno no espaço urbano em sentido amplo (Palombini, 2004). Acompanhei, assim, pessoas na rua, em suas casas, na escola, no tratamento, no cinema, no teatro...

<sup>5</sup> João J. Gomes dos Santos, 2014.

num mapa na internet, quando comecei a pesquisar programas de mestrado (já se vê que a pesquisa começa bem antes da pesquisa). Não sabia nem que era uma ilha! Pareceu-me repleta de caminhos abertos, de verde e azul por todos os lados. Me imaginei nadando no lago da universidade (hoje é algo impensável...). A vista aérea sempre me faz sentir potente, como se eu pudesse ver algo que fica oculto quando desço, como se existisse alguma lógica naqueles desenhos, naquelas linhas. Alguma lógica que, acreditem, nunca me interessou desvendar.

O projeto, então, foi se desenhando com outras curvas quando estava em solo capixaba. A ideia de articular conceitos de Deleuze e Guattari com intervenções urbanas conversava com a proposta e as referências bibliográficas do Lis (Laboratório de Imagens da Subjetividade), grupo de pesquisa que me acolheu em minha chegada como estrangeira na cidade e na Universidade. Composto por alunos de graduação de várias áreas e por mestrandos do Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI), eles se perguntavam sobre o modo de vida urbano sob o viés foucaultiano: o que temos feito de nós mesmos? Afirmando a inseparabilidade de pensamento e ação, o grupo funciona interferindo na cidade: provocando encontros; escuta de histórias; momentos de pausa; espaços lúdicos; Habitando, enfim, o espaço urbano de forma resistente ao modo como temos habitado: um modo acelerado, extremamente instrumental, anestesiado, individual. Ao longo desses dois anos, realizei, com eles, algumas ações e conheci outras que já haviam sido feitas. A ideia inicial de analisar, de longe, intervenções urbanas deslocou-se para *acompanhar* o processo dessas interferências junto a esse grupo, já que pensamos ser distinta a proposta de intervenção e interferência justamente pelo interesse desta última no que se passa antes, durante e após a ação propriamente dita.

Um de meus alicerces foi, portanto, desmontado, transformado em outra coisa que só poderia ser estudada à medida que fosse sendo construída, por mim e por outros. Vejo agora que essa desmontagem levou-me a embarcar em outra modificação, talvez ainda mais fundamental: o método de pesquisar. Toda minha segurança em saber por onde começar e onde ia terminar se foi. E sem dor. Estava colocada a importância de não saber, de sustentar o desconhecido e seguir um caminho com a possibilidade de perder-se, de ter que voltar, de cair em lugares ermos e desagradáveis. Em geral, pensa-se o método como “um programa definido a priori para evitar erros”. É com muita alegria que venho abandonando essa forma de pensar e encarnando a ideia de método (palavra de

origem grega constituída por *meta*: através de, por meio, e *hodos*: via, caminho) como modo de caminhar<sup>6</sup>. “Caminante no hay camino/ se hace camino al andar”<sup>7</sup>. E, andando, conheci autores que me foram companheiros, outros que tive de abandonar, mudei de ideias, voltei a ideias antigas e penso ter aprendido algo do que Benjamin evoca como necessários deslocamentos, artes da desorientação e, por fim, labirintos<sup>8</sup>: Um modo errante de caminhar, “deixar-se perder na cidade como a gente se perde numa floresta”<sup>9</sup>.

Interessante como esse tema do desconhecido irrompeu, me deslocou e me devolveu algo de meu projeto inicial. Pois o fantástico, tal como me afetou, não poderia ser entendido a priori, ou "desvendado" num campo de intervenções urbanas que considerava estar pronto. O deixar-se perder, deixar-se não saber me parece, agora, ser um método mais leal ao que queria fazer desde o início, mesmo não sabendo desde o início o que exatamente gostaria de fazer. Hoje sei que o que me interessa no fantástico é a possibilidade – difícil, dura, na maioria das vezes – de sustentar o desconhecido, embrenhar-se nele, não encerrar os mistérios. Penso se “só podemos definir algo quando nada soubermos a respeito dele.”<sup>10</sup> Talvez, como disse certa vez minha orientadora, o corpo saiba antes da capacidade racional. Embarcar neste mestrado com este tema tem sido uma forma de cuidado comigo mesma, uma abertura para outros modos de compreensão e de vida.

É justo este transbordamento, este escape de compreensão racional que impele uma pesquisa, uma busca. Buscamos algo que ainda não sabemos, e isso é extremamente difícil! Porque é difícil manter-se inquieto, rejeitar conclusões antecipadas, passar por momentos de dúvidas estruturais, abandonar ideias, identificar falsos problemas, não saber. É muito mais difícil afirmar o não-saber que o saber, sobretudo no meio acadêmico. E o que nos mantém numa busca talvez seja da ordem das paixões, das afecções, mesmo os espaços estando cerceados pela racionalidade: na academia, na ciência, na história, na vida cotidiana.

Desconfio que não chegarei ao fim desta busca. Assim como desconfio de que não a iniciei no mestrado. E mesmo com um texto pronto, este objeto físico encerrado em sua materialidade, há, em cada linha, este transbordamento do que escapa, do não-escrito, do

---

<sup>6</sup> Leila Domingues Machado, 2008, p. 48

<sup>7</sup> Versos do poema “Cantares”, de Antonio Machado (1875-1939).

<sup>8</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 1994, p. 90.

<sup>9</sup> Walter Benjamin, 1987, p. 73.

<sup>10</sup> Jorge Luis Borges, que faz aqui menção a Chesterton, autor conhecido por seu humor peculiar. (2000, p. 26.).

não-concluído, do não-sabido. Talvez isto não seja próprio de uma dissertação, mas aprendi que a liberdade é um campo que só se ocupa nas tensões e que fazer uma pesquisa é escutar o que ela pede de nós, e muitas vezes são coisas que não conseguimos prever. Portanto só seguimos se assumirmos os riscos dessa escuta.

## Caminhos/sumário:

Para contar como se passaram esses dois anos, a divisão do texto foi feita da seguinte maneira:

1 → Pensando o fantástico.....	p.17
2 → Fazer e escrever.....	p.26
> um bando na rua.....	p.30
3 → Modo de vida urbano.....	p.35
> Limiares.....	p.40
4 → Construindo um olhar fantástico	
> paisagens de uma pesquisa.....	p.66
> tramas urbanas.....	p.73
5 → Anexo: Laboratório de Imagens da Subjetividade.....	p.100
6 → Referencias bibliográficas.....	p.101

Inicialmente com certo pesar, “isolei” o fantástico num capítulo, como uma variável num experimento. O risco, ou o pesar, estava em tratar o fantástico como algo objetivo e mensurável, encerrando a multiplicidade de compreensões e usos que se pode fazer do termo. “Nada é tão objetivo que mereça permanecer para sempre fixado”<sup>11</sup>. O capítulo permanece, porém, para ser utilizado mais ou menos como um glossário: apenas se o leitor desejar conhecer os caminhos e referências que utilizamos na construção de uma ideia acerca do fantástico, que estará presente ao longo de todos os outros capítulos. Mas não é o único modo, e nem queremos que seja, de pensar o *fantástico*.

O segundo capítulo dedica-se a questões sobre o método e algumas especificidades do trabalho feito em campo. Ao final da escrita, percebo que muitas dessas temáticas retornaram em outros momentos do texto, de modo que, para compreender como esta pesquisa foi feita, esse capítulo não basta. As marcas do método estão espalhadas por todo o texto.

O terceiro capítulo é uma discussão sobre a ideia de modo de vida urbano: que referências usamos e como a temos trabalhado no grupo de pesquisa. Neste capítulo, a experiência de campo é central para o desenvolvimento de questões que podem contribuir

---

<sup>11</sup> Ericson Pires, 2007, p. 12.

para um estudo acerca da produção de subjetividades no urbano. O subcapítulo "limiães" é composto por relatos de campo que constituem uma espécie de apanhado de temas sobre modo de vida urbano, suas problemáticas e seus desvios, fazendo uma primeira conexão entre a pesquisa de campo e o uso de fantástico que está sendo proposto.

O quarto capítulo divide-se em duas partes. A primeira, "paisagens de uma pesquisa", retoma os objetivos do trabalho e os modos que foram se criando para construir um olhar fantástico acerca da vida urbana. A segunda e última parte, "tramas urbanas", reúne experiências de escrita que buscam mais diretamente usar o fantástico como fio condutor e dispositivo de questionamento e desnaturalização, por meio de tramas construídas durante os dois anos dessa pesquisa. Este último capítulo não pretende, de forma alguma, concluir, mas, pelo contrário, abrir ainda mais as buscas por outros modos de olhar e contar a vida urbana.

Nos dois últimos capítulos, há textos e relatos de outras pessoas, referenciados nos mesmos. O percurso da pesquisa me permitiu trocar impressões e produzir contágio acerca do tema, de modo que esteve sempre colocada a importância de incluir outras produções nessa finalização.



## Pensando o fantástico:

O que no presente pode ser objeto de análise? A ressonância dessa pergunta torna-se insuportável, fazendo tremer todos os contornos com os quais me protejo: as paredes, as roupas, a pele, os ossos. Preciso de algum fora - *é preciso sair daqui, me iludo*. Vou pra rua.

É madrugada de quarta-feira e olho para cima. Aparece uma silhueta no céu, uma miniatura de homem caminhando em linha reta entre aqueles dois prédios gêmeos imensos, vertiginosos. Lá embaixo, na rua, uma mulher alerta a todos “vejam, um equilibrista! Ele anda, ele anda!”. Os que olham, tentam enxergá-lo – não apenas por ser tão alto que mal se consegue distinguir a silhueta humana, mas porque é preciso outro olhar “para experimentar o que não vemos, o que não mais veremos”<sup>12</sup>. Lá de cima, o funâmbulo ouve a multidão, jura ouvir os murmúrios e, então, faz algo que consegue ser mais assustador do que caminhar a tantos metros de altura sem nenhuma proteção: ajoelha-se sobre a corda de aço esticada entre os dois prédios e reverencia a rua, olhando para baixo. É uma visão única, nunca mais veria algo assim. Da mesma maneira, o policial encarregado de tirá-lo de lá sob a acusação de perturbar a ordem pública, tem uma sensação equivalente: é algo que só se vê uma vez na vida. É “quando ver é sentir que algo inelutavelmente nos escapa, isto é: quando ver é perder”<sup>13</sup>.

O equilibrista, percebendo a chegada dos policiais, delicia-se provocando aqueles que não dominam o ofício de andar sobre a corda-bamba. Gargalhando, se aproxima da beirada do prédio apenas para olhar para os olhos dos policiais que nada podem fazer e vira as costas, dando continuidade à sua dança louca.

Desafiando qualquer limite que pensávamos existir entre homem e altura, entre homem e equilíbrio, entre homem e lei, percebe-se próximo de *seu* limite quando, após 45 minutos, começa a sentir a umidade, o vento, as pernas. Durante os anos que planejara essa travessia, sentia que quando passasse o peso do pé que ainda estava na corda para a beira do prédio, iria aterrissar em outro mundo. Seus cúmplices pressentiam a mudança, sabiam que a linha que haviam ultrapassado se fecharia atrás deles logo depois.

---

<sup>12</sup> Didi-Huberman, 1998, p. 34.

<sup>13</sup> Didi-Huberman, 1998, p. 34.

Pisa, então, no terraço do edifício e é empurrado pelos policiais, antes impotentes, escada abaixo. Considera essa a parte mais perigosa da aventura. Já em terra firme, algemado e recebido por uma multidão de transeuntes e jornalistas, entre os quais há aqueles “seres verdes e úmidos que vivem de poesia”<sup>14</sup> que, emocionados, querem agradecer a ele pelo sopro de ar que lhes deu naquela manhã, pelo lampejo de vida que fora aquela aparição; e há aqueles mais práticos e organizados que querem saber seu nome, idade, nacionalidade, posição política, história familiar e, principalmente, o porquê daquele feito.

O equilibrista se perguntava: acabei de fazer algo fantástico, incrível, misterioso... e eles querem um porquê? Não há um porquê.<sup>15</sup>

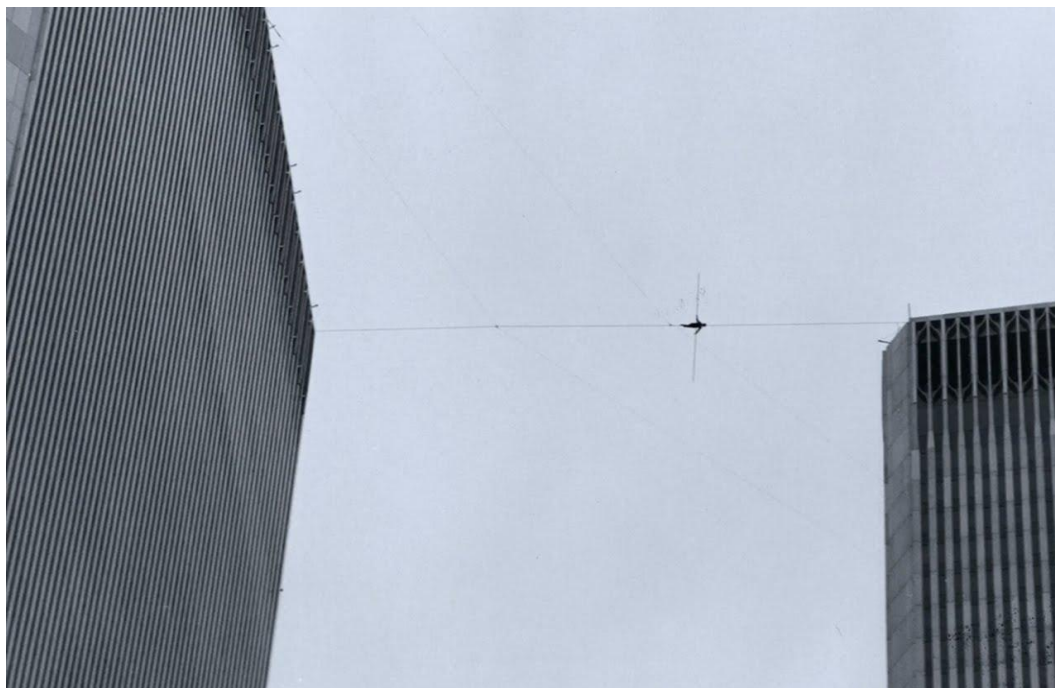


Figura 1: Cena do filme “O equilibrista”. Phillippe Petit atravessando as torres gêmeas em 1974.

---

<sup>14</sup> Julio Cortázar, 1998.

<sup>15</sup> Relato inspirado no filme “O equilibrista” (*Man on Wire*, Peter Marsh, 2008). Trata-se de um documentário sobre um homem que atravessou ilegalmente as torres gêmeas de Nova Iorque andando sobre uma corda-bamba sem proteção.

No gênero literário fantástico, sem que haja explicação, eventos ou elementos estranhos ao habitual são introduzidos no interior de uma narrativa realista. Há ampla bibliografia que tenta delimitar o gênero, cujas características tendem a se aproximar de outros dois gêneros, o estranho e o maravilhoso. O que interessa, no campo da teoria literária, para este trabalho, é uma especificidade que, segundo Todorov<sup>16</sup>, está no efeito de indecidibilidade na explicação. Seria a rara característica de uma narrativa que opta por não fazer um pacto de suspensão da realidade plausível (como no gênero maravilhoso, nos contos de fada, por exemplo), mas também não se entrega à verossimilhança, ou plausibilidade, como no gênero estranho, que tende a explicar o sobrenatural ou inusual por meio de algo plausível, como um sonho. “Não há um porquê” no fantástico.

A brecha da indecidibilidade constitui um efeito particular: uma quebra nas maneiras pelas quais estamos habituados a interpretar o mundo. E, como afirma Cortázar, um dos autores representativos desse tipo tão específico de literatura, é perfeitamente possível que esse efeito expanda-se às experiências da vida cotidiana. Podemos utilizar o termo “fantástico”, portanto, para designar uma sensação, não restrita ao campo literário, de hesitação, dúvida, estranhamento frente ao que nos é ensinado como sendo natural, habitual, real.

O uso do termo “estranhamento” se faz em diálogo com Ginzburg, em ensaio de 1996. O autor constrói um histórico acerca do conceito de estranhamento a partir de reflexões de Viktor Chklovski, que o designa como procedimento artístico e afirma que “a arte seria um instrumento para reavivar nossas percepções, que o hábito torna inertes”<sup>17</sup>. Chklovski, portanto, interessa-se pelos efeitos do estranhamento, e da arte em geral, na psicologia humana. Ginzburg retoma esse interesse colocando-o em outra perspectiva, que pode ser descrita como crítica a um modo de racionalidade que localiza em seu campo de saber: a história. Retoma, para isso, Marco Aurélio em escritos de autoeducação moral baseados na técnica estoica que “requer, antes de mais nada, que se anulem as representações erradas, os postulados tidos como óbvios, os reconhecimentos que nossos hábitos perceptivos tornaram gastos e repetitivos”<sup>18</sup>. Relaciona esses escritos com o procedimento literário do estranhamento e pontua que, além da função artística de reavivar a percepção, já afirmada por Chklovski, o estranhamento poderia ter uma função antipositivista: através de recursos utilizados no estranhamento como procedimento

---

<sup>16</sup> Tzvetan Todorov, 1975.

<sup>17</sup> Carlo Ginzburg, 2001, p. 16.

<sup>18</sup> Carlo Ginzburg, 2001, p. 22.

literário (como na narrativa de Tolstói<sup>19</sup>, na qual o narrador, um cavalo, tece considerações sobre a irracionalidade da propriedade privada, por exemplo), poderia se “olhar a sociedade com olhos distantes, estranhados, críticos”<sup>20</sup> e desconstruir ideias como “a de que a existência humana seja previsível; de que a guerra, o amor, o ódio, a arte possam ser encarados com base em prescrições prontas; de que conhecer signifique, em vez de aprender com a realidade, sobrepor um esquema a ela”<sup>21</sup>.

A esse estranhamento conecta o efeito fantástico citado anteriormente, formulando a hipótese de que *nessas configurações da sociedade contemporânea ocidental na qual vivemos, esse efeito pode potencializar o questionamento acerca do modo como temos vivido e interpretado o mundo e, portanto, sua transformação*, já que “seu incrível funcionamento nas sociedades modernas leva-nos a pensar que a modernidade com sua razão prática, criou para si mesma seu contra-discurso.”<sup>22</sup> Pode-se dizer que, dentro dos mesmos mecanismos que nos imbricam em uma espécie de supremacia da razão instrumental, criam-se combinações que desmembram essa supremacia, funcionam como resistência às hegemonias. Uma espécie de máquina de guerra<sup>23</sup> inevitavelmente se constrói num campo de múltiplas forças.

Portanto, não se trata o *fantástico* de uma romantização da vida, ou uma visão ingênua do mundo, como por vezes o termo pode sugerir. “(...) o fantástico é ruptura da ordem reconhecida, irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana, e não substituição total do universo real por um universo exclusivamente maravilhoso”<sup>24</sup>.

É, sobretudo, no exercício de esticar o conceito de realidade, nos processos de desnaturalização, desautomatização e deslocamento de perspectivas, que o fantástico pode dar a ver o mundo de outras formas. “Não é um outro universo que se ergue face ao nosso; é o nosso que paradoxalmente, se metamorfoseia, apodrece e se torna outro. A arte fantástica deve introduzir terrores imaginários no seio do mundo real.”<sup>25</sup>

<sup>19</sup> Liev Tolstói, Kholstomér, 2000, pp. 49-100.

<sup>20</sup> Carlo Ginzburg, 2001, p. 28.

<sup>21</sup> Carlo Ginzburg, 2001, p. 41.

<sup>22</sup> Alexandre Moraes, 2002, p. 181.

<sup>23</sup> “Máquinas de guerra não seriam definidas de modo algum pela guerra, mas por uma certa maneira de ocupar, de preencher o espaço-tempo, ou de inventar novos espaços tempos: os movimentos revolucionários, mas também os movimentos artísticos são máquinas de guerra.” Deleuze, 1990 *in Conversações*, 1992, p. 221.

<sup>24</sup> R. Calois *apud* Alexandre Moraes, 2002, p.181.

<sup>25</sup> Louis Vaz *apud* Alexandre Moraes, 2002, p. 181.

Pensamos que os encontros com o fantástico produzem um impacto, uma afecção forte capaz de perturbar o que está ordenado.

No final da década de oitenta, mais precisamente entre 1984 e 1990, Hakim Bey, o misterioso autor cujo nome real e paradeiro são desconhecidos, escreve textos que, mais tarde, foram publicados no Brasil sob o título *CAOS – terrorismo poético e outros crimes exemplares*.

Por terrorismo poético eu entendo ações não violentas em larga escala que podem ter um impacto psicológico comparável ao poder de um ato terrorista - com a diferença de que o ato é de mudança de consciência. Digamos que você tem um grupo de atores de rua. Se você chamar o que você está fazendo de “performance de rua”, você já criou uma divisão entre o artista e a audiência, e você alienou de si mesmo qualquer possibilidade de colidir diretamente nas vidas diárias da audiência. Mas se você pregar uma peça, criar um incidente, criar uma situação, pode ser possível persuadir as pessoas a participar e a maximizar sua liberdade. É uma estranha mistura de ação clandestina e mentira (que é a essência da arte) com uma técnica de penetração psicológica de aumento da liberdade, tanto no nível individual quanto no social.<sup>26</sup>

A proposta é bastante parecida com a dos situacionistas: subverter, através de situações ou ações, a lógica do consumo e da experiência mediada – a sociedade do espetáculo, cunhada por Guy Debord. Porém, Hakim Bey preocupa-se com a rápida apropriação, típica do desenvolvimento do capitalismo, que transforma estratégias subversivas em bens de consumo ora interessantes para a manutenção do próprio sistema, ora descartáveis porque “gastas”:

Para que funcione, o Terrorismo Poético deve afastar-se de forma categórica de todas as estruturas tradicionais para o consumo de arte (galerias, publicações, mídia). Mesmo as táticas da guerrilha Situacionista do teatro de rua talvez já tenham se tornado conhecidas e previsíveis demais.<sup>27</sup>

Ainda que sejam outros os impactos causados pelas proposições de Hakim Bey, este trabalho dialoga com elas, tanto em relação à crítica ao modo de vida capitalista, quanto em relação a nossas ideias sobre os efeitos que o fantástico pode produzir:

A reação do público ou o choque estético produzido pelo terrorismo poético tem de ser uma emoção ao menos tão forte quanto o terror. Não importa se o T.P. é dirigido a apenas uma ou várias pessoas, se é assinado ou anônimo: se não mudar a vida de alguém, ele falhou.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Hakim Bey, 2002.

<sup>27</sup> Hakim Bey, 2003, p. 7.

<sup>28</sup> Hakim Bey, 2003, p. 7.

Claro que o termo *terror* tem uma variabilidade de sentidos e nem sempre está a favor da potência de vida. Compreendemos o terrorismo poético de Hakim Bey como um possível instrumento de transformação de nossa maneira de viver por meio de interferências cuja proposta é produzir afecções impactantes, assim como pensamos o fantástico. Porém esse efeito se dá sempre em relação a um contexto, aos processos – locais e específicos, mas sempre transitórios – que estão em funcionamento. Por isso não procuramos um sentido “puro” e imutável para o fantástico e nem defini-lo como efeito equivalente ao terror. A relação que se faz aqui é específica a um dos possíveis sentidos de terror, cuja origem epistemológica deriva do verbo latino *terrere*: sentir terror; que, por sua vez, associa-se ao verbo *tremere*: tremer, vibrar. Terror, portanto, como o que faz o corpo vibrar.

Estamos, então, embrenhados no campo literário, historiográfico, artístico, social e político. Não é à toa que, apesar de esta não ser uma pesquisa sobre um autor, o que queremos do *fantástico* conversa muito com a obra de Júlio Cortázar (contos, romances e reflexões acerca de seu processo de produção literária). O autor fala diversas vezes de sua obra por um lado como uma espécie de proposição política de combate a aspectos da localizada cultura ocidental que nos fariam cada vez menos autênticos e imaginativos; por outro lado, também considera que sua escrita é consequência de uma série de experiências – fantásticas ou inusuais - que aparecem em seu cotidiano. Sobre o conto “Manuscrito achado num bolso”<sup>29</sup>, por exemplo, diz que nasceu de “uma dessas coisas que me acontecem frequentemente, e que para mim é um fato fantástico, ainda que qualquer teórico diga que não foi nada além do cumprimento de um puro acaso, palavrinha suspeita”<sup>30</sup>.

A convergência entre uma proposição política e sua experimentação no cotidiano constitui a fonte, por assim dizer, desta pesquisa. E estes estudos têm sido também uma estratégia para não sucumbir ao cansaço produzido um tanto pela escrita acadêmica, mas também pela vida ordinária na cidade contemporânea - sua aceleração, suas repetições, atrocidades e violências de todas as espécies – apostando em atentar para as pequenas (às vezes não tão pequenas) coisas que acontecem e me deslocam vertiginosamente. Afinal, “que de coisas estranhas não encontra a gente numa grande cidade, quando sabe por ela andar e ver!”<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> In: *Octaedro*, 1986, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira

<sup>30</sup> Julio Cortazar *apud* Brejejo, 2002, p. 46.

<sup>31</sup> Baudelaire, 1980, p. 116.

O que poderia ser esse “saber [pela cidade] andar e ver”? Cortázar, em ensaio intitulado “Do sentimento do fantástico” (2006), fala que sua sensibilidade para o fantástico não é inata: “Creio que na infância nunca vi ou senti diretamente o fantástico; palavras, frases, narrativas, bibliotecas, foram-no destilando na vida exterior por um ato de vontade, uma escolha”<sup>32</sup>. Desse modo, o autor compartilha uma ideia generosa, a de que temos *alguma* possibilidade de escolha em nosso modo de ver o mundo.

Ampliando essa ideia, referenciamos Foucault em seu modo particular de historiografia, a genealogia<sup>33</sup>, que privilegia “a elaboração de *certas* narrativas (ou a luta pelo encerramento das *grandes*)”<sup>34</sup>. Essa escolha é afirmada ao longo de sua obra e mostra através dessas narrativas que, em diversos períodos históricos, a resistência ou inquietação face ao que era considerado usual, natural, sempre esteve presente, mas nunca em evidência, nunca registrada na História Oficial. Colocar essas histórias de resistência em questão tem como proposição provocar alguma mudança nos rumos do presente:

Eu não sou propriamente um historiador. E não sou romancista. Pratico uma espécie de ficção histórica. (...) Tento provocar uma interferência entre nossa realidade e o que sabemos de nossa história passada. Se sou bem sucedido, essa interferência produzirá efeitos reais sobre nossa história presente.<sup>35</sup>

Entre as proposições de Cortázar e de Foucault, podemos encontrar uma mesma preocupação em desconstruir o que, outrora ou no presente, é dado como norma<sup>36</sup>. Claro que Foucault não poderia ser classificado como um pensador do fantástico, porém as intenções e os efeitos de sua obra podem ser relacionados aos efeitos de certa literatura fantástica (essa que nos interessa), implicada em interferir no presente através da desnaturalização de práticas e ideias. Desnaturalizar pode ser desconcertante e, portanto, produzir algum tipo de *fissura*<sup>37</sup> no que somos hoje. Essa possibilidade será o fio

<sup>32</sup> Julio Cortázar, 2006, p. 177.

<sup>33</sup> Foucault discorre sobre o conceito de genealogia nos textos “Nietzsche, a genealogia e a história” (1971) e “Genealogia e poder” (1976), disponíveis na coletânea *Microfísica do poder*, 2013, pp. 55-86 e pp. 262-277.

<sup>34</sup> Heliana Conde Rodrigues, 2005, p. 18.

<sup>35</sup> Michel Foucault *apud* Heliana Conde Rodrigues, 2005, p. 23.

<sup>36</sup> Canguilhem questiona o modo como se utiliza o conceito “normal”, principalmente na medicina. O autor critica a visão de que normal estaria relacionado apenas à norma, adequação estatística quantitativa, e defende que o que foge às normas pode ser perfeitamente saudável, tanto em termos fisiológicos como psicológicos. (*O normal e o patológico*, 2009).

<sup>37</sup> Para Deleuze, a fissura é como uma rachadura numa superfície, que não a destrói por completo, mas agride-a, abrindo possibilidades de transformação. “A fissura continua sendo apenas uma palavra enquanto o corpo não estiver comprometido e enquanto o fígado e o cérebro, os órgãos, não apresentem estas linhas a partir das quais se prediz o futuro e que profetizam por si mesmas. Se perguntamos por que não bastaria a

condutor para as conexões que fazemos neste trabalho, seja por meio da literatura, da filosofia, das artes ou das práticas urbanas.

As referências utilizadas acerca do termo “fantástico” não devem servir para defini-lo, mas para nos ajudar a urdir tramas acerca da vida urbana que sirvam aos propósitos de estranhamento, desnaturalização e desautomatização, são *fiões de fantástico*.

Uma das maiores dificuldades em fazer com que o *fantástico* não se encerre em palavras, referências e definições está colocada em certa perspectiva de teorização que remete à explicação, encerramento de sentido e totalização, sob o risco de tornar-se sem vida, sem utilidade "mundana", já que separa teoria e prática. O livro de Todorov: *Introdução ao fantástico*, por exemplo, que foi aqui brevemente utilizado, é citado por Cortázar da seguinte maneira:

“O livro pode até ser útil como instrumento de trabalho mas, terminada a leitura, o meu sentimento do fantástico não havia sido explicado. Abri mão de definir o fantástico, ocorre o mesmo que acontece com a poesia que, segundo aquele humorista, é 'o que fica de fora depois de se definir poesia'”.<sup>38</sup>

Sua fala é muito parecida com a de Jorge Luis Borges - outro autor importante e inspirador para nos lançar ao universo fantástico - acerca das tentativas de teorizar a poesia: “sempre que folheava livros de estética, tinha a desconfortável sensação de estar lendo as obras de astrônomos que nunca contemplavam as estrelas”.<sup>39</sup> Diz que as definições de poesia podem, claro, ser úteis, ele próprio tem a sua na manga. Porém,

“todos sentimos ser bastante frágil. Existe algo muito mais importante (...). Isso é o que *sabemos* ser a poesia. Sabemos tão bem que não podemos defini-la em outras palavras, tal como não podemos definir o gosto do café, a cor vermelha ou amarela nem o significado do amor, do ódio (...)”<sup>40</sup>

Eis um desafio que almejamos: *contagiar* os leitores e interlocutores deste trabalho, possibilitar que o contato com esses sentidos de fantástico sejam mais experimentados que esclarecidos, pois nossa proposição é que sirvam como fios condutores para questionar o automatismo com que temos vivido e interpretado o mundo, mas que

---

saúde, por que a fissura e desejável é porque, talvez, nunca pensamos a não ser por ela e sobre suas bordas e que tudo o que foi bom e grande na humanidade entra e sai por ela, em pessoas prontas a se destruir a si mesmas e que é antes a morte do que a saúde que se nos propõem..” (Deleuze, 1974, p. 165).

<sup>38</sup> Julio Cortázar *apud* Brejejo, 2002, p. 36.

<sup>39</sup> Jorge Luis Borges, 2000, p. 11.

<sup>40</sup> Jorge Luis Borges, 2000, p. 27.



também possibilitem conexões que ajudem a ativar certa percepção, crítica e encantada, sobre o que se passa à nossa volta.



Figura 2: Encontrando equilibristas no treinamento de bombeiros na Cidade Alta, Vitória, 2014.  
Foto de Syã Fonseca.

## Fazer e escrever:

*(...) quantas vezes me pergunto se isso não é mais do que escrita, numa época em que corremos para o engano dentre equações infalíveis e máquinas de conformismos. (Julio Cortázar, O jogo da amarelinha, 2009, p.442).*

O pensamento não se dá de modo linear, corre mais ou menos solto e, rápido, muda seu curso, deixando-se desviar pelos acontecimentos. Não ocorre o mesmo com a escrita, feliz ou infelizmente. Dentro desta pesquisa-busca que ainda permanece, o anseio por uma escrita que faça jus ao processo vivido leva-me ao seguinte impasse: escrever de maneira fluida, mais fiel ao pensamento e às interpelações da vida no texto *ou* deixar claros os caminhos que o pensamento percorreu, por meio de um texto mais rígido e organizado, para chegar às ideias e questionamentos aqui propostos. Sim, caio numa dicotomia aqui, assim como caio nas dicotomias em diversos momentos da vida: pensando, escrevendo, conversando, olhando... Mas os binarismos não dão conta da complexidade, são uma fórmula pronta, que achata as diferenças, anula as nuances e dá a ilusão de facilitar o curso do pensamento. Vivemos isso no cenário político atual de uma maneira extrema, que tem produzido um tipo de violência que nada tem de potência transformadora.

Percebo que, para me fazer entender, é preciso algum tipo de organização do pensamento. Mas é possível, nesta tentativa de transmitir o que se passou nesses dois anos de pesquisa, questionar dicotomias e não se submeter às formas já dadas de organizar uma dissertação de mestrado?

Gostaria de fazer um texto que fosse uma espécie de colagem. Uma colagem "desmascarada", que desse a ver os recortes e o fio de cola entre cada elemento conectado. Que desse a ver as noites mal-dormidas, os cinzeiros lotados, o estômago doído de café<sup>41</sup>. Que desse a ver a produção dessa produção de registro<sup>42</sup>, a conexão de elementos que formam um outro elemento que se mostra como acabado - como se sempre estivesse ali, sempre daquela forma. Mas este texto não nasceu pronto e não se pretende

---

<sup>41</sup> Em artigo intitulado "O desafio ético da escrita" (Leila Domingues Machado, 2004), coloca-se a importância ética dos rastros das implicações vividas no processo de escrever, como os cigarros fumados e as noites maldormidas.

<sup>42</sup> Deleuze e Guattari (2010, p. 11-21) ampliam o sentido do termo produção quando negam a independência de esferas e circuitos tais como registro, consumo e produção. Tudo é entendido como produção de processo, "produções de": (produção de produções, produção de registros, produção de consumos).

encerrado, pois carrega inúmeras brechas de sentido que permitem que outras conexões sejam feitas a cada leitura.

Foucault, em entrevista para o jornal *Gai Pied*, diz que a amizade é um modo relacional que permite que se “formem alianças, que se tracem linhas de força imprevisas”<sup>43</sup>. O levantamento bibliográfico, aqui, foi se fazendo por uma espécie de ética da amizade: um autor leva a outro, que leva a outro e, por vezes, é mesmo possível imaginá-los reunidos numa mesa de bar conversando. A rede teórica foi tecendo-se, desse modo, consistente numa certa cumplicidade dos autores acerca de determinadas questões e/ou conceitos e também acerca de práticas éticas que vão na direção da resistência a submeter-se ao que nos é oferecido para consumo fácil e imediato.

Curioso como esse modo de pensar a pesquisa produz um tipo de sensibilidade que trama fios fantásticos: a escrita é atravessada por uma música que toca em algum lugar e, espantosamente, canta-se uma frase idêntica à que estamos escrevendo; uma conversa no ônibus, com um desconhecido, que fala sobre algo que estávamos procurando, elucida questões que estavam turvas em nosso pensamento; o livreiro, de súbito, oferece um livro de presente cujo primeiro texto parece uma resposta às indagações de nossas pesquisas. Desse modo, não apenas a bibliografia, mas a própria pesquisa se faz em meio à amizade. E os autores, nossos interlocutores, são híbridos não apenas por estarem em campos de saber diversos, mas também porque consideramos igualmente importantes as ideias de um acadêmico acerca da cidade e de um transeunte, morador da cidade da qual estamos falando. Todos pesquisamos, seja um tema conceitual, seja o caminho mais interessante para chegar em casa. E me interessam igualmente os percursos de toda pesquisa que dialogue com o urbano e com os modos de viver no urbano. Por isso esses autores “da rua” terão aqui lugar, e cito-os como foi possível, já que muitas vezes não cheguei a saber seus nomes.

Essa escolha tem por base o que Foucault cunhava em suas pesquisas como “espécie de produção teórica autônoma, não centralizada, (...) que não tem necessidade, para estabelecer sua validade, da concordância com um sistema comum”<sup>44</sup>. Heliana Conde reconhece, nas produções de Foucault, o caráter local da crítica, que se dá através de um

---

<sup>43</sup> Michel Foucault, 1981, p. 38.

<sup>44</sup> Michel Foucault *apud* Heliana Conde Rodrigues, 2005, p. 17.

retorno de saber, ou seja, a revalorização do saber das pessoas, “saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade”<sup>45</sup>:

Consoante Foucault, a crítica local deve seu impacto exatamente a essa junção entre ‘o saber sem vida da erudição e o saber desqualificado pela hierarquia dos conhecimentos e ciências; em última análise, ao saber histórico da luta’<sup>46</sup>

Levando em conta que as avaliações e leituras estão engendradas num meio acadêmico que não está habituado a esse modo de pesquisar, afirmamos nosso lugar junto às proposições de Foucault, distinto das classificações hegemonicamente aplicadas, pela possibilidade de outras formas no pesquisar.

Por meio da escrita, principalmente, é que esse trabalho toma forma. E, mais que uma estratégia, pensar o modo dessa escrita se mostra um desafio ético: “a escrita como um desmanchar do Idêntico”<sup>47</sup>. O trabalho que fazemos é rigorosamente voltado a uma ética da multiplicidade. Não queremos matar os múltiplos sentidos, pois apostamos na função do conceito como dispositivo encarnado – a que podemos dar carne, usar em nossas ações no mundo e, portanto, constituir-se de modo vivo, móvel, capaz de traçar as linhas de força imprevistas das quais Foucault se interessa na amizade.

Além disso, é interessante lembrar que, às vezes, escrever uma pesquisa é escrever algo que, por acaso, já estava escrito. Nesses casos, Pierre Menard<sup>48</sup> nos ensina que é preciso um trabalho extra, é preciso viver cada pensamento que levou a cada palavra para poder escrevê-las sem que seja uma cópia. Se o que já está escrito é exatamente o que queremos dizer, é preciso senti-lo com todo o corpo para que o texto não seja uma chuva de citações e paráfrases que remetem ao Idêntico, àquilo que não tem potência de diferir por sempre estar atrelado a um modelo original, herança do pensamento platônico, segundo Deleuze<sup>49</sup>.

A escrita de um texto é campo de muitas reflexões, portanto. Como organizá-lo, a quem se dirigir, como se referir? Cortázar, sempre preocupado com essas questões, publica *O jogo da amarelinha* de modo curioso: convidando o leitor a escolher de que forma quer ler o livro:

---

<sup>45</sup> Michel Foucault, 2013, p. 168.

<sup>46</sup> Heliana Conde Rodrigues, 2005, p. 17.

<sup>47</sup> Leila Machado, 2004, p. 149.

<sup>48</sup> Pierre Menard é personagem do conto "Pierre Menard, autor de Don Quixote", de Jorge Luis Borges. O narrador do conto relata a experiência de Pierre Menard, que trabalhou durante anos para escrever o livro de Cervantes, já escrito, repetindo-lhe palavra a palavra sem que fosse uma cópia.

<sup>49</sup> Gilles Deleuze, 2000.

À sua maneira, este livro é muitos livros, mas é, sobretudo, dois livros. O leitor fica convidado a *escolher* uma das seguintes possibilidades: O primeiro livro deixa-se ler na forma corrente e termina no capítulo 56, ao término do qual aparecem três vistosas estrelinhas que equivalem à palavra *Fim*. Assim, o leitor prescindirá sem remorsos do que virá depois. O segundo livro deixa-se ler começando pelo capítulo 73 e continua, depois, de acordo com a ordem indicada no final de cada capítulo.<sup>50</sup>

A obra tem características de romance, majoritariamente uma narrativa linear, porém o autor introduz, nas duas principais maneiras de ler o livro, quebras na história, de maneira a cortar a relação emocional do leitor com a historinha-de-amor, ou historinha-de-crise-existencial que pode ser forjada na leitura. Essas quebras são trechos de outros autores, trechos de notícias de jornal, pensamentos soltos, pensamentos das personagens descontextualizados da trama, mas que incitam o leitor a fazer conexões. Não apenas nos parece generosa, mas também extremamente crítica e potente essa organização de Cortázar, pois fica impossível ler *O jogo da amarelinha* sem experimentar algum tipo de estranhamento<sup>51</sup>. Seja por conta do próprio conteúdo, que por vezes nos confunde, seja pela própria relação física com o livro, pois a ordem dos capítulos não necessariamente segue a ordenação convencional das páginas numeradas, o que nos leva a, por exemplo, estar no final do livro físico mesmo tendo apenas começado a lê-lo ou, ao terminar, ter percorrido apenas a metade das páginas. É uma leitura que nos força o pensamento e nos incita a criar algum tipo de deslocamento.

Aqui, porém, estamos no campo da escrita acadêmica, campo que segue fortalecendo-se por um tipo de escrita “dura”, sem espaço para poéticas. Os estudos da filosofia da diferença e a pesquisa cartográfica<sup>52</sup> têm aberto possibilidades de afirmar outras escritas na academia, produzindo também alguns vícios e repetições. Um deles é a produção de “manifestos metodológicos” nos quais se repetem os motivos da escolha pela cartografia, justificando-a por meio da crítica ao positivismo. “Belos e consistentes, quase todos eles; porém vez por outra intermináveis, qual obedientes ‘pedidos de autorização’ aos cânones hegemônicos, fazendo em decorrência minguar o problema efetivamente em pauta”<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> Julio Cortázar, *O jogo da amarelinha*, 2009, tabuleiro de direção.

<sup>51</sup> O termo “estranhamento” é utilizado neste trabalho a partir das reflexões de Carlo Ginzburg, citado no capítulo de introdução ao fantástico.

<sup>52</sup> Suely Rolnik é referência na ideia de cartografia no Brasil. As principais publicações sobre o tema são: *Cartografia sentimental* (São Paulo: Estação Liberdade, 1989) e *Cartografias do desejo* (Petrópolis: Editora Vozes, 2000.), que escreveu com Guattari.

<sup>53</sup> Heliana Conde Rodrigues, 2011, p 236.

Faz-se preciso pensar em formas outras<sup>54</sup>, já que estamos a pensar em modos de vida outros. A forma como se escreve é uma prática política na medida em que produz modos: modos-leitores, modos-escretores, modos-acadêmicos, modos-de-ver. Não nos interessa a escrita que produz o leitor-cérebro, que lê pela cabeça, busca uma teoria; o leitor-juiz, à procura de acertos e erros, de verdades; o leitor-dócil, envolvido dramaticamente no que lê, submisso como um espectador a uma novela. Nos interessa a produção de um leitor ativo, que se envolve sim, mas que pode largar o texto para ir à rua viver o que inventou com a leitura. “Tudo é escrita, ou seja, fábula. Mas para que nos serve a verdade que tranquiliza o honesto proprietário? A nossa verdade possível tem de ser invenção”<sup>55</sup>.

A intenção é, portanto, não explicar a tentativa de uma outra escrita, mas tentar **atuar**, na escritura, um pensamento inventivo e experimentar estranhamento no modo como temos vivido, com fios de fantástico. Produzir, então, quebras no texto **assim como na vida**. Atuar um pensamento mais fluido, que é interrompido, que se faz de fragmentos, cuidando, entretanto, para não cair em um ensimesmamento incomunicável, que não permite que o que se escreve possa ser lido, a não ser por quem escreveu. Como produzir cortes sem se cortar?

### **um bando na rua:**

Estamos, então, na Universidade junto a um programa de pós-graduação e a um grupo de pesquisa, o Laboratório de Imagens da Subjetividade – Lis. Talvez o leitor se pergunte por que o texto está ora no plural, ora no singular, ora em primeira pessoa, ora em terceira, ora no passado, ora no presente... Não é desleixo nem revolta contra nossa sofisticada gramática, posso garantir. Não posso dizer que sei exatamente o que se pretende com isso, pois de fato é o modo como tenho conseguido escrever. Poderia corrigir, ou ao menos tentar organizar e explicar quem são essas vozes, mas esse efeito me parece bastante elucidativo quanto ao modo de pesquisar em que estou imersa, que estamos construindo. O eu e o nós se confundem muitas vezes, já que somos um bando que se constitui a cada vez que nos encontramos, dentro ou fora da Universidade.

---

<sup>54</sup> O termo *outra* colocado ao final tem por objetivo diferenciar o sentido que se dá, por exemplo, ao dizer outra vida e vida outra. *Otra vida* remeteria à transcendência desta vida e entrada em uma outra, melhor, superior; *vida outra* remeteria a possibilidades dentro desta mesma vida, que configuram diferenças, que escapam às forças de totalização, tal como esclareceu Peter Pal Pelbert em palestra no Colóquio "Foucault y America Latina", realizado entre os dias 13 e 15 de agosto de 2014 em Buenos Aires, Argentina.

<sup>55</sup> Julio Cortázar, 2009, p. 443.

O que nos faz bando é o questionamento acerca de nosso modo de vida: "que fazemos de nós mesmos?", pergunta foucaultiana por nós replicada em uma outra pergunta: "o que fazemos do que tem sido feito de nós?". Se colocar como bando afirma-se como um destes fazeres, já que é uma maneira de resistir ao modo de funcionamento da Universidade (mas não apenas) que reforça a competição, a instrumentalização das relações e a propriedade privada das ideias.

Contudo, faz-se importante explicitar que antes de nomear-mo-nos bando, fazemos funcionar uma forma bando, experimentamos um outro modo de estarmos juntos e produzirmos nossas atividades. A concepção de bando, presente nos escritos de Deleuze e Guattari<sup>56</sup>, nos ajuda a compreender o modo como temos operado sob as perspectivas do "viver junto" e do "viver só". O que se difere de certas argumentações de grupalidade e de coletivo, termo que em seu excessivo uso corrente tem se esvaziado de sentido, sendo um bom exemplo para pensarmos sobre o quanto as palavras dizem pouco do que se efetiva no viver.<sup>57</sup>

Trabalhamos juntos uma maneira de pensar que não se separa da ação, de modo que para o estudo acerca do modo de vida urbano, é indispensável habitar o espaço urbano e suas produções, as dores e as alegrias vividas na cidade. Cada um do bando com sua maneira de habitar, produz interesses e preocupações específicas, que se constituem em pesquisas diferentes, porém conectadas por um projeto comum: "Coisas que se passam sobre a pele da cidade: clínica urbana e políticas de subjetivação no contemporâneo". Esse projeto consiste em sair às ruas e realizar o que nomeamos interferências urbanas: escutar histórias de vida, histórias de lugares, inventar histórias, inventar lugares, pensando nelas como uma forma de cuidar do que vemos e ouvimos, ora buscando transformar o que percebemos adoecedor, ora somando forças com o que percebemos potente<sup>58</sup>.

O que acreditamos ser diferente do que se faz no campo das artes, por exemplo, em nosso modo de intervir, é o tipo de atenção que tentamos construir acerca de nossas ações. Pensamos nas interferências e no que elas nos devolvem como uma **escuta** e um **cuidado** acerca dos modos de vida urbanos. Damos importância a um olhar clínico, que vem das articulações com a psicologia, área da qual se origina o Lis. Nesse sentido, o que fazemos é *clínica urbana*. Nos alinhamos com as perspectivas da clínica ampliada<sup>59</sup>, pensando-a

<sup>56</sup> Deleuze e Guattari discorrem sobre a ideia de bando no livro *Mil platôs 4*, 1995, p. 47.

<sup>57</sup> Leila Domingues Machado, 2016.

<sup>58</sup> Ao final, em anexo, lista de links que dão acesso a alguns materiais produzidos pelo Lis entre 2012 e 2015.

<sup>59</sup> Proposta de Política Pública de Saúde Mental explicada na cartilha do HumanizaSUS (Ministério da Saúde: 2009). Trata-se da importância de ampliar a abordagem clínica na Saúde Pública brasileira, dando enfoque a atender mais adequadamente aos princípios de Universalidade, Equidade e Integralidade. A

como transformadora e geradora de autonomia. Também questionamos o tipo de produção de cuidado que vem se fazendo, geralmente concentrado em um especialista, que detém os meios de cuidar, e um ou um grupo de pacientes, que precisam ser cuidados. A produção de cuidado na cidade, como pensamos a clínica urbana, é necessariamente uma produção coletiva cuja especialidade não se concentra no profissional da saúde, mas transita pelos modos de vida que produzem potências.

Quando saímos a campo para realizar uma interferência ou estudar o lugar no qual pretendemos interferir, acontecem, claro, muitas coisas, de modo que o objetivo que tínhamos ao sair pode, ou melhor, vai sem dúvida transformar-se ao longo do processo. Cada ação é, portanto, resultado de um trabalho de campo e de pesquisa teórica que consistiu em combinados e planos feitos *a priori*, mas também em suas modificações. Essa postura está em conexão com os estudos que fazemos sobre o conceito de deriva e de flaneur<sup>60</sup>, colocando-os em funcionamento por meio da prática de pesquisar a cidade experimentando-a, andando por ela de maneira errante, sentindo seus fluxos.

Entre encontros e desencontros com os conceitos e seus autores, irrompem encontros com o tema desta pesquisa assim, no meio da vida. Os fios de fantástico na vida urbana decerto existem, mas não se podem apreender como configuração estável “(...) se parece com uma atmosfera ambiente, onde só a vida pode engendrar-se para desaparecer de novo com o aniquilamento dessa atmosfera”<sup>61</sup>. É como um portal, que aparece e desaparece de acordo com condições que, mesmo que fossem de interesse mapear, não seria possível, pois as tramas fantásticas não seguem leis habituais - nas quais há uma causa que produz um efeito e, dentro das mesmas condições, chega-se ao mesmo efeito. “O fato fantástico (...) se dá uma única vez porque, evidentemente, responde a um ciclo, a uma série de ações e interações que escapam completamente à nossa razão e nossas leis”<sup>62</sup>. Sustentar a ignorância acerca desse desconhecido ciclo exige um corpo. O corpo que chama, como calor de fogo hipnótico, permite que esse portal da experimentação da realidade surreal se abra de quando em vez. “Me lança à questão de não saber o que vem

---

prática clínica é pensada como potencializadora, não mais como restauradora do estágio de saúde anterior ao sintoma.

<sup>60</sup> O conceito de deriva é de autoria de Guy Debord e o conceito de flaneur é de autoria de Charles Baudelaire, sendo desenvolvido também por Walter Benjamin.

<sup>61</sup> Nietzsche *apud* Deleuze e Guattari, 1997, p. 95

<sup>62</sup> Julio Cortazar *apud* Bremejo, 2002, p. 37



a ser meu próprio corpo, entre sua capacidade de fazer volume e sua capacidade de se oferecer ao vazio, de se abrir”.<sup>63</sup>

O corpo disponível a esse vazio nos serve como instrumento de pesquisa e é também produzido pela pesquisa. Cortázar parece mencionar algo próximo quando diz:

Nessa vida aparentemente unilateral que levamos, e que nos impõe um pouco a inteligência, que é pragmática, utilitarista e seletiva, ocorre constantemente comigo algo que seria o processo inverso ao que se faz para tirar uma fotografia [...] as coisas se afastam, se movem, correm para um lado, e então desse vazio, dessa espécie de interstício que não sei exatamente o que é, surge uma incitação que em muitos casos me leva a escrever, ou pelo menos me coloca em um estado de porosidade ou receptividade [...] nesse sentido sou um pouco para-raios.<sup>64</sup>

A disponibilidade e a chama de um corpo que é surpreendido pelos encontros, ou melhor, que se faz nos encontros, nos treinos<sup>65</sup>, nas experimentações, nos desejos, nos incômodos cotidianos. Incômodos frente a um olhar planejado e pré-fabricado; aos contornos estreitos e estáveis que somos levados a dar aos nossos corpos para caber na cidade; aos binarismos de classe, de gênero, de valor, políticos; às explicações envoltas em uma concepção de razão que nos faz criaturas menos imaginativas. Desejos de histórias, de experiências, da "irrupção de um acontecimento [que] nos convoca a criar figuras que venham dar corpo e sentido para a arregimentação de diferenças que ele promove. [que] Faz tremer nossos contornos e nos separa de nós mesmos, em proveito do outro que estamos em vias de nos tornar”<sup>66</sup>.

O anseio por escrever por meio do fantástico é desejo de experimentá-lo, de cultivá-lo, contá-lo, produzi-lo, de criar contágio. A vida urbana como campo de pesquisa, buscando, cuidando e produzindo fios fantásticos. Uma cartografia do desejo, então, vai sendo desenhada, que investiga o tema com o cuidado e a intensidade com que se investiga o corpo de um amante:

Toco a tua boca, com um dedo toco o contorno da tua boca, vou desenhando essa boca como se estivesse saindo da minha mão, como se pela primeira vez a tua boca se entreabrisse e basta-me fechar os olhos para desfazer tudo e recomeçar. Faço nascer, de cada vez, a boca que desejo, a boca que a minha mão escolheu e te desenha no rosto, uma boca eleita entre todas, com soberana liberdade eleita por mim para

<sup>63</sup> Georges Didi-Huberman, 2010, p. 38.

<sup>64</sup> Julio Cortazar *apud* Bremejo, 2002, p. 45

<sup>65</sup> Ideia do treino e da experimentação do corpo é desenvolvida por Bruno Latour no artigo “Como falar do corpo”. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>

<sup>66</sup> Suely Rolnik, 1995, p. 1

desenhá-la com minha mão em teu rosto e que por um acaso, que não procuro compreender, coincide exatamente com a tua boca que sorri debaixo da mão que te desenha.<sup>67</sup>

Nas próximas páginas, estarão reflexões e experiências vividas em campo com esse bando Lis, urdidas por leituras, discussões, conceitos e pelos fios de fantástico que, felizmente, não são apenas meus e nem são mais os mesmos. Durante o processo pudemos produzir contágio acerca dos interesses específicos de cada um do bando e considero de extrema importância incluir, como “resultados”, produções de colegas que encarnaram o fantástico como dispositivo de pensamento e de criação, pois é como vi que foi possível comunicar algo do que me propus a trabalhar. A sensação de transmissão, de que uma ideia pode ser compartilhada e encarnada, é o que me parece mais importante num trabalho acadêmico e, talvez, em todos os âmbitos da linguagem.

Que os fios de fantástico, lá do começo, já esgarçados, desfiados, desbotados, não parem de se alongar, se transformar e tecer relações.

---

<sup>67</sup> Julio Cortázar, 2009, p. 49.

## Modos de vida urbanos:

O olhar que aqui se pretende para a vida na cidade é voltado para produções de subjetividade, para modos de vida. Entendemos modo de vida a partir da leitura de Foucault, Deleuze e Guattari, que compreendem o sujeito não mais como uma forma padrão “natural”, imutável, indivisível e atemporal, mas como algo provisório que, em constante relação com múltiplas forças, produz formas que serão necessariamente temporárias, por isso a ideia de processo<sup>68</sup>.

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, de modos de memorização e de produção ideica, sistemas de inibição e de automatismo, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos etc.). Toda a questão está em elucidar como os agenciamentos de enunciação reais podem colocar em conexão essas diferentes instâncias.<sup>69</sup>

Quando falamos, portanto, de modos de vida, é preciso compreender que não se encerram em práticas individuais tampouco em práticas socioculturais, mas se fazem todo o tempo desses entrelaçamentos. O conceito de subjetividade proposto por esses autores vai além do rompimento com a categoria de indivíduo igual a si mesmo, pois transgride também o senso comum que tende a cultivar a ideia de singularidade remetendo-a a certa transcendência do “único”, colocando-a a parte do coletivo.

A subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo. Uma coisa é a individuação do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (...)fundar, em outras bases, uma micropolítica de transformação molecular passa por um questionamento radical dessas noções de indivíduo, como referente geral dos processos de subjetivação.<sup>70</sup>

<sup>68</sup> O artigo “subjetividades contemporâneas” (Leila Domingues Machado, 1999) desenvolve a ideia de modo de vida ou processos de subjetivação, bem como de seu caráter provisório.

<sup>69</sup> Felix Guattari e Suely Rolnik, 2000, p. 31.

<sup>70</sup> Felix Guattari e Suely Rolnik, 2000, p. 31.

Existe nesta ideia uma implicação política importante, já que “nos serve de desvio do imperativo de identidade: exigência daquilo que é idêntico a si desviado pelo rio heraclítico que impede o estancar do mundo em formas ou substâncias reificadas.”<sup>71</sup> Olhar para os processos de subjetivação significa não aceitar modelos que nos são impostos, não deglutir facilmente as identidades prontas e fixas, não aceitar a predominância desses modelos. Os processos de subjetivação são sempre de criação de si e nunca são *totais*, isto é, imutáveis, indivisíveis, eternos, como nos remete esse culto ao único. Da mesma maneira, nunca são totais os processos de sujeição aos conteúdos geracionais, econômicos e culturais aos quais estamos submetidos. Nesse sentido, criamos condições para propor um olhar crítico sobre o que nos é dado como realidade ou como História, já que não há uma única, imutável e eterna verdade. “O interesse (...) é o de reconstruir o passado enquanto ele está vivo no presente, enquanto ele está atuante e pode determinar ou já está determinando o futuro.”<sup>72</sup>

Para a pesquisa que desenvolvemos no Lis, escolhemos estudar os processos contemporâneos de subjetivação no urbano.

Os processos de subjetivação se dão, claro, em conjunto com os fluxos urbanos. Na cidade, tal como vem sendo constituída, produzem-se modos de subjetividade. Quando falamos, portanto, de modo de vida urbano, não estamos evocando a cidade apenas como estrutura física e sistema organizacional, mas como modos de subjetividade arquitetados em hipotéticos mapas de navegação que se desfazem nas invenções de traçados em fuga. Assim como Foucault que, em entrevista, diz interessar-se não pela homossexualidade em si, mas pelo modo de vida homossexual<sup>73</sup>, estudamos o *urbano* desdobrando-se em modos de existir que estão em constante transformação. “Um modo é uma relação complexa de velocidade e lentidão, no corpo, mas também no pensamento, e é um poder de afetar e de ser afetado, do corpo ou do pensamento.”<sup>74</sup>

As cidades são, em última instância, organizações e criações de elementos voltadas a projetos de modos de vida:

O projeto de cidade que se espalhou pela América Latina não é outro senão aquele traçado na Europa barroca (ou clássica): um plano que visava antes de qualquer coisa a harmonizar o indivíduo e a ordem dos sentidos e do poder que se espalhava sobre o espaço. A cidade como

<sup>71</sup> Tani Galli e Luis Artur Costa, 2012, p. 221.

<sup>72</sup> Gregorio Barembliitt, 2012, p. 36.

<sup>73</sup> Michel Foucault, 1981.

<sup>74</sup> Gilles Deleuze, 2002, p. 129

determinante do sentido sobre o indivíduo se não é um produto moderno especificamente, foi na modernidade utilizada como ícone de todo um período que se construía. (...) Na cidade moderna mais do nunca temos o sentido do planejamento (...). O mundo moderno organizou a ‘cidade clássica ou barroca’ de uma forma a garantir não apenas a ordem mas a interferir na ordenação do sujeito e seu hábito de indivíduo adaptado a um sistema. A cidade reproduz diretamente um tipo de organização e seus problemas no mundo moderno sempre estiveram ligados à hierarquia que imprimia na vida dos seus habitantes.<sup>75</sup>

No contemporâneo, o tipo de organização das cidades e seus efeitos interferem não apenas nos hábitos do morador das grandes cidades, mas constituem um modo de vida que extrapola a experiência individual de habitar uma cidade, um modo urbano. Além da ordem e do planejamento, a pressa constante, a multiplicidade de fontes de informação, a vida hiperfuncional, os espaços de segregação, por exemplo, não são mais específicos das grandes cidades. Como conceitua Guattari, o sistema do Capitalismo Mundial Integrado, “o do império de um mercado mundial que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais, as áreas naturais etc.”<sup>76</sup>, faz com que as forças incidam cada vez mais globalmente, produzindo modos dominantes e efeitos diversos.

No Lis, conhecemos esses modos e efeitos interferindo nos fluxos que os constituem. Temos na ideia de *clinica urbana* uma direção: buscar, com as interferências, a expansão da potência de vida: dar passagem a outros modos de existir, buscar modificações, entender os processos de permanência de formas de vida, criar e executar ações ou dispositivos de encontro, de desaceleração, de afeto, compondo forças com os traçados em fuga na cidade. Isso porque identificamos a aceleração, a solidão e a anestesia dos sentidos como forças que atuam sistematicamente na arquitetura dos modos de **vida urbanos** contemporâneos.

Ao longo do processo, compreendemos que interferir pode se dar por meio de muitos dispositivos, porém não é possível se fazer distante do próprio objeto de estudo: a vida na cidade. Não falamos aqui de uma cidade ideal, mas da cidade mesma na qual trabalhamos, estudamos, vivemos, na qual circulam histórias que se imbricam e evocam uma trama pública e política. O trabalho em campo implica, principalmente, habitar e **escutar** o que se passa no espaço urbano: seus encontros, problemas, cotidiano, histórias, mecanismos de controle e as vidas que deles escapam e se inventam. Pretendemos, assim,

---

<sup>75</sup> Alexandre Moraes, 2002, p. 165

<sup>76</sup> Felix Guattari, 1990, p. 10.

uma interação entre o saber acadêmico e o saber das pessoas, que se aproximam e se constroem, destituindo o lugar de verdade unívoca.

A escuta que experimentamos é uma escuta clínica, voltada à transformação do que se mostre adoecedor e mortificante na vida urbana, de fora para dentro e de dentro para fora, como se dão os processos de subjetivação. A deriva na cidade funciona como exercício clínico, e não supõe a condição de urbanista ou psicólogo, nem mesmo fazer entrevistas ou apenas ouvir histórias, mas se colocar disponível para olhar, ouvir, sentir de outras formas, perceber além dos clichês, recusar ideias e representações. Para isso é preciso exercitar a desnaturalização, a desautomatização e o estranhamento, e, nesse sentido, fazemos conexões com o modo literário utilizado no realismo fantástico, que nos obriga a sustentar uma hesitação - entre compreender o que se passa segundo uma lógica conhecida e uma outra desconhecida, entre ficção e realidade objetiva, entre saber e não saber - até as últimas consequências. Possibilitar outros olhares para o que é olhado de formas estanques e sustentar a “não explicação”, em tempos em que temos, rapidamente, acesso a incontáveis informações sobre qualquer coisa, configura-se como forma de resistência.

Não tendo o suporte de estruturas identitárias, psicológicas ou sociais, nos vemos sempre confrontados com o estranho: uma vertigem que impede a útil geometrização espaço-temporal das coisas em manuais de instrução, mas permite a abertura para uma ética dos encontros, do deixar-se afetar em um adensamento de complexidade e singularidade do problematizar.<sup>77</sup>

Confrontar-se com o estranho, uma das proposições deste trabalho, sem dúvida mostra-se potente, porém complexo, já que, enraizados nessas estruturas identitárias, psicológicas e sociais, suportamos cada vez menos a vertigem, a falta de explicações, o imprevisto, o que está fora da lógica do mercado - de identidades, mercadorias e culturas<sup>78</sup>. Por isto mesmo reitera-se a importância de fortalecer modos de vida que suportem a vertigem, que carreguem a possibilidade de problematizar, inventar, estranhar, afetar-se.

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. (...) Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> Tani Galli e Luis Artur Costa, 2012, p. 219

<sup>78</sup> Suely Rolnik amplia o tema do mercado de identidades em artigo intitulado “Toxicômanos de identidade” (1997), citado diretamente mais adiante.

<sup>79</sup> Michel de Certeau, 1988, p. 172.

Nossas discussões seguem num texto que não se pretende claro como a cidade planejada e visível. Nomeado de “limiars”, ele é feito de fragmentos que se conectam mas não se encaixam tal qual um quebra cabeça. São olhares afoitos por ver o que não vemos, mãos desejosas por desenhar e descrever uma cidade diferente da que vemos nos mapas, nos livros, nas propagandas, ouvidos que se esforçam por ouvir falas que destoam do que normalmente ouvimos e também do que nós mesmos pensamos sobre como é a vida em uma cidade.

Separados por epígrafes, títulos ou apenas pelos famigerados três asteriscos, estas histórias, pensamentos e temas compõem um campo múltiplo, (des)organizado como uma deriva por uma cidade.

## Limiares:

Certa vez, ouvi uma frase de um pesquisador<sup>80</sup> que me marcou. Ele dizia que a cidade, no que tem de hostil, é também generosa, pois a multiplicidade de seus elementos, a densidade de gente e imagens de todo o tipo, pode nos causar incômodos e sensações de ameaça, mas é o que nos dá **possibilidade de sermos vulneráveis ao que está fora de nós**.

O "fora" de sua frase não se refere a um mecanismo de fuga ou redenção, refere-se a um movimento **limiar** de ultrapassagem das próprias verdades, de diferir de si mesmo. Tornar-se outro por um instante, poroso aos elementos urbanos, cuja característica indiscutível é a multiplicidade: Ruas, viadutos, avenidas, transeuntes apressados, transeuntes devaneando, espaços silenciosos, espaços barulhentos, casas coloridas, muros cinzas, muros pintados, caminhos de pedestre, caminhos de carro... É interessante pensarmos a produção de subjetividades nessa polifonia, investigar suas potências e problemas.

As múltiplas possibilidades colocadas nessa polifonia do espaço urbano nem sempre produzem abertura nos processos de subjetivação.

Abertura para o novo não envolve necessariamente abertura para o estranho, nem tolerância ao desassossego que isto mobiliza e menos ainda disposição para criar figuras singulares orientadas pela cartografia destes ventos, tão revoltos na atualidade.<sup>81</sup>

Muitas vezes, ao contrário, incidem violentamente como um imperativo para que experimentemos tudo e provocam, por superexposição, uma espécie de fechamento que se dá por meio da anestesia de nossos sentidos. Fazemos o mesmo caminho todos os dias para não correremos risco de imprevistos; os sons não se diferenciam entre si, pessoas falando e carros passando são trilha de fundo homogênea em nossos cotidianos; não percebemos um prédio sendo construído e por vezes nos surpreendemos com a nova paisagem já pronta. Nos protegemos, enfim, da polifonia urbana no que ela traz de alteridade. Um rapaz brasileiro me contou que foi à China e sentiu-se muito aliviado quando viu um mc donald's. Sentiu-se em casa. Há espaços que nos remetem ao "mesmo", ou a nós mesmos: "nossos lugares", tranquilizando-nos provisoriamente da ameaça que nos toma quando do não reconhecimento. Porém a porosidade à diferença

---

<sup>80</sup> Em palestra de abertura da Semana de Psicologia na UFES, em outubro de 2015, Luis Antonio Baptista desenvolveu o tema "Psicologia política".

<sup>81</sup> Suely Rolnik, 1997, p. 20.



presente na polifonia urbana, o deixar-se vulnerável, pode potencializar aquilo que é produzido nos imprevistos, nos "encontrões" no meio da rua: a fissura, a suspensão de nossas certezas, de nossas rotinas, de nossos contornos e, assim, a possibilidade de vislumbrar outras rotinas, outros contornos, outras vidas. "Estremecer o horizonte", como escreveu um colega de mestrado<sup>82</sup>.

É que a vulnerabilidade é condição para que o outro deixe de ser simples objeto de projeção de imagens pré-estabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência e os contornos cambiantes de nossa subjetividade. Ora, ser vulnerável depende da ativação de uma capacidade específica do sensível, a qual esteve recalçada por muitos séculos, mantendo-se ativa apenas em certas tradições filosóficas e poéticas.<sup>83</sup>

Há possibilidades limiars em meio ao urbano. Nem massificado nem pessoalizado, o limiar é uma zona que nos permite instantes de suspensão. Há algo muito vibrante nesse estado, como na sensação de fantástico. O "antes" da explicação, do reconhecimento, do estatuto: aquela experiência estranha que provoca o corpo, que não tem nome e nem pode ter. É que há um abismo no limiar que dispara a urgência de pensar, de se realocar.

A ideia de limiar tal como Gagnebin a desenvolve a partir de sua leitura da obra de Walter Benjamin, deve ser rigorosamente diferenciada da ideia de fronteira, pois "a fronteira contém e mantém algo, evitando seu transbordar, isto é, define seus limites não só como os contornos de um território, mas também como as *limitações* de seu domínio."

<sup>84</sup>. O limiar não consiste em estabelecer limites, mas justamente o contrário:

Na arquitetura, o limiar [*schwelle*, no alemão: limiar, soleira, umbral] deve preencher justamente a função de transição, isto é, permitir ao andarilho ou ao morador que transite, sem maior dificuldade, de um lugar determinado a outro lugar distinto, às vezes oposto.<sup>85</sup>

Essa dimensão espacial do limiar está presente em alguns temas da obra de Benjamin. "A infância em Berlin por volta de 1900", composta por pequenas narrativas de um adulto que rememora sua infância na grande cidade, convoca a esse sentido algumas vezes quando atentamos para, em várias das narrativas, a descrição de "lugares que são como limiars, como acessos ao outro mundo terrificante e fascinante"<sup>86</sup> nos quais não havia

<sup>82</sup> Mario Cesar Candido, no trabalho "Vitória, cidade aberta", apresentado na UFES em maio de 2016.

<sup>83</sup> Suely Rolnik, 2006.

<sup>84</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p. 35. Esse trecho refere-se ao conceito de fronteira (*Grenze*) no vocabulário filosófico clássico, sobretudo ao uso de Kant, que determina a tarefa do pensamento como um estabelecer de fronteiras.

<sup>85</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p.36.

<sup>86</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 1994, p. 80.

estatuto preciso, como o parque Tiergarten, que inaugura a obra, ou os enormes corredores da casa de uma avó, em outra narrativa. Anna Stussi, outra comentadora do autor, fala desses lugares como privilegiados pelas crianças burguesas que, sufocadas pela proteção típica de uma classe que esconde a miséria, a violência e a morte de suas crias, sentem-se ao mesmo tempo abrigadas e ameaçadas no conforto dos lugares que seus “iguais” habitam. Nesse sentido, tanto os espaços de “livre circulação” (como os pátios, vielas, corredores) quanto o contato com a própria miséria, violência e morte são temas privilegiados pelas crianças, pois provocam algo da ordem sensorial, imagética, que não se perde no curso do tempo e nem está localizado apenas no tempo infantil. Apesar de Benjamin considerar que um dos poucos territórios, ao lado da literatura, que ainda resguarda experiências de limiar seja o território da infância, ele não o utiliza como motor nostálgico pessoal, mas como instrumento coletivo para agir sobre o presente.

Penso nos túneis das estradas ou mesmo dentro da cidade, e na grande oportunidade que essas passagens representavam, na minha infância, de inventar jogos e brincadeiras. Lembro-me de prender a respiração com uma mão e colocar a outra no teto do ônibus escolar, para ganhar a competição que já era tradição acontecer quando passávamos por determinado túnel. Também me lembro de ter um acordo com meus familiares quando viajávamos: sempre que passávamos por um túnel, falar "palavrão" era livre, produzindo, claro, diversos "poemas" bem sujos.

Porém penso também nos túneis de hoje, e na história do rapaz que estava sentado numa escadaria ouvindo música até ser advertido pelos guardas municipais acerca do barulho. À procura de outro lugar, olhou para um túnel próximo que não passava carros e começou uma festa improvisada que duraria até o amanhecer. Não me parece que usar um túnel para fazer uma festa pública, no meio de uma grande cidade<sup>87</sup> seja menos imaginativo ou menos combativo que as brincadeiras que rememoro de minha infância.

Podemos dizer, portanto, que o limiar não se restringe ao tempo infantil nem à sua espacialidade concreta - não basta apenas o túnel, mas a imaginação, a invenção que suscita, talvez por sua condição de intermediário em meio a tantos espaços com estatuto definido.

---

<sup>87</sup> Buraco da minhoca, festa gratuita que ocorreu diversas vezes no ano de 2014 em São Paulo, no túnel que liga o Minhocão e a rua Augusta. Mais informações disponíveis em: <https://catracalivre.com.br/sp/tag/buraco-da-minhoca/>

A partir das ideias de Gagnebin sobre limiar, aproximamos o que Foucault descreve como heterotopias:

Primeiro há as utopias. Utopias são lugares sem uma localização real. São lugares que têm uma relação geral de analogia direta ou invertida com o espaço real da sociedade. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o inverso da sociedade, mas em todo caso essas utopias são fundamentalmente, essencialmente, espaços irrealis. Há também, e isto provavelmente em toda cultura, em toda civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são desenhados na constituição mesma da sociedade, e que são algo como *counter-sites*/ contra-sites, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os lugares reais, todos os outros lugares reais que se podem encontrar no interior da cultura, são simultaneamente representados, contestados e invertidos; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, mesmo quando eles sejam efetivamente localizáveis. Uma vez que estes lugares são completamente diferentes de todos os outros lugares que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei HETEROTOPIAS, por oposição às utopias.<sup>88</sup>

Mais uma vez esse autor nos revela que dentro dos mecanismos hegemônicos sempre insurgem resistências. Espaços que sabotam ou modificam seu estatuto e funcionalidade, bem como os desvios às prescrições normativas de como viver na cidade, constituem heterotopias urbanas.

Pensando nessas questões, trarei elementos de nossas discussões e ações para interferir no espaço urbano costurados pelos termos que apresentamos acerca do conceito de limiar e de heterotopia, lembrando que eles nos ajudam a olhar, sentir e perceber sutilezas acerca da vida urbana que são importantes para, pela via do fantástico, questionarmos os automatismos e naturalizações que se reproduzem frequentemente no dia-a-dia.

### **Balanços:**

Uma de nossas ações para interferir no espaço urbano foi a de colocar balanços em alguns lugares da cidade de Vitória. O balanço, feito de madeira pintada por nós, foi pensado como um dispositivo de encontro em meio à multidão urbana, um dispositivo de pausa aos corpos que não param, um dispositivo lúdico frente às rotinas funcionais e metódicas, um “espaçoobjeto” que questionasse as paredes e tetos invisíveis da cidade e suscitasse outras coisas, uma oportunidade de sombra na ensolarada cidade, um ponto de

---

<sup>88</sup> Michel Foucault, 1967, p. 4.

vista que se move ao balançar. Essa ação foi fundamental para nossos estudos sobre o modo de vida urbano e, portanto, para o desenvolvimento desse trabalho.

A ideia teve início em 2013, com um projeto de ação chamado *balançaê* feito por Thairo Pandolfi, um dos integrantes do Lis na época. O primeiro balanço foi colocado na praia de Camburi, no início de 2014. Esse balanço nos devolveu histórias sobre a vida urbana que nos incentivaram a fazer, no segundo semestre do mesmo ano, uma força-tarefa para executar a proposta em diferentes regiões da cidade de Vitória. Era latente o interesse de balançar a cidade e, das muitas ideias que todos os integrantes tinham para intervir no anestesiado modo urbano de habitar, o balanço foi se tornando cada vez mais um desejo comum.

Projetamos o mapa dos territórios da saúde, que divide a cidade de Vitória por regiões, e nos organizamos em duplas para ir até cada uma dessas regiões fazer um estudo de campo. O cronograma pensado foi o seguinte:

*Etapas:*

*1) Cartografia de árvores e locais possíveis para a colocação dos balanços:*

*- árvores robustas, saudáveis, mais altas, com galhos na horizontal.*

*- lugares que não sejam junto à passagem de pessoas e veículos ou lugares onde se possa ficar*

*Como: Ida a campo com o olhar voltado para essa etapa. Quando algum lugar se mostrar possível, fotografar, verificar as possibilidades mais detalhadamente, conversar sobre a ideia com as pessoas que circulem no entorno.*

*2) Preparação dos balanços para serem colocados (furar a madeira, lixar, pintar e envernizar).*

*3) Definição e ordenação dos locais que receberão balanços.*

*4) Colocação dos balanços.*

*5) Acompanhamento do processo e de seus desdobramentos (captar imagens e histórias no dia da colocação e visitar o balanço frequentemente).*

*6) Narrativas e imagens de histórias que se tecem junto aos balanços, embaladas por eles, em torno deles, sobre os temas que se fizerem presentes.*

*7) A cada reunião será feito o compartilhamento do processo, de seus registros, das questões que se colocaram, das análises que podemos ensaiar.*

A ida a campo foi feita pelo menos uma vez por semana, de Setembro de 2014 até a colocação do último balanço, em Abril de 2015. As observações, fotografias e impressões foram discutidas em nossas reuniões quinzenais, realizadas também durante esse período.

O primeiro balanço colocado nessa força-tarefa foi na praça Getúlio Vargas, no centro da cidade; o segundo em Santo Antônio; o terceiro na Curva da Jurema; o quarto em Maruípe, no HEMOES; e o quinto em Bairro República.

A proposta de colocar balanços pela cidade de Vitória operou em pelo menos três planos interconectados: o plano das visibilidades, ao deixar em evidência a potência do lúdico em meio às múltiplas tarefas do dia-a-dia; o plano ambiental, ao atentar para árvores e locais arborizados, entrelaçando nossos modos de vida com o que garante nossa existência no planeta, e o plano das dizibilidades, sendo a proposta e a deriva um disparador de falas e escutas.

Nas idas a campo, pudemos discutir particularidades de cada região e questões que nos pareceram atravessar a todas, percebendo modos de pensar, viver e habitar que dizem respeito a uma lógica urbana mais global. Seguem relatos referentes a duas dessas regiões:

### **Ilha das Caieiras: lugar de todo sossego**

São Pedro/Ilha das Caieiras, foi uma das regiões nas quais fizemos visitas a campo. São bairros periféricos que foram ocupados ainda quando a área era de manguezal, provocando uma precária condição de vida para as famílias que lá moravam, salientada pela repercussão do vídeo-denúncia "Lugar de toda a pobreza", produzido pelo jornalista e cineasta Amylton de Almeida. Essa região foi aterrada apenas no final dos anos 80 e ainda conta com problemas de infraestrutura e saneamento.<sup>89</sup>

Um dos primeiros lugares em que pensamos colocar um balanço era uma antiga cooperativa de desfiadeiras de siri, que descobrimos estar desativada embora ainda haja placas indicando sua direção. Esperávamos encontrar as desfiadeiras, tradicional ocupação dessa região da ilha, mas as pessoas ao redor disseram que elas já não trabalham juntas há mais de cinco anos. O espaço estava limpo e tem uma vista muito bonita para o mar. Tem sido usado como atracadouro de alguns pescadores autônomos da região e também como lugar para dormir por dois moradores de rua, que nos contaram que, junto aos pescadores, conseguem manter a limpeza e organização. Embaixo da árvore em que imaginamos o balanço, havia algumas adolescentes conversando. Dissemos que estávamos olhando se aquela árvore poderia ser um bom lugar para colocar

---

<sup>89</sup> Informações disponíveis em: <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao7/resistencia.asp>

o balanço e perguntamos o que elas achavam. Sem responder à pergunta, mas, de forma muito simpática, elas apontaram outros lugares para procurarmos. Não entendemos a princípio o porquê da rejeição à proposta, mas, depois de algumas horas conversando sobre outros assuntos com elas, veio a explicação. Aquele lugar era um ponto de encontro delas, era uma brecha nos cotidianos de meninas, muitas já com filhos, que trabalhavam e estudavam e gostavam de se reunir ali para “ficar à toa”. Um dos poucos lugares, elas diziam, onde ninguém fica olhando com cara feia, polícia não passa, onde podemos ficar sossegadas. “Se tiver balanço, vai começar a vir criança, mãe, pai, vai começar a ter movimento”.

Interessante como isso se repetiu algumas vezes nessa região. Pessoas que nos diziam de uma necessidade de sossego, de não serem vistas, recusando, a princípio, qualquer interferência nos locais que habitavam frequentemente. Poderíamos ter ficado com a impressão de que era uma lógica individualista, de transformar o espaço público em espaço privado, ou de que havia uma simples desconfiança infundada, porém, ora!, nada mais comum que a desconfiança numa sociedade de controle. Deleuze<sup>90</sup> usou esse termo, que Burroughs associou a um novo monstro, não a toa. Os dispositivos disciplinares de confinamento foram substituídos por mecanismos sofisticados de controle à céu aberto, que incluem principalmente a sensação de vigília constante, desejada e reproduzida por cada um de nós, amedrontados com o que a invisibilidade pode nos causar. Nesse sentido, podemos escutar a necessidade de sossego como uma forma de produzir saúde. Pudemos escutar essas falas também de outras formas à medida que escutávamos um pouco mais do que essas pessoas tinham a dizer.

Escutamos, nesse bairro, pessoas que elaboram, com táticas conquistadas em sua própria vivência, formas de habitar o espaço que dificilmente seriam imaginadas pelos planejadores.

Longe de locais planejados para serem privilegiados na cidade de Vitória, os moradores de São Pedro têm a sensação de serem esquecidos pelo Poder Público, como pudemos presenciar num episódio ocorrido em uma das idas a campo. Um poste elétrico com ligação ilegal (popularmente conhecido como “gato”) começou a pegar fogo, ameaçando uma região com inúmeras casas. Apesar das inúmeras ligações que os transeuntes fizeram à empresa de luz do estado (ecelsa) e ao corpo de bombeiros, a manutenção demorou quatro horas a chegar. Antes disso, por conta do risco que se corria, um dos transeuntes

---

<sup>90</sup> Gilles Deleuze, Pós scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*, 1992.

apagou o fogo. “Se fosse em Jardim da Penha eles não demorariam nem vinte minutos” foi uma das falas que ressoou e permaneceu em nossas memórias.

O que no início poderia parecer uma simples desconfiança em relação aos que vêm de “fora” está profundamente ligado a acontecimentos como esse, já que os problemas da região vêm sendo solucionados, a duras penas, pelos moradores, por quem partilha das mesmas questões. Poder escutar e acolher essa desconfiança foi importante para pensarmos as formas de construir cidade, de planejar cidade, de poder potencializar forças coletivas que já existem em lugares tidos como “ociosos”.

muitas vezes, os lugares projetados são rejeitados pelos usuários que vão em busca de conquistar outros lugares, às vezes inesperados, para apropriarem-se deles da forma que lhes convém. (...) Trata-se, portanto, de uma questão muito mais profunda do que a simples discussão entre retirar ou não, proibir ou não, remanejar ou não, como tem feito o poder público. (...) A intenção não é extinguir os conflitos, mas nivelar a disputa. *Máquinas de guerra e aparelhos de captura* precisam sempre existir porque é a coexistência desses dois elementos, disputando e reagindo, que faz surgir outras formas de atuar, de apropriar, de circular, de agir. E dessa forma se mantém a constante reinvenção dos espaços e do cotidiano das cidades.<sup>91</sup>

Durante o tempo em que fizemos as idas a campo, a ideia de haver um balanço na região foi sendo conversada e cada vez mais acolhida pelos moradores. Porém nos poucos lugares (interessante ressaltar que, não apenas nessa região, observamos uma escassez de árvores robustas, altas e com galhos mais horizontais) em que, junto aos moradores, identificamos árvores propícias para a colocação (a ex-cooperativa de desfiadeiras de siri, o CAPS i/AD e um ponto de ônibus na avenida Serafim Derenzi), encontramos questões que dificultavam a interferência, tanto de ordem institucional (como no CAPS i/AD, cuja autorização não foi cedida), quanto em relação à segurança (como no caso do ponto de ônibus, cuja distância entre o balanço e a avenida movimentada seria muito pequena), ou em relação ao modo de apropriação do espaço (como no caso da ex-cooperativa de desfiadeiras de siri).

O balanço pensado como um dispositivo de cuidado, nesse caso, não precisou ser concretizado para dar visibilidade a questões importantes da região que podem ser pensadas no estudo acerca do urbano. A ação de interferência se efetiva por meio da colocação de balanços e também por sua não colocação.

---

<sup>91</sup> Letícia Tabachi Silva, 2007, p. 80.

As formas de criação de um espaço público muito nos dizem sobre as formas de controle exercidas. A tensão está sempre presente entre as forças de conservação e as de transformação, e é nela que se procura construir o espaço urbano, o espaço da cidade como um espaço **público**.

### **Bairro República: proibido pisar na grama para balançar**<sup>92</sup>

Em outra região, após as visitas a campo, foi decidido que instalaríamos um balanço na praça central de Bairro República. Essa região, diferente de São Pedro, é bastante privilegiada, tanto no que diz respeito à infraestrutura urbana quanto em relação à renda média de seus moradores.

No dia 25 de março de 2015, foi feita a colocação de um balanço com um desenho de Victor Pacheco: uma sereia, que parecia sussurrar para quem a olhava, convidando todos para um balançar emocionante, já que foi colocada em uma árvore muito alta, fazendo com que os movimentos dessem frio na barriga e sorrisos largos.

Logo após sua colocação, o balanço da sereia já estava cercado de jovens que saíam da escola ali situada. Proporcionou também a parada de alguns outros transeuntes, como foi o caso de uma senhora que por ali passava. Nos disse que fazia muitos anos que não se balançava... Desde sua infância. Agora crescida, gostaria de experimentar novamente esse movimento.

A sereia tinha sempre companhia. Crianças que começaram a visitá-la todos os dias. Pais embalando filhos. Parada dos que passavam pela praça. Senhores que se permitiram balançar.

E no dia 02 de abril, um susto... A sereia não estava mais lá. Iniciou-se, assim, a investigação de seu paradeiro. Conversamos com um senhor que estava na praça. Ele conhecia o balanço, disse que toda vez que passava por lá tinha alguém balançando. Indicou o Centro Comunitário como um lugar para buscarmos mais informações. A partir desse momento, começa uma história quase fantástica. Cheia de criações, desencontros e busca.

- *Quase? Eu desapareci de uma hora pra outra! No mínimo tratava-se daquilo que você falou sobre suspensão, indecibilidade entre o que era ou não verdadeiro, plausível!*

---

<sup>92</sup> Relato produzido junto à Daniellen Brandão, integrante do Lis.



O Centro Comunitário é uma quadra para uso dos moradores. Fomos recebidos por um guarda, Carlos, na entrada. Perguntamos se ele tinha visto o balanço, ele disse que tinha ouvido falar, mas que não tinha tido tempo de ir conhecê-lo. “Ele foi retirado ontem de noite.” “Retirado por quem?” nos atrevemos a perguntar. “Pela Prefeitura. Vocês vão saber mais informações conversando com o presidente do Centro.” Walter, o presidente do Centro, estava almoçando. Continuamos a conversa com Carlos, explicando que a instalação do balanço era parte de uma proposta de ocupação da cidade. Ele logo perguntou se não iríamos colocar um na Serra. “É porque eu moro lá. Seria muito bom se vocês colocassem um lá, eu poderia ir com minha namorada”.

- *Ao investigar meu sumiço, aparece o desejo de mais balanços...*

Mais tarde, retornamos ao Centro Comunitário e encontramos Walter. Ele diz que houve reclamações, então ele solicitou na Prefeitura a retirada do balanço. “Reclamações?”. “Ontem aconteceu um acidente. Uma criança caiu e a mãe veio pedir para tirar. Não posso ser omissos. Então solicitei a retirada”. Perguntamos se a criança tinha se machucado muito, como tinha sido o acidente. “Não sei te dizer.” Ficamos angustiados por não saber o que havia acontecido com a criança. “Quero falar para vocês que não fui eu que retirei o balanço. Mande uma solicitação na Prefeitura e eles vieram tirar. Não pode colocar uma coisa dessas num local sem autorização da Prefeitura. Porque se acontecer algum acidente eu vou ser responsabilizado. As pessoas não têm educação. Os adolescentes balançavam muito alto, era muito perigoso.”

- *E aquela ideia de Foucault: “Não mato, mas não faço nada para que vivam”? Não é apenas responsável aquele que tirou minhas cordas, mas também quem solicitou minha retirada, quem fez a reclamação. Um controle sobre a vida e seu funcionamento. Qual é o perigo real que eu trazia? Talvez o maior perigo fosse a alegria. Alegria é algo perigoso. Devir criança é perigoso. Será que houve mesmo um acidente? Ou está no campo da fantasmagoria? Do medo? Do distanciar-se do risco e, para isso, distanciar-se de viver?*

Walter ainda reclama que a grama está desgastada, e que isso não pode acontecer, e que o balanço tinha trazido algum tipo de desordem para a praça. A força de retirada do balanço revela que por ali havia passado uma força hierárquica. E a *hierarquia sempre limita os movimentos*. Também enfatiza o discurso ideológico de que as pessoas não têm educação no Brasil e de que não sabem usar o espaço.

- *Será que eu não podia também ser professora? Ou, quem sabe, ser do setor educativo... Afinal, quem em mim se balança coloca o corpo em um movimento distinto do conhecido. Posso ajudar a ensinar como o corpo pode se balançar, até que altura, como descer...*

O acontecido suscita muitas problematizações: O balanço como uma intervenção do Lis se tornará algo desejado? Quais movimentos esse dispositivo trouxera para a praça? As reclamações trilhavam quais caminhos? O “perigo” apontado nos diz de quais modos de relações instituídos? Qual é a desordem incitada pelo balanço?

Depois dessa conversa, que trouxe muitos pensares, era necessário fazer parada e encontrar os habitantes do balanço. Voltamos à praça no fim da tarde. Sentamos embaixo da árvore que abrigara o balanço para entrar nos movimentos que se passaram durante a semana em que ali estivera. Foram vários os encontros... Cheios de sustos e dizeres.

Algumas crianças vinham correndo para balançar e falavam “Ah, tiraram o balanço”. Um jovem que andava de skate passou por ali (“Não tem mais balanço?”), mostrou a língua e seguiu viagem. Nos perguntamos: se o balanço estivesse aqui, haveria parada? Resposta que não obtivemos pelas rodinhas apressadas.

Sr. Jorge, morador do bairro, que sempre está na praça para encontrar com seus amigos e prostrar, lamentou o sumiço do balanço. Nos disse que fazia a alegria de todo mundo, pois até os adultos se balançavam. “Até eu fui lá balançar. Adorei. Me arrisquei a dar um salto para sair do balanço. Me tornei criança de novo”.

Uma moça que passava perto da árvore olhou para o galho, continuou caminhando... Olhou de novo... Perguntamos: “Viu algo de estranho?” Nos respondeu: “Tinha um balanço aqui hoje de manhã. A árvore é alta. Deve ser difícil tirar e colocar o balanço todos os dias.” E continuou com os passos apressados.

Dois meninos pequenos se aproximaram. Chamamos para conversar. Perguntamos se estavam ali para balançar. Um deles disse que sim. Havia ido algumas vezes. O outro garoto gostava de ver. Viu alguns colegas pularem e levarem umas batidas do balanço. Quando perguntamos se tinha algum problema em se machucar, se entreolharam e responderam que não, rindo.

Uma moça veio falar com a gente. Dizia que trabalhava na Prefeitura e que a retirada tinha sido correta, porque estava estragando a grama. Quando convidada a dizer o que ela sentia em relação a isso, hesitou. Talvez fizesse tempo que não era convocada a dizer o que sentia e pensava. Nos respondeu que não sentia nada. E que realmente era perigoso,

pois algum morador de rua poderia fazer uma maldade, como cortar um pouco da corda só para alguém se machucar quando balançasse.

Mauro chega acompanhado por seu filho Samuel que traz uma bola e muita vontade. Ele trouxe seu filho para balançar. Eles iam balançar todas as tardes por volta das seis horas. Nos conta que moraram muitos anos em apartamento e que a sereia foi o primeiro balanço de verdade que Samuel viu e em que pôde balançar. “Ele só balançava em balanços de parquinho, de ferro. E que muitas vezes não têm manutenção da prefeitura”. Depois de ouvir nossa história, foi ao Centro Comunitário falar com Walter e, quando voltou, nos contou uma história muito diferente da que havia surgido no nosso encontro da tarde. Não tinha havido acidente, só reclamações de mães que se assustaram ao ver os adolescentes balançando. “Tem gente que só vê até os muros. Vocês estão vendo além deles” – diz Mauro. Conta que chegou ali um dia e uma menina estava balançando de um modo que poderia se machucar. Interveio, explicando para ela como balançar sem se machucar. Dissemos para ele o que a sereia sussurrava em relação ao modo de educação que os balanços convidam: descobrir o corpo que se cria ao balançar, entender os movimentos e contornos, descobrir os próprios limites. Uma intervenção que ele já havia feito, acompanhando a menina que balançava.

Pensamos a retirada do balanço como um triste movimento de ruptura que veio ao encontro de medos, discursos prontos e criações fantasmagóricas, como a de que os moradores de rua fariam maldades. E, novamente, os mecanismos de controle evidenciam-se nos modos de apropriar-se do espaço público. Uma certa atualização da assepsia moral e do caráter autoritário do higienismo do século XIX, discutida por Foucault em *Os Anormais* (2001) e em “O nascimento da medicina social” (1979), se faz presente nas preocupações acerca do estado da grama, da desordem da praça, do bem-estar das crianças, dos possíveis acidentes. Tudo deve permanecer limpo, ordenado e “sem arranhões”. Assepsia da grama, das calçadas, das crianças, das árvores.

Depois dessa retirada, vieram outras. A Prefeitura nos informou que era “crime ambiental” colocar balanços nos espaços públicos. Pensamos nas nossas dificuldades em encontrar árvores possíveis para colocar balanços pela cidade. Árvores altas, fortes, robustas. Árvores velhas, árvores que permanecem sem tantas podas e crescem fazendo sombra e espalhando seus galhos horizontalmente. São poucas. A política de podas da Prefeitura, em nome da limpeza e da segurança, permite apenas árvores pequenas e limita-as ao crescimento na vertical. Não à toa, andar pela ensolarada cidade de Vitória –

mesmo sendo plana e pequena – não é muito agradável. Parar, então... **Só** dentro de estabelecimentos ou embaixo de toldos e marquises.

Mauro nos presenteou, ao final da conversa, com a frase de Bertolt Brecht: “Do rio que tudo arrasta, se diz violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem”.

### **Tempos urbanos**

Os limiars na vida urbana não dizem respeito somente ao espaço, mas também ao tempo, pois o limiar

permite a transição, de duração variável, entre dois territórios. Ele pertence à ordem do espaço, mas também, essencialmente, à do tempo. (...) Assim como sua extensão espacial, sua duração temporal é flexível, e depende tanto do tamanho do limiar quanto da rapidez ou da lentidão, da agilidade, da indiferença ou do respeito do transeunte.<sup>93</sup>

"Eu tinha vergonha de balançar, porque iam pensar 'olha lá a louca balançando no meio do dia'", ouvimos certa vez. Como pode um transeunte, acuado pela vigília desses olhares reais ou imaginários, acessar um espaço limiar? Essa fala talvez seja uma pista sobre um elemento comum nos modos de vida urbanos: apesar das inúmeras possibilidades de *estar* na cidade, nos apropriamos de muito poucas. E quais? Se entendermos o balanço como um tempo lúdico, de pausa, de olhar de outros ângulos, essa fala da vergonha reflete mais uma forma de controle que opera em nosso modo de estar na cidade. O que se espera de nós no cotidiano, "no meio do dia", é que estejamos em atividade produtiva. Tem hora de trabalhar ou ir pro trabalho; hora de estudar ou ir para a escola; hora de ir pra casa ou hora de estar em casa. Ou exercemos uma função reconhecida no espaço público ou é melhor ficarmos em casa; não há "desculpa" para estar fazendo nada na rua - principalmente sozinhos. Essas expectativas incidem em nós de maneira tão violenta que restringimos o tempo, o espaço e nossos sentimentos de acordo com elas. Tempos modernos, Chaplin e seus movimentos automatizados e industriais, e tempos urbanos, estreitando as possibilidades de improviso.

\*\*\*

*Se o tempo na modernidade - em particular, no capitalismo - encolheu, ficou mais curto, reduzindo-se a uma sucessão de momentos indistintos sob o véu da novidade (como no fluxo incessante de produção de novas mercadorias), o resultado dessa contração é um embotamento drástico da percepção dos*

---

<sup>93</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p. 36.

*ritmos diferenciados de transição, tanto do ponto de vista sensorial como no que diz respeito à experiência espiritual e intelectual.*<sup>94</sup>

Outra de nossas ações de interferência nos modos de vida urbanos, foi a de oferecer nossa escuta, num evento público realizado na praça Costa Pereira, em junho de 2014<sup>95</sup>. O evento chama-se feira grátis da gratidão e propõe às pessoas que levem algo (ou nada) para oferecer aos outros e peguem algo (ou nada) da feira. Organizamos, então, diversas formas de escuta para oferecer: telefone de lata, para contar segredos; cangas e uma garrafa de café, para bater um papo; máquina de escrever, para registrar histórias; panos para vendar os olhos e experimentar uma conversa sem estímulo visual. Fiquei com a máquina de escrever.

O tec-tec da máquina atraiu principalmente as crianças que, maravilhadas com uma tecnologia que “imprimia na hora”, quiseram elas próprias fazer suas marcas no papel. Os tempos se misturaram ali, com o instrumento obsoleto sendo manipulado por aqueles que já nascem na era *touch* e que, por isso, vez ou outra, insistimos em julgar acelerados demais, deficientes nas relações humanas presenciais.

O tempo da escuta e do registro destoava do tempo do consumo, aceleradíssimo naquela situação repleta de objetos dos mais diversos usos, disponibilizados para quem os quisesse, sem moeda de troca envolvida. Esses objetos eram disputados como numa dessas grandes liquidações, nas quais o mais rápido leva a melhor, com a particularidade de serem gratuitos; talvez por isso, o alvoroço inicial foi ainda maior e, logo, se viam roupas, discos, utensílios domésticos abandonados no chão, já que seus ganhadores mal se detiveram a olhá-los para decidirem se os queriam ou não.

Em meio à corrida objetiva, um limiar “retêm a extensão do tempo na intensidade de uma vibração, de um relâmpago”<sup>96</sup>: um senhor senta à minha frente e pede para que eu escreva uma carta. Dita cuidadosamente cada palavra e pontuação, terminando com “respeitosamente seu”. Ao seu lado, emocionada, está sua esposa, a quem as exatas mesmas palavras foram destinadas há 50 anos.

<sup>94</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p. 38.

<sup>95</sup> Vídeo de registro da ação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HDHNLmXUb18>

<sup>96</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 1994, p. 80.

## **Acelera para parar mais rápido**

“Ah”, disse o rato, “o mundo torna-se a cada dia mais estreito. A princípio era tão vasto que me dava medo, eu continuava correndo e me sentia feliz com o fato de que finalmente via à distância, à direita e à esquerda, as paredes, mas essas longas paredes convergem tão depressa uma para a outra, que já estou no último quarto e lá no canto fica a ratoeira para a qual eu corro.” — “Você só precisa mudar de direção”, disse o gato e devorou-o.<sup>97</sup>

Como anuncia a alegoria, no início do século XX, quando Kafka escreveu essa “Pequena fábula”, a vida já indicava sua configuração como uma corrida permanente, cuja finalidade autêntica não estava à vista e apenas se mecanizava. Vivemos hoje num tempo de contínua aceleração.

Pensando na vida urbana, na qual experimentamos uma multiplicidade de ritmos, somos marcados profundamente por políticas de gestão da vida veloz. Deleuze (1992) considera que as tecnologias de controle e gestão da vida se dão, cada vez mais, através e pelo tempo. A aceleração da dinâmica urbana configura-se não apenas pela velocidade com que temos de nos deslocar, mas também pelo acúmulo de tarefas, pela exigência de estarmos constantemente tendo que "correr atrás" - de nossa formação, carreira, novas relações, notícias, redes sociais ou mesmo da própria cidade, que, com as mudanças na estrutura urbana, nos colocam num movimento de procura contínua: novos edifícios, vias que mudam de sentido, fechamento de comércios, abertura de outros etc.

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a ideia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história.<sup>98</sup>

É possível afirmar, portanto, que a aceleração configura parte importante de um modo de vida urbano. As subjetividades, em relação com essas forças que atuam na direção da velocidade, da funcionalidade e de constantes novidades, modificam-se sob muitos efeitos. Para suportar tal ritmo, cada vez mais temos precisado nos drogar - com

---

<sup>97</sup> Franz Kafka, 2002, p. 138.

<sup>98</sup> Milton Santos, 2001, p. 36.

fármacos, produtos do narcotráfico, mídias, modelos identitários<sup>99</sup> -, seja na tentativa de ficarmos mais velozes e funcionais, seja para conseguirmos descansar dessa constante ininterrupta, mas, principalmente, para nos protegermos do vazio de sentido que nos espreita caso fracássemos na empreitada de sermos compatíveis com essas configurações.

É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita do mercado. A combinação desses dois fatores faz com que os vazios de sentido sejam insuportáveis.<sup>100</sup>

Essa perspectiva dá à lentidão e à desaceleração um papel importante, criando uma certa necessidade de recuperar sua função na produção de subjetividades<sup>101</sup>. Como podemos ralentar? Há espaço para modos de vida mais lentos no espaço urbano?

Antes de tentar responder a essas perguntas, porém, é preciso desconstruir a ideia de que velocidade e lentidão estão em oposição. O pensamento dicotômico, por categorias binárias, não permite o olhar para a complexidade que se dá no espaço urbano justamente por ser um campo em que múltiplas forças coexistem. Junto à velocidade, também se produz lentidão, e nem por isso os modos de vida mais lentos ganham mais espaço. Um exemplo é que a vida acelerada, sempre exigindo que nos desloquemos o mais rápido possível, faz funcionar uma crescente no número de veículos circulando num mesmo espaço e, inevitavelmente, a dificuldade de se locomover em meio a tantos carros. Uma recorrente produção de ralentamento de nosso tempo, o congestionamento, é, ironicamente, produto dessa corrida coletiva.

Essa experiência específica de lentidão é frequentemente vista como um erro, como algo a ser eliminado. “Sabe-se que a conquista da velocidade criou novas lentidões e muitas delas foram transformadas em erro, assim como a generalização da positividade do trabalho criou o ócio como anomalia.”<sup>102</sup>. Apesar de ser um espaço de ralentamento, não

<sup>99</sup> Os modelos identitários, segundo Rolnik (1997), são formas padronizadas de existência atualizadas por meio do consumo de inúmeros produtos, práticas e ideias disponíveis no mercado, tais como os livros de auto-ajuda, os produtos orgânicos, esportes radicais, novelas etc.

<sup>100</sup> Suely Rolnik, 1997, p. 20

<sup>101</sup> Leila Domingues Machado aborda a desaceleração como forma de resistir à política da velocidade no artigo “Subjetividades contemporâneas” (1999); Milton Santos, em artigo intitulado “Elogio da lentidão”, apresenta o argumento de que, embora a velocidade seja um ideário dominante, a maioria das pessoas, empresas e instituições não se utiliza da máxima velocidade possibilitada pela técnica e sobrevive na lentidão. Nesse sentido, reclama o fortalecimento das “culturas lentas” para a que seja possível a coexistência de ritmos lentos e velozes, sem que um se imponha sobre outro.

<sup>102</sup> Denise Bernuzzi de Sant’anna, 2011, p. 19.

se fala do congestionamento como uma possibilidade de descanso, de respiro, de produção de modos de vida mais lentos.

As transições devem ser encurtadas ao máximo para não se "perder tempo". O melhor seria poder anulá-las e passar assim o mais rapidamente possível de uma cidade a outra, de um país a outro, de um pensamento a outro, de uma atividade a outra, como passamos de um programa de televisão a outro com um mero toque na tecla do controle remoto, sem nos demorarmos *inutilmente* no limiar e na transição.<sup>103</sup>

Voltando, então, a nossa primeira questão: o que poderia haver de importante, no que diz respeito à desaceleração dos modos de vida, na experiência do congestionamento?

“Auto-estrada do sul”, conto de Julio Cortázar, é um bom intercessor para algumas dessas problemáticas. A narrativa começa com uma situação recorrente: trânsito parado numa auto-estrada no final de um feriado. Essa situação já é esperada e naturalizada para nós, ou seja, tratada como algo que sempre ocorreu e sempre ocorrerá. Aos poucos, porém, vai se tornando absurda, num movimento de hipérbole contínua. O tempo começa a passar de forma incalculável: perdemos a referência dos dias e noites que se passam, até o tempo não mais importar: “já nem valia a pena olhar o relógio para perder-se em cálculos inúteis.”<sup>104</sup> O olhar se desloca para as relações, as formas de relação que vão se forjando ali, numa estrada parada cheia de máquinas feitas para correr. As pessoas são nomeadas pelos seus veículos: a moça do Delphine, o engenheiro do Peugeot 404, o casal de velhos do ID Citroen. Comida e água começam a acabar, a formação de grupos torna-se necessária e, com isso, rivalidades e afinidades vão se desenhando. Cria-se um modo de vida ali. Há funções e papéis que cada um exerce em relação ao coletivo, configuram-se hábitos e desejos próprios daquela situação em que se encontram todos; uma rotina. Como todos os modos de vida, também esse é provisório. Em algum momento, inesperado, o movimento dos carros torna-se possível novamente. As pessoas procuram seus carros, suas coisas espalhadas e, sem pensar no que não poderiam recuperar, dirigem, esperançosos, de volta – é uma volta de feriado. Os carros ganham velocidade e, inevitavelmente, mudam as posições. Depois de alguns metros, as pessoas-veículos já não se reconhecem, misturaram-se os grupos e não há mais necessidade de juntarem-se para gerir o racionamento da comida, da água e dos cobertores. Não há mais a moça do Delphine, há Delphines e moças e rapazes que olham apenas para frente. Não há mais aquele modo de vida da estrada parada.

---

<sup>103</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p. 38.

<sup>104</sup> Julio Cortázar, 1975, p. 5.



Tudo voltou ao normal? Depois de experimentar aquela situação absurda, extraordinária para a época (o conto foi publicado em 1969) ou, como nos parece hoje, simplesmente inusual, a situação anterior - vigente, cotidiana, normal? - é que começa a parecer absurda! No conto, quando o trânsito volta a fluir, ficamos com a sensação de um dos personagens: de que a vida na fluência da estrada, que não permite relações de permanência, nem mesmo olhares, é algo completamente sem sentido:

e se corria a oitenta quilômetros por hora em direção às luzes que cresciam pouco a pouco, sem que já se soubesse bem para que tanta pressa, porque essa correria na noite entre automóveis desconhecidos onde ninguém sabia nada sobre os outros, onde todos olhavam fixamente para frente, exclusivamente para frente.<sup>105</sup>

Se fica evidente a recorrência desse modo fluente e veloz que experimentamos sem questionamento em diversas situações, o modo de narrar terá feito um movimento de vai e volta na atribuição de sentidos que faz com que a naturalização de certas práticas seja, no mínimo, estranhada. Primeiro o congestionamento aparece como consequência “natural” da situação de feriado, porém, à medida que os carros não andam, menos natural vai ficando. “A moça do Delphine dissera ao engenheiro que pouco importava chegar mais tarde a Paris mas reclamava por princípio, porque achava absurdo o fato de se submeter milhares de pessoas a um regime de caravana de camelos.”<sup>106</sup>. Ora, experimentar o congestionamento urbano na hora do *rush* também permite algum deslocamento de sentido. Estamos cansados de saber que vamos experimentá-lo se entrarmos num veículo às seis horas da tarde. Mas a experiência de ficar parado pode deslocar o julgamento. Quando estamos parados há muito tempo num veículo feito para andarmos mais rápido, no mínimo podemos nos perguntar o que estamos fazendo ali, ou por que temos de passar por aquilo. No ônibus das 18h, frases soam como ecos: “todo dia assim..”, em tom de resignação, mas também as exclamações: “é um absurdo!”; “isso está errado!”. O erro pode até ser atribuído ao planejamento urbano, porém o que parece estar implícito nas reclamações e nas resignações é o fracasso da velocidade, a impossibilidade de ser veloz naquele momento.

A ideia de fracasso, no conto, não está diretamente ligada ao congestionamento por oposição à fluidez, ou à lentidão por oposição à velocidade, mas aparece periféricamente, nos espreita como algo que ronda, sussurra: um choro no meio da noite, um personagem

---

<sup>105</sup> Julio Cortázar, 1975, p. 28.

<sup>106</sup> Julio Cortázar, 1975, p. 5.

que abandona seu veículo no meio da noite, outro que comete suicídio. São rumores de algo terrível que poderia estar por vir, uma atmosfera que talvez possamos relacionar com a ameaça dos vazios de sentido que vivemos no contemporâneo. Nos parece, às vezes, que a condição de lentidão vai fazer ruir nossa vida por completo.

Porém, o que talvez seja mais interessante no conto e na vida urbana é a relação que se pode fazer entre lentidão e comunidade. Arrisco dizer que estar dentro de um transporte coletivo num horário de congestionamento intensifica a experiência comunitária. Por quê? Certamente não apenas por conta da divisão de um mesmo espaço num período de tempo maior do que o "normal", pois é frequente avistarmos seres fechados no próprio mundo em meio a uma multidão, com fones de ouvido, celulares, livros ou apenas com um olhar distante e vazio. Mas, ainda assim, insisto na intensificação, pois o congestionamento no transporte público produz alguma cumplicidade: por meio das reclamações acerca da situação comum a todos naquele momento, das especulações sobre quanto tempo vai demorar, através de trocas de impressões, de conversas e também das inevitáveis trocas de olhares e escutas de conversas alheias. As dores e as alegrias dessa situação são, em última instância, públicas e políticas, ainda que o que se faça com elas não necessariamente o seja. Um número grande de desconhecidos colocados juntos em uma situação de lentidão tipicamente urbana: dentro de um veículo feito para que os deslocamentos sejam mais rápidos, compõe um sofrimento coletivo mas, também, um campo de invenção, de devaneio, no qual as pessoas, nas diversas maneiras de experienciá-lo, podem produzir algum desvio ao modo automatizado de velocidade e auto-centramento.

Passar por essa experiência não nos remete automaticamente ao estranhamento do fantástico, porém o modo como Cortázar apresenta a experiência comunitária no congestionamento, em *A auto-estrada do sul*, intensifica-a tanto que, como uma forma hiperbólica, cria uma curva, um deslocamento de sentido. Inicialmente *estranhamos* a situação, não nos parece natural. Porém, gradualmente, ficamos tão *acostumados* ao modo de vida lento e sem privacidade que se instaura ali, que mesmo a narração das consequências mais extremas, como o suicídio, nos impressiona menos do que o que ocorre com a retomada da velocidade. O que se faz no trânsito completamente parado se naturaliza depois de algumas páginas – não o questionamos mais! – para, em seguida, com outro movimento de ruptura, sermos sacudidos pela brusca desobstrução da auto-estrada. As relações daquele pequeno grupo são dissolvidas no tempo de aceleração dos

carros que já podem correr. Não há tempo para despedidas nem para ilusões de reencontro, não há mais comunidade. “As sociedades contemporâneas são marcadas por um processo contínuo de aceleração onde as matérias de expressão tornam-se rapidamente obsoletas. Parece que o mundo transforma-se numa sequencia aleatória e infinita”<sup>107</sup>, semelhante a uma sequência de carros numa auto-estrada.

Essa contínua aceleração e dissolução das relações é, possivelmente, vista de maneira tão naturalizada quanto o congestionamento na hora do *rush*. É possível naturalizar qualquer coisa, "se adapta a tudo nessa vida", mas, quando estranhamos algo que nos é habitual, talvez essa conformação se torne mais difícil. Apostamos na potência de criação nos modos de vida urbanos, e para que haja criação, é preciso que haja menos conformação e mais movimento, deslocamento, ruptura. Porém, retomando os efeitos das forças presentes em nosso tempo, não é à toa que naturalizamos algumas situações de nosso cotidiano, já que "fixar-nos no conhecido e conferir sentidos manufaturados ao que nos pareça sem sentido"<sup>108</sup> é uma forma de nos protegermos da ameaça dos vazios de sentido vivenciados como violenta dissolução de si. Atravessados pela velocidade, "o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático"<sup>109</sup>. A naturalização é também uma das drogas que configuram os modos de vida contemporâneos. Como, então, dar movimento e criar outros sentidos ao que nos é apresentado como condição natural de vida?

No conto, a força com que **estranhamos** o modo de vida que se forja ao se retomara velocidade na estrada - depois de lermos e vivermos junto aos personagens a experiência de comunidade por conta da inércia dos carros – é *quase* como a de experimentar, no corpo, a dissolução das relações e das identidades pela aceleração do contemporâneo. Esse *quase* é importante, pois não nos dissolvermos por completo é extremamente potente para o exercício de viver resistindo à prática da naturalização. Talvez seja possível deslocar-se de si e realocar-se por meio de um olhar e de uma descrição “estranhada” sobre as coisas que vivemos. Do conto, emprestamos esse jeito de narrar,

---

<sup>107</sup> Leila Domingues Machado, 1999, p. 5.

<sup>108</sup> Leila Domingues Machado, 1999, p. 7.

<sup>109</sup> Suely Rolnik, 1997, p. 20.

que nos faz naturalizar absurdos<sup>110</sup> para, logo em seguida, olharmos de forma diferente para o que é considerado perfeitamente usual.

\*\*\*

*O limiar designa, portanto, essa zona intermediária que a filosofia ocidental - bem como o assim chamado senso comum - custa a pensar, pois que é mais afeita às oposições demarcadas e claras (masculino/feminino, público/privado, sagrado/profano etc.), mesmo que haja, em alguns casos, um esforço em dialetizar tais dicotomias.<sup>111</sup>*

Jeneci, quarenta e poucos anos, trabalhava num restaurante e, numa noite de chuva, levou um garoto que morava na rua para sua casa. O garoto passou uma semana lá e sumiu. Dias depois, dois meninos armados chegam a sua casa cobrando a dívida de crack do tal garoto sumido. Desde então, mora na rua, conta. Faz painéis de pressão, helicópteros, cinzeiros, motos, tudo com latinhas de refrigerante ou cerveja. Também faz insetos – esperanças - com folha de coco.

Difícil explicar ou compreender a emoção desses elementos. Precisa ser explicada para ser... digna? A miséria e a esperança juntas, encarnadas em uma pessoa cuja vida é tão esquiva, tão sem documento, sem endereço, sem garantia. A recusa, ou mesmo o total desinteresse em assumir papéis, identidades prontas que poderiam lhe convir: a pobre vítima, o revoltado, o humilde... Jeneci prefere fazer esperanças.

Isso nos confunde, nos desorganiza, pois a miséria material, as condições (revoltantes) de vida, viraram sinônimo de identidades de classe, como se pudéssemos homogeneizar e estabilizar os desejos a partir de nossos termos dicotômicos e estereotipantes. Uma zona intermediária de afecção há que se recuperar. Tantos outros encontros hão de nos servir como inspiração para sentir sem tanta taxionomia.

Um “misto de beleza e terror”<sup>112</sup> poderia definir o que senti no encontro com Jeneci?

Esse tipo de afecção não tem nome, e sentir sem nome não é simples num mundo “petrificado e estabelecido, um jogo de elementos girando nos seus gonzos, uma madeixa de ruas e árvores e nomes e meses.”<sup>113</sup> Nesse jogo de elementos classificados,

<sup>110</sup> Nem tão absurdos assim, já que houve, recentemente, casos de alguns dias com o trânsito parado, como o dessa notícia: <<http://revistaautoesporte.globo.com/Noticias/noticia/2012/12/transito-de-quase-200-km-ja-dura-cinco-dias-na-russia.html>>.

<sup>111</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p. 37.

<sup>112</sup> Michel Foucault, 1977, p. 205.

<sup>113</sup> Julio Cortázar, 2009, p. 23

ordenados, nomeados, as emoções estão institucionalizadas, controladas, como se houvesse espaços, tempos e situações específicas (ainda que muitas) que pudessem incluí-las em compartimentos estanques. Incorporamos nos emocionarmos de determinado modo de acordo com o tipo de filme, de texto, de notícia, de situação. Criam-se padrões para as emoções. Compreendemos, por exemplo, o choro como reação à morte, à desilusão amorosa, à perda de bens. Mas todo padrão é vazio, embora muitas pessoas se reconheçam nele.<sup>114</sup> Para o inesperado, para o estranho, não há padrão nem ordem, ou talvez haja outras ordenações e padrões que não nos são conhecidos. É possível que o medo do desconhecido ou do caos sobressaia-se à capacidade de sentir além do que se espera de nós?

### **Escutamos histórias de amor**

Quinta-feira de dia dos namorados e de jogo do Brasil. Muito verde e amarelo e poucos corações pela cidade. Mas, em um banco de praça, sentavam duas garotas com uma placa: “escutamos histórias de amor”. Pais e amigos disseram que ninguém ia parar. No começo, até as meninas acharam estar querendo demais, algo muito íntimo, que demandasse no mínimo o pretexto de uma xícara de café e paredes, em vez do ar livre de uma praça.

Logo que nos sentaram, foi como perturbar uma manhã que de outra maneira seria normal. Um campo de força parecia contornar o banco em que estavam. As pessoas, a maioria fazendo exercício, passavam por lá mais lentamente. De vez em quando paravam, olhavam, perguntavam, desconfiadas: mas o que é vocês vão fazer com essas histórias? Por que vocês estão fazendo isso? Raramente sabiam o que responder. “Vamos... fazer nada, escutar!”

De cada um que parava, tentavam arrancar uma história. Às vezes, pedindo: conta sua história, moço! Como vendedoras, sabe-se lá de quê. Outras vezes, eram como radares, captando histórias nas frequências do silêncio, do andar e do sorriso, quando a palavra não era a elas acessível.

Colecionaram assim, ao longo de uma manhã, diversas histórias, reais e inventadas, contadas e sugeridas, inteiras e recortadas. Histórias do que foi e do que ainda pode ser.

---

<sup>114</sup> Gilles Deleuze, *Abecedário*, 1988, G de gauche (esquerda).

Ouviram sobre pessoas que talvez nunca venham a conhecer: esposas, filhos, namoradas, mães. Teve gente que não contou história, mas passou pra deixar recado: “amor incondicional, mas incondicional mesmo, só de mãe!”. Teve quem passasse rápido: “vale história de amor bandido?”

Quanto ao porquê... Só agora, depois da interferência feita, puderam esboçar um. A cidade é um aglomerado de gentes que se esbarram, mas pouco se falam e muito menos se escutam. O estar ali de uma placa provocou algo inesperado nas pessoas, mesmo que tenham sido apenas lembranças, que pudessem ou não compartilhar, não importava! Cinco minutos, segundos que fossem, falando ou pensando em amor - qualquer amor – num espaço público da cidade.<sup>115</sup>

### **Não use meu nome**

Foucault, em *A vida dos homens infames*, fez, segundo suas próprias palavras, uma antologia de existências. “Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso”<sup>116</sup>. Escavou registros de existências que o emocionaram, causaram um “efeito misto de beleza e terror”<sup>117</sup>. Foucault quis recuperar os documentos que registravam “personagens” que não carregassem nenhuma grandeza estabelecida e reconhecida, que fossem ordinárias, comuns, minúsculas. Que dessa miudeza é que tivesse vindo a grandeza do registro em documentos oficiais, personagens que por um acaso foram colocadas no clarão dos registros, por um acaso não desapareceram completamente. Pergunta-se “por quê, de repente, tinha sido tão importante em uma sociedade como a nossa que um monge escandaloso ou um agiota extravagante e inconsequente fossem ‘sufocados’ (como se sufoca um grito, um fogo ou um animal)?”<sup>118</sup> Foucault afirma que muitas dessas existências foram documentadas por conta de um encontro, de um choque com o poder. Só foram dignas de serem registradas por sua indignidade. De tão miseráveis, loucas, acabaram por ser capturadas e miradas. Talvez os episódios mais dementes de suas vidas é que ficaram para a História Oficial. O que isso traz de ironia! A marginalidade documentada em seu excesso, os rastros das vidas que estiveram tão

<sup>115</sup> Texto produzido junto a Victória Bragatto, integrante do Lis, sobre ação que realizou em 2015.

<sup>116</sup> Michel Foucault, 1977, p. 203.

<sup>117</sup> Michel Foucault, 1977, p. 205.

<sup>118</sup> Michel Foucault, 1977, p. 204.

segregadas que foram encontradas justamente por isso. A análise desses fragmentos é feita, portanto, sob a perspectiva dos jogos de poder que estavam em funcionamento, jogos esses responsáveis pelo não desaparecimento desses episódios que, por sua vez, foram registrados a serviço de seu próprio desaparecimento na época. Não eram dignos de existência esses excessos. “Afim, não é um dos traços fundamentais de nossa sociedade o fato de que nela o destino tome a força da relação com o poder, da luta com ou contra ele?”<sup>119</sup>.

Essa importante pergunta leva a muitos questionamentos necessários a esta pesquisa. Estamos registrando (ainda que não em documentos jurídicos oficiais, como no caso da compilação de Foucault) vidas, episódios que têm características parecidas com o que Foucault encontrou e reeditou. Estaríamos colocando essas vidas e episódios à disposição a serviço de quê? Aqui, ainda que com a perspectiva de atentar para os jogos de poder presentes nessas vidas à margem, o critério que me foi sendo incorporado é que nessas linhas de vidas, junto à mesquinha, ao ódio, à inveja, à repetição e à reprodução, se pudesse encontrar alegria, devaneios, revolta, proposições. Imagens da cidade que dão a ver múltiplas realidades, como uma inspiração para vivermos menos adaptados a um cotidiano carregado de controle, opressão, indiferença e desencanto. Porém como saber se não estamos apenas fortalecendo a velha concepção de racionalidade científica utilizando o poder do saber, da escrita, da Universidade?

Que uso desse poder estamos fazendo? Essa pergunta nos espreita o tempo todo, e é bom que seja assim.

É interessante quando, no auge dessas preocupações, deparamos com um encontro na cidade. Alguém que dá a ver o inesperado, que seria perfeito para o tema investigado e que jamais se deixará ser objeto de pesquisa, mesmo que a conversa dure horas. "Não use meu nome", ouvi mais de uma vez. Não são poucos os encontros que tive com esses “alguéns”, generosos por me terem desviado diversas vezes da dimensão da investigação, da entrevista, para essa outra dimensão, capaz de configurar uma experiência, e que prescindem de gravações, vídeos ou anotações para não ser esquecida. Eles me ensinaram que o anonimato é também um modo de desvio dos modos hegemônicos, tão afoitos por deixarem marcas de sua existência para sentirem que existem. Não deixar rastros é uma

---

<sup>119</sup> Michel Foucault, 1977, p. 207

estratégia contra as máquinas de captura, criando uma espécie de "tradição" dos anônimos, oportunamente difícil de transcrever.

Separe-se de seus amigos na estação  
De manhã vá à cidade com o casaco abotoado  
Procure alojamento, e quando seu camarada bater:  
Não, oh, não abra a porta  
Mas sim  
Apague as pegadas!

Se encontrar seus pais na cidade de Hamburgo ou em outro lugar  
Passe por eles como um estranho, vire na esquina, não os reconheça  
Abaixe sobre o rosto o chapéu que eles lhe deram  
Não, oh, não mostre seu rosto  
Mas sim  
Apague as pegadas!

Coma a carne que aí está. Não poupe.  
Entre em qualquer casa quando chover, sente em qualquer cadeira  
Mas não permaneça sentado. E não esqueça seu chapéu.  
Estou lhe dizendo:  
Apague as pegadas!

O que você disser, não diga duas vezes.  
Encontrando o seu pensamento em outra pessoa: negue-o.  
Quem não escreveu sua assinatura, quem não deixou retrato  
Quem não estava presente, quem nada falou  
Como poderão apanhá-lo?  
Apague as pegadas!

Cuide, quando pensar em morrer  
Para que não haja sepultura revelando onde jaz  
Com uma clara inscrição a lhe denunciar  
E o ano de sua morte a lhe entregar  
Mais uma vez:  
Apague as pegadas!

(Assim me foi ensinado.)<sup>120</sup>

\*\*\*

*O cotidiano das ruas é tão intenso, é tão surreal às vezes, que se a gente perceber ele um pouquinho, é muito fora de lugar. É muito fora de lugar para o lugar estabelecido, quero dizer. Os sons da rua, as imagens da rua... é tão fora de lugar para esse esquemão que é representado pra gente, então isso é uma ficção muito doida. Por mais que seja real aquele som das ruas, no cinema a gente fica 'nossa, que estranhamento tal'. Engraçado*

<sup>120</sup> Bertolt Brecht, *Apague as pegadas*. Tradução: Paulo César de Souza. (1926-1933).



*estranhamento, né? Estranhamento é realidade, né? Outra coisa que a gente pensava, que estranhamento é a gente ir a fundo na nossa realidade.<sup>121</sup>*

Estranhamento é a gente ir a fundo na nossa realidade.

Uma moradora da praça Costa Pereira, lugar de bastante movimento no centro de Vitória, ao ser questionada sobre o que mudaria na praça, responde que seria abusada, ousada<sup>122</sup>. “Abusaria do que eu sou”, fazendo todas as coisas que faz: amando seu companheiro na frente de todos, beijando-o em público, “como uma socialite beija o namorado, mas você não vê morador de rua se beijando, porque o pessoal acha que é palhaçada”. Podendo ter seu cheiro, “cheiro de gente”.

Estranhamento é a gente ir a fundo na nossa realidade.

De certo modo, ela está nos dizendo ir a fundo em nossa realidade é ousar ser o que se é. E ela sabe que há modos de ser que são aceitos e outros não, portanto sabe que é ousado afirmar a vida na rua como um modo de vida possível. É ousado permanecer na rua, resistir aos olhares que menosprezam, aos mecanismos que buscam a dissolução de suas práticas, às tantas forças que buscam eliminar esse modo de vida. Resistir, nesse caso, é ir a fundo nessa realidade, produzir e sustentar o estranhamento que isso causa. “Incentivaria esses meninos a serem o que eles são e mostrarem na prática, na vivência. Fazeria as coisas que a gente faz, normal. Cozinhar na latinha, na cara dura, polícia vem ‘não faz’, aí eu continuava na latinha. O que eu to fazendo? É fogo na praça, a praça não é pública? Não é direito de ir e vir?”

A busca por um olhar fantástico sobre a vida urbana volta-se para essas ousadias. Propõe colocar em evidência os desvios ao modelo imaginário e totalizador que temos sobre a vida na cidade, compreendendo-os não como eventos extraordinários, mas justamente o contrário: ativar a percepção de outras ordenações ou desordens no ordinário, criar outros sentidos para o que há na vida de todos os dias, fortalecer os modos de vida que inventam e movimentam o esquema automatizado, potencializar o estranhamento que práticas e cenas usuais nos podem causar para que possamos também criar desvios à normatividade asséptica, homogeneizante e adoecedora dos modos de vida.

<sup>121</sup> Fala do cineasta Adirley Queiroz sobre o efeito de ter utilizado sons do cotidiano das ruas, como a voz do vendedor de pamonha, no filme “Branco sai, preto fica” (2014), em debate no 3º Colóquio Cinema, Estética e Política, realizado em abril de 2014 na Universidade Federal Fluminense em Niterói. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WigC2b-uJXQ>> (a partir do 33º minuto).

<sup>122</sup> Falas retiradas do curta metragem “Ali, na Costa Pereira”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=34FV-45po8I&app=desktop> (a partir do 28º minuto).

## Construindo um olhar fantástico

### Paisagens de uma pesquisa:

Quais são as tramas urbanas de sua cidade? Que histórias você ouviu sobre o que acontece onde você mora? Quem as conta e como as conta?

Essas são perguntas que nos ajudam a perceber que o que se passa na cidade é contado de formas específicas, por pessoas e instituições específicas, dando prioridade a certas histórias em detrimento de outras. Temos nos perguntado como contar *o que se passa sobre a pele da cidade*<sup>123</sup> sob outras óticas, diferentes das dos jornais, televisão e dos clichês do senso comum: violência, consumo, medo, pressa... Como acessar outros temas, práticas e acontecimentos urbanos e dar visibilidade a eles?

Certeau, em *A invenção do cotidiano*, diz que “mais que as intenções, gostaria de apresentar a paisagem de uma pesquisa e, por esta composição de lugar, indicar os pontos de referência entre os quais se desenrola uma ação”<sup>124</sup>.

Também no Lis temos essa proposição, e temos experimentado diversas formas de *dar a ver* o que se passa no urbano. Afinal, “não se têm encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras. (...) Proust disse, e é bonito em Proust: não desejo uma mulher, desejo também uma paisagem envolta nessa mulher.”<sup>125</sup> Buscamos dar a ver não quaisquer paisagens, mas paisagens "comuns", campo mesmo no qual se dá o jogo de forças entre invenções e capturas. Voltamos nosso olhar para microlutas comuns mesmo sem se saberem, microlutas em embate permanente com a negação da vida.

A cidade como zona de guerra é a ferramenta utilizada para o embate à crescente miséria produzida pelo capitalismo contemporâneo. Essa miséria se materializa no desencanto paralisante decretando o esgotamento de experiências que ficaram na metade do caminho (...). Nessas cidades, a afirmação da vida não nos dá sossego. Nada está em paz, concluído, definitivamente perdido.<sup>126</sup>

<sup>123</sup> As pesquisas de todos os integrantes do Laboratório de Imagens da Subjetividade estão conectadas por meio de um projeto nomeado “Coisas que se passam sobre a pele da cidade: clínica urbana e políticas de subjetivação no contemporâneo”, pesquisa iniciada por Leila Domingues Machado em 2012.

<sup>124</sup> Michel de Certeau, 1998, p. 35.

<sup>125</sup> Gilles Deleuze, *Abecedário*, 1988. D de Desejo.

<sup>126</sup> Luis Antônio Baptista, 2003, p. 8

Colocar essas paisagens de embate em cena pode ser uma maneira de combater o desencanto de que fala Luis Antonio Baptista, de que fala Deleuze quando diz que “perdemos o mundo; ele nos foi tomado”<sup>127</sup>.

Buscamos no campo do cotidiano a dimensão microscópica dessas lutas, os pequenos choques com os mecanismos que reificam, oprimem e invisibilizam o que difere do hegemônico. Compreendendo que o campo do micro constitui e é constituído por jogos de forças que se fazem presentes também nos campos e nas lutas macro, queremos dar a ver e saber como determinadas forças atuam no fluxo do cotidiano urbano por acreditarmos ser possível interferir diretamente nelas. "Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos.”<sup>128</sup>

Cada integrante do bando buscou formas diferentes de dar a ver o que as interferências e as experiências de campo suscitaram, por meio de fotografias, desenhos, vídeos e escritas. Para este trabalho, busco a escrita como instrumento para dar a ver paisagens que ampliem nossas compreensões e olhares sobre a vida urbana, que permitam *esticar* o conceito de realidade, que evoquem ficções. Não por se pretenderem literatura ou porque sejam mentiras, mas porque não fogem, nem querem fugir, da invenção como uma forma de apreensão do mundo. “Experimentar o *outro* de todos os mundos e agir no mundo, eis o que nos proporciona a invenção”.<sup>129</sup>

Lendo Cortázar, temos a sensação de “um *outro* caminho que, no entanto, é realmente o *mesmo*. Um mesmo caminho diferenciado, uma variação enganosamente ‘empirista’ daquilo que os textos já vinham tematizando: a invenção como matriz da vida (...)”<sup>130</sup>. A invenção, então, não serve a quaisquer propósitos conformistas, ingênuos ou transcendentais, mas configura uma luta concreta contra o sistema de representações que atua hegemonicamente no modo como experimentamos a vida. “Cortázar nos coloca diante de um mundo que, para diferenciar-se, deve partir do mesmo mundo de elementos para serem reinscritos em outras ordenações de sentido”<sup>131</sup>.

Também para Blanchot, o interesse na ficção está em ampliar este mundo, este tempo, através da invenção:

---

<sup>127</sup> Gilles Deleuze, 1992, p. 218.

<sup>128</sup> Gilles Deleuze, 1992, p. 218.

<sup>129</sup> Tatiana Levy, 2011, p. 26

<sup>130</sup> Alexandre Moraes, 2002, p. 159

<sup>131</sup> *Ibidem*.

o realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível de se reconhecer (...) não se trata pois de um outro mundo evocado pela literatura, mas do outro de todos os mundos: o deserto, o espaço do exílio e da errância, o fora.<sup>132</sup>

Escrever pode ser uma estratégia para criar deslocamentos do habitual para esse mundo de estranhamento que evoca a citação acima. A ideia de evocar desdobramentos nas formas de olhar e contar é uma maneira de entrar no jogo de forças que está colocado nos modos de vida contemporâneos como "uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação)" - sim, de imaginação! - "e se dissolve para se refazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la".<sup>133</sup> Estado é compreendido aqui junto ao pensamento de Foucault, Deleuze e Guattari, como aparelho de captura, que produz desejos de totalizar, docilizar e controlar a vida, e que não está além ou separado de nós.

Enfraquecer o modo racionalista tão fortalecido de olhar e contar as coisas, esse "presente sem espessura, que só integra o desconhecido enquanto probabilidade calculável"<sup>134</sup>, combater certa concepção de razão que produz limitações que por vezes nos fazem criaturas desgraçadas, infortunadas<sup>135</sup>, constitui um esforço que não se trata de mera oposição, mas de ampliação e de resistência.

O que quero é provocar uma espécie de autocrítica radical dos mecanismos pelos quais chegamos a esta série de encruzilhadas, de becos aparentemente sem saída, para, através dessa revisão desapiedada, deixarmos cair todas as ideias recebidas, toda nossa herança cultural – não para abandoná-las e sim para criticá-las, para tentar descobrir os elos frouxos, para tentar descobrir onde se quebrou uma coisa que poderia ter sido muito mais bela do que é.<sup>136</sup>

Tentamos, nesta pesquisa, acessar o realismo da ficção, esse espaço desértico da literatura, na vida e nos acontecimentos urbanos. Se, para Blanchot, a literatura apresenta - e não representa, como se o mundo estivesse dado e fosse estável - um desdobrar do mundo, pensamos no que há de literatura nos acontecimentos, no que há de fissura e de outras versões nos nossos cotidianos.

<sup>132</sup> Tatiana Levy, 2001, p. 25.

<sup>133</sup> Trecho de entrevista com Hakim Bey. Disponível em:

<[http://pt-br.protopia.wikia.com/wiki/Entrevista\\_com\\_Hakim\\_Bey\\_na\\_High\\_Times](http://pt-br.protopia.wikia.com/wiki/Entrevista_com_Hakim_Bey_na_High_Times)>

<sup>134</sup> Peter Pal Pelbert, 1993, p.34.

<sup>135</sup> Julio Cortazar *apud* Brejejo, 2002, p. 53-54

<sup>136</sup> Cortazar *in* Brejejo, 2002, p. 54

Melhor ainda seria se houvésemos efetivado "o romance saído à rua" que eu propunha a amigos artistas. Teríamos esquadrinhado impossíveis pela cidade. O público olharia nossos "pedaços de arte", cenas de romance executando-se nas ruas, misturando-se a "pedaços de vida", em calçadas, portas, domicílios, bares, e acreditaria ver "vida"; o público sonharia paralelamente ao romance, mas ao contrário: para este, sua vigília é fantasia; seu sonho, a execução externa de suas cenas.<sup>137</sup>

Por meio das experiências de campo<sup>138</sup>, os “pedaços de vida” de fato misturaram-se com a bibliografia sobre o fantástico, os processos de subjetivação contemporâneos e o espaço urbano.

No percurso da pesquisa, buscamos compor paisagens que se constituam como fissuras nas constantes prescrições de normas prescritas a um modo de vida urbano. Ou seja, que evidenciem falhas ou provocações no *script* da normatividade da vida, e que possibilitem o aparecimento do que é distinto do “mesmo” no cotidiano.

escolha alguém ao acaso e o convença de que é herdeiro de uma enorme, inútil e impressionante fortuna – digamos, 5 mil quilômetros quadrados na Antártica, um velho elefante de circo, um orfanato em Bombaim ou uma coleção de manuscritos de Alquimia. Mais tarde, essa pessoa perceberá que por alguns momentos acreditou em algo extraordinário e talvez se sinta motivada a procurar um modo mais interessante de existência.<sup>139</sup> (Hakim Bey, CAOS)

Ousamos, ao colocar essas forças desviantes em jogo nos estudos acadêmicos acerca da cidade e nos hábitos de seus moradores, esboçar parte de uma história não oficial do urbano. “Trata-se, portanto, de abandonar as ilusões de soberania e de controle do assim chamado sujeito do pensar e do conhecer em prol da multiplicidade e da riqueza do real”<sup>140</sup>.

Histórias que vivemos ou ouvimos, encontros que tivemos ou que presenciamos, cenas que vimos ou que nos contaram, fatos consumados ou imaginados. Tudo isso fez parte de nosso olhar para o urbano, constituindo, com fios do fantástico, tramas que compõem muitas outras tramas, constantemente em feitura e, também, se desfazendo.

Conduzir uma pesquisa sobre a vida urbana pelo olhar fantástico - que exige um esforço por suspender esclarecimentos e certezas - para que se finalize na produção de um

<sup>137</sup> Macedônio Fernandez, 2010, cap. 7.

<sup>138</sup> As experiências de campo são encontros com pessoas ou situações que despertaram reflexões sobre como temos vivido nas cidades, e ocorreram não apenas em nossas ações de interferência, pois o simples fato de sermos moradores de uma cidade e, inevitavelmente, interagirmos com seus elementos, faz com que possamos, no contexto do grupo de pesquisa, pensar os nossos cotidianos de maneira analítica.

<sup>139</sup> Hakim Bey, 2003.

<sup>140</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 2014, p. 40.

trabalho acadêmico - do qual se espera justamente clareza e afirmações acertadas -, me coloca num campo de muitas tensões. O que entendo por fantástico não poderia jamais ser *esclarecido*, pois seria uma armadilha em si mesma. Creio que a possibilidade de escrever esse trabalho está em sustentar a tensão que essa proposta carrega, não me esquivando de minhas implicações mas, pelo contrário, colocando-as em evidência.

Montaigne, considerado por muitos o precursor do ensaio, afirma a escrita da experiência pessoal como uma proposta ousada e ética:

Estou certo de que, entre os que se escandalizam com a liberdade de meus escritos, muito poucos poderiam vangloriar-se de não se escandalizar com seus próprios pensamentos. (...) Impus-me obrigação de ousar dizer tudo o que ousar fazer.<sup>141</sup>

Na minha experiência urbana, o sentido de fantástico é algo vivo, que sinto, que “me olha”, que se faz angustiante por perturbar o hábito de *apenas ver*, serenamente, sem que a relação com o que olhamos nos afete<sup>142</sup>. “Um detalhe não planejado, aquilo que salta aos olhos de forma incontrolável, não intencional (...) que aterrissa em uma zona vaga de mim, é agudo e sufocante”.<sup>143</sup>

Essa experiência parece, muitas vezes, ser tão íntima, tão particular, que não seria de “relevância social”, como devem ser as pesquisas. Faz-se importante, portanto, lembrar que somos *ensinados* a atribuir sentido apenas individual a algo singular, a tratar nossas sensações e experiências como propriedades privadas. Porém estar disponível e em busca de fios de fantástico no contexto de pesquisadora sem dívida dispara funcionamentos para além do particular. Apenas o fato de contar sobre o que se escreve produz e dispara modos – às vezes olhares encantados, às vezes desconfiados, às vezes até odiosos. Quando o tema parece não afetar muito, dói, “dói como povo”<sup>144</sup> pois nos leva a questionar o quanto somos um povo anestesiado para os desdobramentos do ordinário, do usual. Não conseguimos estranhar o que nos é dado como natural? Nessa dor encontramos impulso para buscar formas de escrita, como o ensaio, e de narratividade, que possam fortalecer um campo comum, no qual experiências que julgamos pessoais, mas que no fundo sabemos a potência coletiva que têm, possam ser compartilhadas, transmitidas, contagiantes.

---

<sup>141</sup> Montaigne, 2013, p. 267.

<sup>142</sup> Georges Didi-Huberman, 2010.

<sup>143</sup> Trecho de artigo que se volta ao conceito de *punctum*, de Roland Barthes. (Machado, Leila; Almeida, Laura; Santos, João. 2013, p. 29)

<sup>144</sup> Machado, Leila; Almeida, Laura; Santos, João. 2013, p. 27.

Como tornar comum algo singular?

Se estávamos falando sobre criar um campo comum nas narrativas para que as experiências possam ser compartilhadas, o olhar para os processos de subjetivação é um caminho potente, já que são processos carregados de histórias e suas verdades, sempre locais, sempre múltiplas, embora permeados também pela lógica hegemônica que direciona o olhar a *uma* identidade, *uma* realidade, *uma* História. Essas engrenagens, tanto generalizantes quanto particularizantes, conduzem-nos ao ensimesmamento e/ou à massificação (seja pela via da falsa aceitação da diferença, certo relativismo passivo, seja pela via fascista, do desejo de homogeneização total). O tema é discutido por Walter Benjamin nos termos do declínio da experiência (*erfahrung*, do radical *fahr*: percorrer uma região durante uma viagem<sup>145</sup>) e predomínio da “vivência” (*erlebnis*), que não se incorpora nem à experiência individual nem à experiência compartilhada. Relaciona esse declínio (que não significa a *morte* da experiência, como alerta Gagnebin<sup>146</sup>), entre outras coisas, à ascensão do mundo capitalista cuja organização social não mais é pautada por uma vida comunitária, produzindo cada vez mais o isolamento como modo de vida<sup>147</sup>. A “história-do-si” ganha força à medida que a crença em valores coletivos decai.

Tal como Benjamin conceituou, *experiência* é algo necessariamente coletivo, que se inscreve numa temporalidade comum a várias gerações, criando uma tradição. Mas seu interesse era pela tradição dos que não venceram, isto é, daqueles que não são protagonistas (muitas vezes nem personagens) da História Oficial. Pensa a **narração** como uma forma de constituir essa tradição dos vencidos.

A utilização de histórias, relatos, narrativas em pesquisas acadêmicas é, portanto, uma tentativa de resistir às engrenagens particularizantes e massificantes por meio da insistência na relevância social de contar *certas* histórias de *certos* modos, de torná-las públicas, coletivas. É uma política de narratividade que não pretende esgotá-las com teorias, classificações, mensurações. “Não tenho nada a dizer somente a mostrar. Não sursurpiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas”<sup>148</sup>. O mais importante é a possibilidade de contágio que podem carregar.

---

<sup>145</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 1994, p. 58.

<sup>146</sup> Jeanne Marie Gagnebin, 1994, p. 47.

<sup>147</sup> Jeanne Marie Gagnebin, “Walter Benjamin ou a história aberta”. Prefácio a Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*, 1985.

<sup>148</sup> Walter Benjamin, 2006, p. 502.

Como já mencionado, durante esses dois anos de pesquisa, os fios de fantástico na experiência urbana foram sendo tramados de maneira coletiva, por contágio e transmissão. Seja em meio aos integrantes do Lis, seja nos encontros que possibilitaram alguma troca de impressões acerca do que pode ser fantástico na vida urbana.

A perguntinha, tão incômoda aos mestrandos, sobre o tema da pesquisa (pois ninguém sabe responder a ela direito), acabou me ajudando. À medida que ia tentando explicar, dando exemplos do que poderia ser fantástico na vida urbana, fui compondo uma rede de retroalimentação que consistiu em, vez ou outra, ser chamada num canto pra ouvir se aquele episódio ou aquela história tinha relação com meu tema. Enquanto, portanto, foi se criando uma verdadeira fábrica de exemplos para os novos interessados no tema e de materiais para usar na própria pesquisa, também fui desenvolvendo muitos modos de contar histórias, contagiada por meus interlocutores. Um movimento de vai e volta constante, assim como nas interferências urbanas, que nos devolveram diversas impressões, questões e olhares acerca da vida urbana, foi o que constituiu esse processo de pesquisa.

Sendo assim, não há "resultado final" melhor que as tramas que surgiram de experimentações com essa problemática. Histórias minhas, de colegas e de pessoas fora da universidade que conheci nesses dois anos que encarnaram o fantástico como dispositivo de pensamento e de criação são, portanto, a última parte desta organização textual, que pretende apresentar um olhar sobre a vida urbana capaz de forjar traçados de fuga. Pode ser lido como uma espécie de “anti-guia” de uma cidade, percorrendo fios de fantásticos.



## Tramas urbanas

### rodoviária

O aeroporto daquela capital é um dos mais mal falados que conheço. O tamanho é a reclamação mais constante, ainda que seja bastante proporcional à dimensão da pequena ilha. Mas o título de Capital do estado e os muitos investimentos roubados produzem expectativas e comportamentos que vão além das medidas puramente geográficas.

No desembarque, num dia qualquer, um dos inúmeros anônimos passa as grades que o separam da área dos que, ansiosos, esperam os viajantes. Sua aparição causa gritos e choro. Um cinco adolescentes estendem seus cadernos e suas mãos para guardar alguma lembrança desse ídolo que, finalmente, dá a essa cidade a oportunidade de sua presença. Tudo acontece muito rápido e parece que as únicas pessoas que o conhecem são aquelas meninas. A multidão se olha interrogativa, especulando sobre a identidade do recém-chegado. Seria um cantor? De quê? Um ator? De onde?

Naquele mesmo dia fui até a rodoviária comprar uma passagem de saída da cidade. Ali o tamanho não parece ser um problema, tampouco a recepção tão calorosa. O espaço é cheio de ninguéns, e ninguém espera ninguém descer do ônibus.

Chegam ou partem, esses ninguéns, mas poucos ficam. Os bancos perto da plataforma me atraíram inexplicavelmente naquele dia, e resolvi sentar. É claro que entendi imediatamente o motivo de ter ido até aquele banco quando, no assento, encontrei um papel com as seguintes instruções:

Vá ao dentista. Sente-se na sala de espera de modo que todos imaginem que está esperando para ser atendido. Não seja descoberto!

Pegue uma revista e folheie. Preste atenção às fotos de pessoas e escolha uma que tenha um rosto bastante comum. Discretamente, finja um espirro e arranque a página que contém a foto da personalidade escolhida. Vá até a rodoviária da cidade.

Sente-se próximo à plataforma de desembarque e espere. Observe atentamente as pessoas que descem dos ônibus e, quando avistar alguém que pareça com a foto que você tem em mãos, grite. Pareça emocionado e, se conseguir, chore. Corra até a celebridade e abrace-a. Não deixe que lhe pergunte nada; se a pessoa começar a falar, atropela-a com

discursos comovidos, dizendo que esperou por muito tempo esse momento, que é obcecado por ela, acompanha tudo o que faz, que está muito feliz de vê-la, que a ama. Dê um beijo molhado em sua bochecha, um abraço apertado, vire as costas e saia saltitando bem depressa, de preferência cantando “*I’m singing in the rain, just singing in the rain, I’m dancing in the rain, I’m happy again*”.<sup>149</sup>

\*\*\*

### **esperando o ônibus**

“O amor é surpreendente, e o casal Felipe e Juliana é prova disso. Os dois se conheceram há alguns meses em um ponto de ônibus de Jardim da Penha, enquanto aguardavam o 214. A espera foi tão longa que os dois se apaixonaram e acabaram se casando no local, em uma cerimônia com participação de outros passageiros que também aguardavam o coletivo. Meses se passaram e o casal ganhou um lindo presente, o filho Gabriel. Juliana e Felipe ainda sonham em voltar para casa e dizem acreditar que o ônibus já está chegando.”<sup>150</sup>

\*\*\*

### **câmeras de um transporte coletivo**

*Preso à minha classe e a algumas roupas  
Vou de branco pela rua cinzenta  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?*<sup>151</sup>

Nos devaneios - no ônibus -, tenho a impressão de instantes de cumplicidade na solidão do trânsito entre um e outro lugar. Imagino os desejos de futuro, o medo ou a preguiça do próximo ponto, o ódio e a revolta.

<sup>149</sup> Idéia de interferência que surgiu junto a Victor Pacheco, membro do Lis. Não foi realizada até o presente momento.

<sup>150</sup> 214 é o número de um ônibus que circula na cidade de Vitória. Sua fama por ser demorado rendeu essa matéria num jornal online, que transcrevo na íntegra. Disponível em: <<http://www.oparcial.com.br/ia/?p=2380>>

<sup>151</sup> Trecho do poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade

A menina branca esquisitinha (o que talvez seja, além de um indicativo, um privilégio de classe) estava bem acomodada no ônibus usando a câmera do celular para filmar o caminho que percorria diariamente. Devaneava com o futuro, com a sensação que teria ao ver o vídeo depois, queria ter esse registro, possuir aquele caminho, aquela experiência. Ouve uma voz-denúncia: "ela tá filmando aqui dentro". Vira-se. Ela, negra, jovem, roupa justa e curta. Lembrava-me muito, ou melhor, *era* Maria Ortiz. Os olhos de ódio de Maria Ortiz, despejando morro abaixo água morna e fezes nos invasores.

-Você não quer que eu te filme?

-Não, tem que pedir autorização, vai se fuder.

-Mas eu não vou usar pra nada...

-Ah, foda-se, meu pau!

-Seu pau? (Alguns risos)

-É, meu pau, minha buceta, o caralho a quatro!!

-Ah, sei lá, fiquei interessada...

-Paaaaaaaara, demônio!

-Parei!, parei!

Tentou se desculpar, tentou dizer que ela estava certa, que deveria ter pedido autorização... Mas já estava dado, ela tinha muito ódio, mas muito! Não existia possibilidade de nada mais, eram inimigas. Ela era a invasora? Ela parou de falar. O ônibus parou. Entraram dois policiais e tiraram a menina negra e outros dois que estavam com ela: "ou paga ou desce". Foi muito rápido. Ela olhou para o cobrador, atônita, assustada. Perguntou o motivo daquilo.

-Eles pularam a catraca, você não viu?

-Não!

-Un, achei até que você tinha filmado.

-Não, não! Não tava filmando isso. Mas... pularam a catraca porque você deixou, não?

- ..... Não é que eu deixei... É que eu não posso fazer nada, entende?

-Como assim?

-Se eu falo alguma coisa... essa gente é assim, tenho medo de levar um tiro, já levei murro na cara

-Entendi... Mas quem chamou a polícia?

-O motorista, porque ela tava gritando, brigando, não viu o jeito que ela falou? Aqui é todo mundo cidadão de bem.

-Mas ela estava certa. Eu tinha que ter pedido autorização pra filmar dentro do ônibus.

-...Você não filmou mesmo ela pulando a catraca?

-Não

-De qualquer jeito, olha ali. - apontou uma câmera - Tá tudo filmado.

Se o direito de ir e vir é conquistado na marra, no pulo, não há o direito de permanecer.

Se se pulam as catracas, há que calar a boca, permanecer invisível, mudo, para não ser arrancado de onde se arreventou o portal de entrada.

O trânsito pela cidade é para quem paga, mas também para quem se cala, para quem não contesta, para quem aceita ser vigiado, controlado. Essa é a negociação.

*Porém meu ódio é o melhor de mim.  
Com ele me salvo e dou a poucos uma esperança mínima.<sup>152</sup>*

Há sempre aqueles que não negociam.

\*\*\*

### **Sobre imagens da janela <sup>153</sup>**

Atentem-se, vocês, às imagens que fraseio; imagens fraseadas, posto que não escrevemos senão imagens.

Pela manhã me cabia em um ponto de ônibus, fitando o asfalto. Era um desses pontos de ônibus de bairro pequeno burguês, em que senhorinhas perfumadas logo encostam para contar as várias virtudes dos filhos, ou dos netos, ou dos sobrinhos. Não admirem-se em saber que o mais rápido que pude, para não dar chance ao esnober das virtudes alheias, entrei num dos primeiros ônibus que passaram. Seguia um caminho sinuoso pela cidade, ao lado da janela. Que miséria seríamos sem as janelas: dou fé de que elas, as janelas, têm uma propriedade de nos convocar a refletir, ou de nos atordoar apresentando uma cena inesperada, e tudo espiado num desses quadriláteros pode ser caso de pensamento. São elas também que nos colocam em provação, insinuando, de alguma maneira, que nos atiraremos por sua abertura – mas, pro consolo dos aflitos, a maioria me parece resistir à vertigem. Sei que quando me dei conta, saía de onde peguei o ônibus, tomando-me cada vez mais com o que corria por essa janela que eu ladeava.

---

<sup>152</sup> Trecho do poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade

<sup>153</sup> Texto de Fabrício Martins Pinto, integrante do Lis.

Numa parte da cidade de terreno morrado, ocupado há anos, entre barrancas de barro amarelo, passando por umas ruelas atropilhadas de casas inacabadas, corriam e pulavam os muros sem reboco braços e canelas fininhas, hábeis, e de não mais que doze anos. Noutra canto, nas vias arteriais do centro urbano, debaixo de marquises, tantos corpos dormindo na calçada, corpos de pele negra. E não distante dali, nos cruzamentos em que o ônibus parava, me dei conta de não ver o que já fora comum: os meninos que vendiam balas entre carros e fumaça; esses meninos vendedores, que deviam conhecer com maestria os lugares por onde eu passava impermanente de ônibus, e que agora, talvez a pretexto de vulnerabilidade, não circulam mais vendendo. Essas foram situações que me atentaram de jeito, e fico lembrando do meu medo de senhorinhas perfumadas de bairro pequeno burguês: que contraste as senhorinhas ante esses e aqueles – que correm pela rua, que vendiam, e que dormem no chão. Decerto eles são também filhos, mas provavelmente sem a mãe ou outro alguém que lhe narre as virtudes. E precisamente aí, diante do contraste, saindo das complacências, me convoco a pensar que a questão talvez seja anterior, cabendo assim nos perguntarmos – os que correm, os que dormem, os que vendem, eu, você, e as senhorinhas perfumadas – sobre o que nos sugerem, o que nos acostumamos a chamar e o que nos cabe como virtuoso nesse cenário urbano.

Reparem na cidade divagada pela janela do ônibus e que aqui textualizo: o cheiro no bairro pequeno burguês, a falação de virtudes, as rotas automotivas, os fluxos delineados, os movimentos hábeis de pernas e canelas, a ocupação de calçadas para dormir, os meninos vendedores sumidos da rua, os recortes do espaço urbano que aparentam ter como quesitos para tal a cor da pele e as idades. E nessa cidade, nessa cidade repleta de atravessamentos, nessa cidade estriada, constato, fico contente – na verdade – em constatar, que uma coisa não faz par com outra, e é aqui que tudo fracassa, tudo: ideal de homem, de bondade, bem estar, vitórias, finalidades, progresso, eternidade, perfeição, noções de igualdade, de univocidade, de universalidade, melhorias, liberdades, controles, funcionalidade, a fama, as virtudes, filhos, impossibilidades, meritocracia, propriedade, perfumes. Mesmo o fracasso fracassa. E troquem vocês os olhos iludidos e forçosos, tomem um ônibus, vasculhem a cidade e verão como tudo isso fracassa; em alguma esquina, em alguma rua, em alguma praça, por algum momento entre as pessoas, entre braços e abraços, isso tudo ou algo disso não se sustenta, e sucumbe, é falido por outra coisa: e aí há de se haver com a vida em sua crueza.

Essa cidade jamais é um lugar de fatos consumáveis. É um lugar de paradoxos, e os paradoxos, vejam bem, os paradoxos não têm salvação, e tampouco a almejam – para o

desterro dos que vem implorando por seguridades. Salvação não está em jogo, e que fique isso para os ascetas: aqueles em equilíbrio, que se apaziguam, se consolam, e se tem por redimidos da vida, porque quem quer se salvar quer se salvar é da vida. Rendo aqui minhas honrarias a Pessoa, e não me eximo de diagnosticar esses, os ascetas: cadáveres adiados que procriam.

Não obstante o nojo dos ascetas, quando me dava conta de como divagava, a viagem naquele ônibus em que tinha embarcado no bairro pequeno burguês já findava, tendo eu me atormentado o bastante pelo que a janela insistia em me apresentar pelo percurso. Estava, aliás, num desconfortável, e pronto para saltar: saltar do ônibus porque tinha me decidido, instantes antes, que me defenestrar é, no fim, algo que não compensa. A um passo do desembarque, me ocupava uma imagem, outra imagem, a imagem que impulsiona o texto: vejam vocês que tudo antes desse parágrafo foi pretexto, foram imagens não menos importantes que compuseram a gênese de uma outra, uma outra que elejo aqui como principal. A imagem que impulsiona esse texto e seu título: uma imagem de destruição da cidade, começada a ser composta nos primeiros degraus do ônibus, ficando eu por terminar de pensá-la já na sarjeta. Tenho agora um belo plano, um plano para dar fim a cidade só por dar fim, sem promessas, mas por desconfiar – entendam que eu ando uma pessoa meio desconfiada nos últimos tempos – do modo como as coisas vão indo. Quanta matéria para me tratarem de nihilista! Não percebem vocês que como decadente me vêem, entretanto, que a ruína da cidade seria, de fato, a afirmação de outra imagem, a afirmação de outra encruzilhada; qual, eu não me importo: é sem garantias de melhoras ou piores, mesmo porque acho as predições um de nossos piores grilhões.

Preferível é tomar-se de uma coisa a cada vez, e tomemo-nos, por hora, pela imagem de destruição. Ei-la, enfim: proponho que substituamos todo e qualquer vegetal que por aí brota, dos matos atrofiados, que não passam dos dois palmos entre o calçamento, aos arvoredos que se precipitam em crescer em nome da sombra e do paisagismo; substituir cada um deles por uma bomba, uma bomba sem pressa, de um metro: uma muda de Jequitibá. Plante, espere e verás, e veremos: talvez em décadas, os Jequitibás darão cabo à cidade facilmente, esvaziando, e criando outros espaços.

Caríssimos, não seria difícil. Sabotaríamos, atropilhando, as calçadas de concreto e as ruas de asfalto. Os portões de garagens não poderiam mais abrir posto que estariam atravancados. Os pontos de ônibus de nada serviriam. As colunas, coitadas: ruídas. Prédios teriam os fundamentos e as vigas mestras comprometidas, assim como as manilhas seriam rachadas no subsolo. As praças áridas de pavimento intertravado sem

grandes trabalhos estariam detonadas pelos Jequitibás imponentes – máquinas de destruição a longo prazo, sem estardalhaços. E que graça seria poder dizer: “sabe da cidade que eu morava? Pois então, tal como a conhecia, foi destruída por frondosos Jequitibás”.

\*\*\*

### **Se eu ouvisse mais as árvores<sup>154</sup>**

É que se fosse o título “Se as árvores falassem mais”, então talvez me tornasse crente de que não ouço de menos, e a elas, às árvores, repousaria a inteira responsabilidade por falarem pouco. Mas isso não me convence: a tratativa da questão é outra, e isso que vou propor a vocês. Certamente a tratativa da questão deve ser outra, e precipito aqui, de início, qualquer chance daquele mistério previsivelmente final que poderia ter esse texto: antes de condenarmos as árvores por caladas, há de se ouvir com outros ouvidos, ouvidos capazes de escutar árvores que já se prostram por aí a falar, há tempos – árvores por aí a falar há tempos e em outras frequências. Assim faço jus ao título, digo logo, sem segredar, do que tratarei, e dou ensejo a este tema que só recentemente tive como crucial à humanidade, a sua saúde e sua prosperidade futura: o tema da escuta das árvores.

Disseram-me, até aqui, até aqui da minha vida, que árvores são para sombra. Já ouvi que podem ser para armário, para banco, para lenha, para piquetes, para tábuas, para frutos, para localização, para casa, para florezinhas, mas, na mais ecológica e inerte das hipóteses, disseram-me que seriam para sombra: que mesquinharía essa funcionalidade da sombra que outorgam às árvores e da qual me fizeram crer. Contra isso, eu vou falar de algumas árvores que falam, e que não só falam como declaram, vociferam e cantam, porque – vejam só – eu fui ensurdecido quanto ao que falam as árvores, mas, não há muito tempo, como tenho dito, tento reverter esse quadro mesquinho. Falando das árvores que falam, repetindo isso – saibam – convenço a mim mesmo em doses homeopáticas. E não façam disso um caso de graça, ao contrário – mesmo porque, para o que digo no texto, me é indiferente o riso de vocês –, venho cada vez mais me convencendo de que as árvores falam e, me trabalhando para escutá-las à altura, percebo o quanto é importante.

---

<sup>154</sup> Texto de Fabrício Martins Pinto, integrante do Lis.

Atentem vocês ao que tenho para falar, por exemplo, da árvore que ameia minha rua: ela é a quarta de onde quer que se inicie a conta, direita ou esquerda. Uma senhora, uma senhora Aroeira esvaziada de um lado, na medida em que envergada para o norte, e tudo isso por que fala em alto e bom som quando assopra o vento sul. Só consigo ouvi-la de forma clara quando assopra esse vento sul: não esqueçam, diante dos limites, que estou me versando ainda e aos poucos nessa arte de escuta de árvores. De quando em vez é uma fala suave, um canto; outrora um agudo alegre ou é um assobio de galhos, folhas e bolinhas vermelhas riscando o vento. Aí vocês dizem: “mas ela não fala por si, só fala com o vento sul”. E logo vos retruco: e quem fala só, por si, sem estar, de alguma forma, em relação? Ademais, esse vento sul, com o privilégio da conversa, não detém, para nosso deleite, o monopólio da escuta.

Tem também uma outra árvore, por onde eu passo, um Jatobá. Um Jatobá sertânico, que de tempos em tempos perfuma essa parte de cidade, por onde eu passo frequentemente pelas manhãs, porque eu sou – notem vocês – um homem de hábitos. E nos hábitos, nos hábitos venho a procurar o que sutilmente por ventura se apresenta como inédito, tornando a encantar os caminhos pelos quais insisto em passar, ou as tarefas que pejejo em refazer. De fato é bem verdade meu estreitamento com rotinas, e nelas a caça pelas novidades, mas não se atormentem porque isso não é recurso para debandar do tema com detalhes da vida privada: esse espírito certamente é o que me cativa na empreitada de ouvir as árvores. E existe essa árvore, esse Jatobá, por esse caminho em que passo frequentemente. Dia desses me dei conta, talvez por um acaso, de uma folha, da vigésima quinta folha, que se apercebe na décima sexta ramificação arraigada no sétimo galho desse Jatobá miúdo, um galho que desce e se espraia, deixando tudo isso à minha têmpora. Pois essa folha, essa única folha temporânea, quando passo, murmura a mim um gracejo qualquer de bom dia, e daí, ao mesmo tempo, movimenta-se ela delicadamente para trás, em reverência, alargando um pouco mais meu caminho.

Entendam que apresentei, até o corrente, dois casos evidentes de falação e comunicação de árvores, e, partindo destas constatações, os meus esforços e ensaios em forjar um par de ouvidos dispostos e aguçados o bastante para ouvi-las. Aos mais céticos de vocês, para os quais a Aroeira que enverga para o norte ou o Jatobá miúdo não satisfazem ou não motivam o exercício de ouvir mais as árvores, outro caso, um tanto mais generalizado, deve bastar.

Pensem, pois, numa dessas árvores frondosas com as quais já devem ter se deparado alguma vez na vida; uma dessas que o marrom do tronco tem cor de trinta anos ou mais, e



a sua textura acrescentaria a essa impressão preliminar e colorida da idade facilmente uma ou duas décadas. Pois pensem numa dessas árvores, que fariam as que apresentei até então se recolocarem na posição de arbustos ou arvoredos: talvez o Jatobá de que disse, hoje ainda miúdo, um dia se preste a esse papel, e se alce ao céu de maneira a dar vertigem a quem o contemplar do chão. Mas já o Jatobá, cidadão, se torna mais discrepante quanto menos miúdo, e tanto avassalador às calçadas, muros, ruas e concreto quanto majestoso. Há pouco mesmo sofreu uma poda, uma medida de contenção, e receio não tardar o tempo em que suas flores não mais redimirão sua presença no espaço urbano, e seus frutos, quando caídos, não servirão de lastro comestível aos carros atingidos. Daí, o Jatobá, nada mais miúdo, decerto será cerrado da cidade por questões travestidas de custos e benefícios.

Acontece que o dado indubitável de que falam as árvores, que venho a colocar a vocês a partir do caso das árvores frondosas – o que me lembra de especular sobre o futuro de meu querido Jatobá ainda miúdo –; o dado indubitável se coloca justo no desterro das frondosas, quando soltam um grunhido amargo, um grito agonizante, pela desventura e o desgosto de encontrarem uma motosserra. Quanto mais velha, mais pungente o gemido ao serem derrubadas, e esse me cabe, até agora, como o alto indício de que falam as árvores, como o audível lamento, ainda que o menos agradável, e não por isso menos ignorado.

Talvez um dia escreva um livro sobre como construir outros ouvidos, ou dê um curso sobre como falam as árvores, ou, melhor, plante uma árvore para que fale por aí. Talvez um dia me digam o quanto fui inconveniente a vocês com esse curto escrito parco de mistério desde o início; mas ressalvo a delícia de ouvir as árvores, e insisto nesse exercício para o bem da humanidade. E isso não é caridade, longe de mim; entendam: ao menos não quero, sozinho nessa, ser tachado como louco, porque vocês sabem o que viemos fazendo com aqueles que chamamos loucos. Só me disseram, até aqui, que árvores são para sombra: mas que mesquinharia essa funcionalidade da sombra, de achar que elas quereriam as folhas mais altas da copa em sol a pino a favor de sombra para nós, nós que não pestanejamos em dar cabo à sua população. A sombra é consequência para aqueles cansados, que precisam de repouso. Quem disse que árvores, que cantam, por vezes agonizam, e por outras tantas vezes de falas tão belas e relevantes, são antes de tudo ou unicamente para sombrear? Árvores são árvores na medida em que antes falam e trazem aí toda sua beleza, assim como as coisas são antes estéticas do que funcionais.

**beira-mar**<sup>155</sup>

Ali, no fim da tarde, sob aquele azul – muito azul – que dura apenas alguns minutos, o rapaz recosta-se no muro que o separa do mar. Não pensa nunca nisso, mas ele se constitui como uma paisagem inadequada às seis horas da tarde, parado, fumando tranquilamente seu cigarro e sem nada pra fazer. Nunca tem nada pra fazer. Em vez disso, pensa em como abolir os sapatos de sua vida e imagina-se numa festa junina de rua jogando-os na fogueira. Tem o olhar baixo, nas poucas ondas que dão a ver bitucas, garrafas, tecidos e - como é impressionante!- alguns peixes. Ao fundo, grandes navios, o porto em expansão. Tudo em expansão. Olha para uma pedra e, em algum momento, o rosto nela aparece. É um velho. Severo, mas generoso, com olhos duros, e cabelos e barba compridos de mar.

Tenta contar para os que passam...“Você fala com pedra agora, é? É louco?”; “É o Penedo, *parece* mesmo um velho”; “É uma entidade protetora”; “Está bêbado, né?”; “Tem aquela história que um gênio vive preso nessa pedra, exilado por vontade própria depois de ter presenciado a matança dos índios pelos colonizadores portugueses. Tem gente que faz um desejo e joga uma rosa na água, dizem que se a flor alcançar o pé do rochedo, se realiza”<sup>156</sup>; “Essa região é um perigo, meu filho, só passa nóia”...

Religiosas, místicas, científicas, psicológicas, ah! as explicações, as justificativas, as advertências... Só gostaria que eles *vissem* o velho, só por um instante... Não era alucinação nem metáfora! Sente-se muito mal.

Sem perceber, está vagando pela noite, sente-se melhor no escuro. Olha para as beiradas, apenas. Vê fragmentos de objetos e de pessoas e brinca de juntá-los, formando parceiros que o acompanham até esbarrar com gente que fala e olha e o faz esquecer o que estava fazendo.

Pensa por que as pessoas sempre vão embora e não tem vontade de que isso seja uma pergunta. Pensa que ficar até o fim é sua missão na vida, mas não gosta dos termos. Pensa de novo e substitui “ficar até o fim” por “aguentar o insuportável”. Substitui “missão na vida” por nada. Pensa de novo e chega à conclusão de que o que quer mesmo é estar sempre num limite, sempre forçar mais um pouco, mas não quer ultrapassar nada, porque não existe nada. Se acreditar em fronteiras, elas vão sempre existir.

<sup>155</sup> Ler ouvindo Belchior, Disco *Alucinação*, 1976.

<sup>156</sup> Lendas sobre o Penedo disponíveis em: <<http://www.revi-rio.com.br/guiatur/vilavelha.htm>>

Sente orgulho de seu último pensamento e agora pensa que sente orgulho. É um pensamento cansativo e a luz do dia começa a incomodá-lo profundamente, fazendo-o pensar que não adianta nada ficar orgulhoso de um pensamento e, muito menos, às seis horas da manhã.

Para e fuma, olhando para baixo, sem perceber que aquele tinha sido seu ponto de partida. Mas agora está recostado numa parede e vê muitos pés. Pés calçados, descalços (poucos), todos muito rápidos. Começam a se transformar em linhas, de tão rápidos. É bonito, parece uma cena de filme ou um quadro em movimento.

Não sente que seu corpo vai ficando menos rígido, suas pernas vão dobrando e seus olhos fechando. Continua vendo a cena dos pés rápidos, mas agora não pensa em nada, dorme. Acorda com spray de pimenta nos olhos e uma paulada de cassetete nas costas. Bate a cabeça na porta da Secretaria de Direitos Humanos e o escuro passa a velar seus olhos<sup>157</sup>.

\*\*\*

### **Um uso da orla<sup>158</sup>**

Era um dia feio, daqueles de céu sem cor. Não inspirava promessas de futuro, nem imersão no passado. No tempo de espera por uma amiga na orla, esse tempo vazio, limiar, estávamos sentadas nos bancos da praia, visíveis para ele e suas brincadeiras. Um corpo forte e marcado. Ele veio até nós. Insistia na força e nas marcas, destacando os músculos, repetindo sua idade - *Tenho 40 anos, não nasci em berço de ouro não, olha minhas mãos todas calejadas*. E das tatuagens, e das cicatrizes, que sugeriam uma vida vivida intensamente, delas não falou.

Em sua bicicleta - *Minha, não. É nossa* - de passeio, podia oferecer uma voltinha a quem fosse amigo. Amigos fomos pela imundície, pela sujeira - *Acordar é cagar, peidar, mijar... A gente é tudo porcaria, é assim que é a vida, não é?* Concordávamos. Ele confiou.

A Camicreta é um triciclo com um banco muito bem desenhado acoplado na grande garupa e alguns outros apetrechos, como guarda-sol, câmera filmadora, retrovisor. A

<sup>157</sup> Fato (rapaz agredido por PMs na porta da secretaria de direitos humanos) que ocorreu no dia 17/03/2015 em São Paulo, relatado por Eduardo Suplicy. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/viver-sp/blog/2015/03/18/eduardo-suplicy-discute-com-pms-durante-abordagem-em-sp/>>

<sup>158</sup> Relato de experiência vivida junto à Priscila Vescovi, colega de mestrado no PPGPSI, em 2014, na orla da praia de Camburi. O encontro não ocorreu no contexto do campo de pesquisa propriamente dito (isto é, não estávamos lá como pesquisadoras, mas como moradoras da cidade), porém entrou para o texto como experiência urbana inspiradora para pensar modos inventivos de habitar a cidade.

câmera tem um cabo que poderia estar ligado em algum computador ou celular, mas não, não está ligado a nada.

Ela teima em andar sozinha, às vezes quase passando por cima de nadadores de skate, de patins, caminhanças. Encontrões. Ele se desculpa - *não vi* - e depois olha para nós com cara de sapeca. Ele e a teimosa guiam o passeio pela orla de Camburi. Lá é famoso, fala com todos, é amigo de todos até perceber que algo não compactua com essa espécie de ética da (trans)ação urbana. - *Você sabe o que é um olhar? Ele foi mal-educado, esse cara, enjoado! Não gosto de gente enjoada.*

O espaço da ciclovia é desconfortável, é institucionalizado demais, não há como respeitá-lo. - *Onde já se viu só poder andar onde está pintado de vermelho?* Em nome do passeio é preciso percorrer também a calçada, a rua, até quase cair na areia. Quase, por um triz! Por um triz não se machuca, por um triz não atropela alguém. - *É, minhas amigas, a vida se faz de riscos...*

É uma bicicleta, ou melhor, um triciclo, mas não por isso não precisa de combustível! Fica numa garrafa de plástico, dessas de esportista. - *Quer água de coco?* Se diverte quando sentimos o gosto da vodka!

Passamos pelo píer de Iemanjá. Ele aponta para o balanço. - *Fui eu que coloquei aí, sabiam?* Sabíamos que não havia sido ele, mas também sabíamos que poderia ter sido. O balanço era de quem quisesse.<sup>159</sup>

Parecia que seria impossível ir embora, mas ele não dependia de nós para continuar o passeio, sentia que a rua era de um "nós" que estava, a todo momento, por vir. Ele não cabe num relato, mas cabe na cidade. Faz-se caber, não sem embate. Sua luta por abrir espaços inventivos e, sobretudo, de amizade, é de uma intensidade encantadora e, por que não?, artística. Mas ele não é uma vida que se pode capturar, que se pode classificar. Sua luta é anônima, pelo "nós". Não é de sua vida que estamos falando, *Eu sou Ximenes da Rede Globo, eu sou ninguém, eu sou amigo de todo mundo.* É do *ninguém* que pode ser amigo de todo mundo, é de um balanço cujo autor é qualquer um que o deseje, é da Camicreta que não é veículo de ninguém, e por isso pode ser nosso.

\*\*\*

---

<sup>159</sup> Essa situação de fato aconteceu e faz referência ao balanço que o Lis instalou, em 2014, no píer de Iemanjá, na praia de Camburi.

## **centro da cidade**

Quando vim morar no centro, o fiz por amizade e por olfato. Por olfato porque desde a primeira vez que desci do ônibus, senti que ali meu nariz ficava mais potente. Nunca fui boa em sentir cheiros, mas ali... Alguma coisa tinha naquele lugar! Descobri, com o tempo, que não era só meu nariz que se aguçava, o dos outros moradores e frequentadores também. Mas não era um olfato comum, eram cheiros de acontecimentos que se aguçavam. Era possível dizer que algo estava para acontecer só de inspirar o ar. Claro, não conheci ninguém que soubesse dizer exatamente **o quê**, mas os cheiros dos acontecimentos são, decerto, distintos uns dos outros. Talvez seja melhor falar de clima ou atmosfera. Sim, é o cheiro do clima que fica no ar.

Houve um tempo, não sei dizer se foram semanas ou meses, em que o cheiro da noite era tão insuportável que as ruas ficavam quase desertas. Uma noite o cheiro mudou, tornou-se ameno, muitíssimo agradável, e permaneceu assim durante um bom tempo, com pitadas de cheiros mais fortes de vez em quando. Não sei dizer o motivo dessa particularidade, mas todas as vezes em que falei sobre isso, foi uma sensação compartilhada. Já pensei que poderia ser algo relacionado à presença - algo selvagem - da natureza ali. O centro tem muitas pedras, musgos, tem o mar... Mas outros lugares da cidade, e outras cidades, também têm, e nunca havia sentido isso antes, muito menos assim, coletivamente. Mencionaram uma vez que nossa história violenta deixou muitos mortos embaixo das edificações daqui e, quem sabe, seus espíritos deem “avisos” por meio do ar. Não sei. E acho que permanecer não sabendo é uma das coisas que me faz continuar com o olfato aguçado.

Dizia antes sobre as amizades, não? Ah! Eram muitas possibilidades de conversas no canto da rua, na beira-mar, na sarjeta. Vagabundos, diziam. Eu não me atrevo a nomear de outra forma, pois nunca vi esses meus amigos tristes com essa designação. Pelo contrário, os vi muitas vezes dando aquela risadinha baixinho, sabem? Meio de sarro, meio de orgulho. E, afinal, mesmo que titubeie com o que colocam por aí de valores na palavra vagabundear, não seria eu entusiasta de tal prática? Porque, vejam bem, não é fácil ser vagabundo num mundo de tempos, tarefas e lugares muito bem determinados. É enfrentar um monte de gente e de ideias para poder vagar, poder criar os próprios caminhos.

Mas acontece que, mal me estabelecia, fui perdendo parte dessa gama de possíveis amigos. Não por brigas, desavenças ou falta de cuidado, mas simplesmente porque as

peessoas começaram a desaparecer. Dia desses, cheiro esquisito, voltava pra casa logo nos primeiros raios da manhã. No caminho que traçava, percebi um rastro de sangue. Não saberia explicar, mas aquele rastro não tinha origem, não fazia sentido algum tentar voltar para descobrir onde havia pingado a primeira gota. Era sangue de um pé só e, inevitavelmente, meus pés se intercalavam com as pegadas vermelhas que pareciam me levar para algum lugar, mas, assim como não havia origem, também não tinha fim, pois esse não haveria de ser o caminho que criam os vagabundos.

\*\*\*

### **hipermercado**<sup>160</sup>

No início da caminhada, olhando pernas-pés que seguiam a nossa frente, somos invadidas por uma sensação de rato. Rato-período de tempo, em espanhol. Rato-animal que percorre um fluxo estabelecido para chegar a algum lugar que tenha comida. Imaginamos por onde os ratos passariam se estivessem fazendo esse caminho. Espaço aberto, rotas não muito definidas, mas ainda assim calçadas específicas, faixas para pedestres. Certa vez, uma arquiteta contou sobre uma cidade em que as ruas eram abismos e as faixas de pedestres pequenas pontes. Era uma planta cujo objetivo era mostrar o espaço urbano para quem anda à pé. As lentes das ciências talvez sirvam para evidenciar o que vivemos de forma automática...

Para chegar ao nosso destino precisamos passar pela Ponte da Passagem. Essa, de fato uma ponte sobre água. Ao lado da ponte um homem pescava. Essa imagem nos fez pensar em toda a cadeia que percorre um alimento que consumimos, e como em alguns lugares ainda existe uma certa apropriação desse processo.

O hipermercado está situado numa avenida cujo nome, Reta da Penha, diz respeito à vista para o Convento da Penha, construída no século XVI num ponto alto de Vila Velha. Mas a avenida já não é mais reta, tem um desvio na altura do imenso prédio da Petrobrás...

Na esquina anterior ao nosso destino, uma Igreja Universal. Pelo distanciamento percebemos que os dois prédios são quase do mesmo tamanho. Os cultos são realizados todos os dias, com diferentes temáticas, e como qualquer mercadoria você pode escolher aquilo que quer consumir: terapia do amor, noite da salvação, contra os vícios, causas

---

<sup>160</sup> Texto produzido junto à Daniellen Brandão, integrante do Lis.

impossíveis... E como um bom produto existe a promessa de trazer bem estar e resolver os seus problemas, pois 'é isso que você precisa para ser feliz'.

Logo que entramos, somos avisadas que 'as câmeras de monitoramento estão ligadas'. Quase um *reality show*, então. E, como *reality shows* de sucesso, tinha algo de selva ali, de necessidade de sobrevivência. Estava abafado, buscávamos água, mas o bebedouro estava seco. Para matar a sede, só comprando.

Como um bom hipermercado, lá são oferecidos diversos serviços, como lojas de departamento, lotérica, chaveiro... Grande agrupamento de serviços que tendem a oferecer em um único lugar a resolução de vários problemas e necessidades; e também, criar demandas. Nos EUA, país de onde provém a marca do hipermercado, até armas de alto calibre e munição são vendidas.

Hipermercado é lugar de passagem que ao mesmo tempo modela uma permanência de consumo. Adentrar tal espaço é ser invadido inevitavelmente pelo desejo de consumo, que traveste-se de necessidade. Olhar os preços, ver o que você está precisando em casa, e o que não está, mas que seria bem-vindo. E todo esse mover-se a consumir acontece como invasão. Diferente, muito diferente da rua que, mesmo cerceada com espaços específicos para andar com pés, rodas de carro ou rodas de bicicleta, ainda permite algum devaneio de deriva. Lá, logo que entramos já fomos direto olhar algumas prateleiras, comparando o preço com outros mercados. É como se tivéssemos "esquecido" outro modo de estar. Ali, só lembrávamos de ser consumidoras. Por vezes, somos impelidos por modos que nos perpassam automaticamente. Subjetivamos de fora pra dentro.

O espaço parece que vai nos engolir. Enorme galpão com variadas repartições. Os produtos são divididos numa certa lógica, mas para conseguir circular com facilidade pelo espaço é preciso estar familiarizado. Coisa que não estamos. Então, perambulamos. Passear, apenas passear, por um hipermercado, é possível?

Vem, ó, minha amada, vem, me dê a mão  
 Que vamos sair por aí pra ver os preços  
 Vamos ver se o do queijo ainda é o mesmo  
 Que vimos ontem, quando te roubei um beijo  
 Entre um reajuste e um ágio  
 Eu atacado, você, varejo  
 Entre um reajuste e um ágio  
 Eu atacado, você, varejo

Te lavarei para ver como tudo foi remarcado  
 Desde que nossos corações bateram juntos ao pagar o supermercado  
 Ao pôr-do-sol, você me dirá: "olha, meu amor, como tudo sobe"  
 Meu coração por ti até as estrelas  
 Mas vem, minha amada, vem

Mas vem, minha amada, vem  
E morre comigo, antes que até morrer fique mais caro

Vem, ó, minha amada, vem  
Me dê a mão e vamos sair por aí pra ver os preços  
Que afinal de contas, não custa nada sonhar

(Itamar Assumpção e Paulo Leminski, *Custa nada sonhar*. In: Bicho de sete cabeças - vol. I. São Paulo: Baratos e afins, 1993.)

Tropeçamos em uma infinidade de produtos para qualquer gosto, dieta, tipo de alimentação. Macarrão que não contém ovo. Bolo que não contém glúten. Peixe a base de soja. Agora até as verduras você pode comprar cortadas ou raladas. Couve, repolho, cenoura, todos devidamente lavados, cortados e embalados; pronto para o uso.

Encontramos na área de lazer uma tenda com mesas e cadeiras. Para nossa surpresa a maioria das cadeiras estava amarrada. Estratégia utilizada no intuito de não fazer parada para as pessoas. Sorte a nossa que duas estavam soltas e por ali sentamos. Sentar nos pareceu quebrar algo daquele processo. Sentar no que se vende, fazer daquilo um cenário e um lugar para habitar, para brincar. Começamos a jogar baralho querendo causar algum ruído naqueles corpos comprantes. Aquilo nos produziu outros desejos: de interferir, de causar estranhamento, de causar incômodo, até. As poucas pessoas que passaram olhavam com estranheza. Uma voz chama um funcionário da segurança a comparecer no setor C. Seria onde estávamos?...

\*\*\*

### **fases de um procedimento burocrático**

No banco, uma fila de cinco pessoas demora excepcionalmente a andar. Um rapaz está aflito, pois fora assaltado no dia anterior e está sem dinheiro, sem documentos e sua agência é em outra cidade. Mas está otimista, sente-se bem e pensa que até o momento, tudo dera certo no seu dia, não haveria por que não dar certo agora. Tenta falar direto com o gerente, mas ele o encaminha para a fila do caixa, garantindo que ali ele poderá resolver o problema. Suas pernas balançam involuntariamente e uma mulher muito maquiada ao seu lado pergunta o que está acontecendo. Ele conta sua história e a mulher finge que ouve, mas responde falando que vende ouro e vai ficar muito rica. Ele suspira e, ironicamente, dá os parabéns pelo sucesso. Passa no caixa e o atendente o encaminha



para o gerente. Ele explica que já falou com o gerente, mas o atendente explica que não pode fazer nada, ele não tem nem documentos, nem cartão e aquela nem ao menos é sua agência. Só com o gerente mesmo. O rapaz volta ao gerente que, novamente, diz que sua questão deve ser discutida no caixa. Ele pede por favor, explica que já foi ao caixa, sorri, fala que foi assaltado e que precisa de dinheiro para pagar o aluguel no dia seguinte. O gerente pergunta se ele tem cadastro biométrico. Ele tem. Fala que os atendentes do caixa podem tirar dinheiro de sua conta com as suas digitais, mas que é só no caixa mesmo. Pega a segunda senha do dia sentindo que chegará a algum acordo mas, ao ouvir que não há nada que se pode fazer sem documento e sem cartão, que talvez a gerência..., fica com o pescoço vermelho e quase grita que fez cadastramento biométrico ali na semana passada e que, aliás, demorou DUAS HORAS e que seu dedo e suas impressões digitais estão ali, disponíveis, e que então pra que serve esta merda? O atendente pede calma e fala que, se ele explicar direitinho pro gerente, com certeza ele resolverá seu problema. O rapaz respira fundo e volta ao gerente, mas perde a paciência e diz a ele que não tem cabimento ser um gerente-robô, que ele lida com p-e-s-s-o-a-s! Volta ao caixa, já com os nervos à flor da pele e, quando vai pegar a senha, vê um cartaz com pessoas sorrindo e a frase “aqui nós resolvemos sua vida”. Começa a rir e senta no chão. O segurança do banco diz que não é permitido sentar no chão. Ele fala que não dá pra sentar naquela cadeira de gente mentirosa, que ninguém escuta o que ele está dizendo e que ele vai ficar no chão até escutarem ou, pelo menos, tentarem fazer alguma coisa. O segurança diz que ele não está autorizado a conversar durante o turno de trabalho. O rapaz ri novamente, muito alto. Pensa que a burocracia o faz passar por aqueles cinco estágios anteriores à morte: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Talvez esteja na depressão agora, sentado no chão, quieto, olhar baixo. Não percebe que causou uma movimentação entre os funcionários, que fizeram uma mini-assembléia e decidiram chamar o outro gerente, conhecido pela excelente capacidade de deixar os clientes satisfeitos, mesmo quando se trata de pagamento de dívidas, para atender o rapaz maluco sentado no chão. O outro gerente, senhor grisalho e rechonchudo, de feições muito simpáticas, agachou-se e convidou-o a sentar em sua sala, logo ali à direita. O rapaz levantou-se sem expressão e foi. Alguns viram-no sair do banco com a mesma expressão-fantasma, outros dizem nem ter reparado em sua saída e ainda alguns juram ter ouvido gritos e barulhos de tiros vindos da sala do gerente e, na semana seguinte, visto um informe de pêsames à família do senhor R., funcionário e gerente exemplar, de quem todos gostavam.

\*\*\*

**o olho no espelho<sup>161</sup>**

Uma casa branca. Um pequeno jardim. "Sim, é aqui mesmo", pensa.

Confere o número no papel que traz na mão: 113. Bate duas vezes na porta. Alguém atende:

- Que deseja?
- Sou a nova empregada.
- Ah, sim, pode entrar...

Dona Ermínia, a dona da casa, não havia solicitado doméstica na Agência de Empregos. "Mas como apareceu alguém, que fique..."

Ao entrar na sala, olha rápido: duas crianças brincam perto da televisão; no outro canto um velho, sentado na poltrona, observa seu próprio reflexo no aparelho desligado; no quarto ao lado, uma moça costura.

Com a chegada da nova empregada, Dona Ermínia não faz mais nada. A filha também: parou de costurar. O marido deixou de olhar seu reflexo na televisão desligada.

Dona Ermínia vai à praia e leva as crianças. O marido segue atrás, arrastado como um cão, os olhos servis, tossindo.

Um rapaz, pensionista, vive em quarto separado. Estuda o dia inteiro, só chega altas horas da noite. Acende a luz, lê um pouco e depois dorme.

Decorrido de sua chegada, Maria troca todos os móveis de lugar. Inicia pelo guarda-roupa, depois as camas. A geladeira, no outro dia; cada manhã muda uma peça de local.

A residência pouco a pouco toma novo aspecto. Os moradores de espantam com a mudança do ambiente. A nova empregada pinta as paredes de azul.

Ao voltar da praia, os familiares batem à porta e ninguém atende. Estranham: é de praxe deixar a porta apenas encostada. A empregada surge:

- Que desejam vocês?
- Ora, Maria, deixe de brincadeira que nós queremos entrar.

---

<sup>161</sup> Texto de Fernando Tatagiba (1946-1988), escritor capixaba. Quase inevitável incluir um de seus textos neste trabalho, já que nas conversas com moradores de Vitória, especialmente com os que moram há muito tempo no Centro, ele foi diversas vezes sugerido como um interlocutor para o tema dos "absurdos" da vida urbana.

- Acho que vocês se enganaram de número. Moro aqui sozinha. Não os conheço.

Todos da família colocam-se no vão da porta e olham: aquele interior não se parece mais com o deles. Uma das crianças repara na mudança das cores.

- Vocês se enganaram. Moro aqui há mais de onze anos. - finalizou Maria.

E bateu a porta e foi cuidar de seus afazeres.

E eles retornaram à areia e armaram a barraca.

E se sentaram olhando o mar.

Um navio sumia no horizonte, deixando restos de fumaça que desapareciam lentamente no oceano.

\*\*\*

### capachos

O resto de rua que levamos para casa. Ou melhor, que deixamos para fora de casa. O tecido que sugaria os resíduos do mundo para não contaminarmos nosso lar, esse espaço tão bem protegido. Entrar em casa limpos de mundo, limpos de rua.

Só sei de alguns vizinhos pelo capacho, nunca os vi. Imagino suas vidas pela cor daquele tapete, pela forma como está sempre esticado, ou nunca está, pelo cuidado de deixá-lo alinhado à porta, pela inscrição de bem-vindos e a ausência de visitas.

...

É madrugada e estávamos eufóricos! A possibilidade de interferir em vidas alheias está logo adiante, podemos **trocar as vidas uns dos outros**, ainda que vidas imaginadas.

Andar por andar do prédio, os capachos misturam-se, as sujeiras da rua misturam-se. Possíveis trocas de vida, andar por andar.

No dia seguinte de manhã, tudo está no lugar. No lugar de antes da troca. Nenhum comentário, nenhuma reclamação, nenhum incômodo... Nada. Nada?

Repetir a ação!

O prédio também tem seu capacho. Na verdade tem dois. O primeiro inscreve o nome do edifício, logo depois da primeira porta de vidro. O segundo é marrom, áspero, sem inscrição. Essa troca foi a que permaneceu por mais tempo. Seria o prédio mais distraído que os outros? Ou estaria sendo cúmplice da ação?

Outra troca. Dia de Copa, à tarde. Chego em casa à noite e nada está no lugar. Nem no lugar de antes, nem no lugar em que havia colocado. Estão mais trocados! As pessoas entraram no jogo ou não sabem quem é quem? Na tentativa de pôr em ordem se confundiram?

Sensação de crime. Um dos vizinhos abre a porta e estou agachada na porta ao lado. Nenhuma repercussão... Culpa? Que crime é esse? Se meter na vida dos outros, atrapalhar a paz do lar, dar trabalho para a zeladora, deixar alguém realmente perturbado? Porém... o risco! Tão vivo! Deixar as coisas como estão me parece mais como um crime. Quem sabe trocar as vidas imaginadas possa desencadear outras trocas, outras vidas...

A zeladora: “Aquele tapete é seu? Porque, menina, estão testando minha paciência... minha paciência ou minha memória, né? Mas acho que eu só errei uma vez, o do terceiro andar.”

Todos os dias, de segunda a sábado, ela está lá. Passa por todos os andares, conhece as vidas-capacho melhor que ninguém, talvez até melhor que os próprios donos.

-Alguém comentou algo? – pergunto a ela. -Não, nada... As pessoas andam tão apressadas, né, nem olham pras coisas direito...

Conto pra ela, conto do plano, da ação... Sua fala me inspirou cumplicidade. Com ela, o efeito estava dado, o “teste” de memória, a elucidação de seu saber sobre aquelas vidas - efeito de seu trabalho de zeladora. A sensibilidade e a atenção que não se pedem na hora da contratação, mas que são cultivados e aguçados diariamente.

Se aquilo a perturbou, a deixou nervosa, a deixou brava... inquietações... Ela diz que não. Há orgulho em sua expressão, como se tivesse vencido um desafio. Falo que me preocupo em não causar problemas pra ela, em que a culpa não caia nela. “É claro que a culpa vai pra mim, sempre, mas agora que estou ciente tudo bem. É uma boa causa”.

Uma boa causa, talvez. Mas que não se sustentaria com sua demissão. Tento, então, outra forma de contato: um cartaz novo no elevador, no mesmo lugar em que ficam os avisos sobre silêncio, regulamentações e regras do condomínio e, eventualmente, algumas propagandas. Numa folha amarela, pequena, escrevo com máquina de escrever as seguintes palavras:

problemas com seu capacho?  
 escreva para: [capachosemfuga@gmail.com](mailto:capachosemfuga@gmail.com)

Passam algumas semanas sem que a folha seja retirada, tampouco o espaço utilizado. Caixa de email vazia. Não há mensagens para você, capachosemfuga.

A vida de condomínio pode ser realmente silenciosa entre os vizinhos... Bom para os capachos, que um dia ainda vão se rebelar sozinhos, sem que ninguém perceba ou comente a fuga.

\*\*\*

### **história de um balanço que sumiu e que eu achei que caminhava<sup>162</sup>**

Olha só, era uma semana, uma Semana Santa. Mas que de santa tinha pouco, essa semana. De qualquer forma, convenhamos um desinteresse mesmo por santos: eles com suas caras de paisagem, de apatia sofrida; santos violentos, posto que piedosos. Acontece que tem gente por aí que põe balanço na cidade, e também acontece que tem balanço que some por aí na cidade: tem balanço que vai, chispa, escafede-se da árvore onde se amarrava, desfazendo belos nós navais, e que depois reaparece, abruptamente, como quem acorda de um sonho, ou chega de viagem, e traz consigo, na carne do corpo ou na madeira do assento, o registro mais ou menos evidente de uma saga, de uma história, de um caminho. Tem balanço que some, e que reaparece no mesmo lugar, e apropriado por um dono de curto tempo. Tem balanço que não reaparece. Quero dizer, que não volta a reaparecer a algumas pessoas, mas se pensarmos, por um instante, que o mundo independe de um ou outro determinado par de olhos para existir, esse balanço não some, mas, na verdade, se apresenta noutra lugar: isso, tenhamos isso em mente, do contrário não se redimiria de ser, esse texto, o necrológio de um balanço.

Balanços balançam, e para balançar, é preciso – anote aí –, é preciso: uma haste superior paralela ao assento e cordas. Cordas bem amarradas, com aqueles belos nós navais que alguns balanços desfazem, de forma a estarem laterais e perpendiculares ao mesmo

---

<sup>162</sup> Texto de Fabrício Martins Pinto, integrante do Lis, escrito a partir da mesma situação descrita no Capítulo 3, p. 43, acerca da execução da ação balançãe em Bairro República.

assento. É preciso também de uma força, podendo ser um empurrão, um esbarro, uma ponta de pé, um peso ou um vento. Importante é saber que teve um balanço que sumiu. É, isso mesmo: estava falando de sumiço de balanços. Mas esse balanço que sumiu, nessa Semana Santa mirrada de santa, esse não me reapareceu, e só posso então supor que tenha se apresentado em outro canto – tenhamos isso sempre em mente. E se a haste superior paralela ao assento não sumiu junto, não sei se confio mais na assertiva de que balanços balançam: esse balanço caminha, é evidente!

Esse balanço, antes que resolvesse caminhar para longe, estava sedentário, numa praça, num alto galho de uma árvore frondosa, acima de um quadrante de grama rasteira e voltado para a frente de uma escola. Mas se você for lá não tem mais balanço, porque depois de oito ou nove dias da instalação, ele resolveu desamarrar os tais belos nós navais, cansado da haste e do movimento pendular. Olha, a questão é que esse balanço, podem acreditar, é meio metido a besta: balançava alto que só vendo, e como os que leem agora não podem mais isso ver, tomem com fé a informação. E tinha também uma sereia no balanço, uma linda sereia, a mais linda que já vi, com sua pele negra, sua cabeleira, de cauda formosa e em harmonia com o fundo alaranjado do assento. Era como o verão.

Esse balanço fazia sucesso sedentário como estava. Atraía os mais aventureiros pela altura, colocando coragens à prova e promovendo até medo prazeroso. Atraía senhoras e senhores, menos impetuosos, a se sentarem e balançarem sutilmente sem problema algum. Atraía adulto a educar crianças em como lidarem com o risco. Atraía por ser na sombra. Atraía os menos magros por ser largo e resistente. Atraía por remeter a outros balanços, a um balançar que fora comum na infância de muitos, e distanciado pela adultez. Atraía uma infância para perto. Atraía os agoniados de areia por ser um balanço em cima da grama. Atraía por ser de madeira, e a madeira tem um jeito. Atraía pela sereia. É verdade, aquela sereia cantava, um pouco como aquelas que seduziram os homens de Ulisses na Odisseia. E essa sereia conseguia algo inédito naquela praça: fazia pessoas admirarem o lugar em que, logo em seguida, assentariam as nádegas.

Tudo isso é fato, mas aconteceu do balanço sumir. É, certamente, é disso que venho falando. Tampouco as cordas, amarradas à larga distância em direção ao céu, ficaram. No instante em que percebido o seu sumiço, repercutido o acontecido, pomo-nos a ir atrás. “Pomo-nos” porque somos muitos, e, num momento, fomos em três à praça: três que levavam junto um bando todo a fim de saber o que se passava. Suspeitamos da sereia, daquela sereia, tão bela sereia, de encantador canto, e que por isso, não menos maliciosa, poderia ter seduzido um passante para que a levasse dali, poderia ter feito com que o

balanço virasse um painel na parede de alguém, poderia inclusive ter ido em direção ao mar. Não me engana: aquela sereia tem pacto com esse balanço que resolveu caminhar, que deliberadamente resolveu caminhar.

De qualquer forma, como ia dizendo, fomos em três à praça, e de estalo digo que não fomos únicos nesse estranhamento com o sumiço. Sentamos, nós três, em baixo da árvore, ladeando o rastro de terra premido na grama, ladeando as marcas das balançadas que por ali passaram enquanto o balanço se queria sedentário. Não houve um par de olhos que perto da árvore passasse e que não estranhasse a ausência do balanço. Sim, os olhos: mostraram-se máquinas de lembrar fiéis ao balanço; balanço sumido, lembrado pelos olhos. Alguns estudantes da escola à frente, um senhor de sapato lustroso e unhas pintadas, dois menininhos sem medo de machucados, uma menininha que gritou “ah, tiraram!”, um pai e um filho, outros tantos vinham, já ao fim da tarde, no intuito de balançar, e saíam, sem o balanço naquele galho, mais ou menos frustrados.

Aí chegou uma mulher. É, tinha o balanço sumido, nós três, um homem com quem conversávamos e essa mulher chegou, com sua filha. Ela mora no bairro, e perguntou-nos pelo balanço, ainda que já soubesse da resposta: a tal senhora fora uma das pessoas contra o balanço naquele espaço. “Não pode, eu trabalho na prefeitura, conversamos em reunião com o presidente do bairro. Não pode, estragam com a grama, é arriscado tomarem uma queda, assaltarem alguém que se balança, moradores de rua sabotarem as cordas. Não pode, aqui não pode. Talvez algum bêbado queira se balançar, e aí? Estava dando confusão, muita gente queria usar o balanço, não pode”. Dessas falas, das hipóteses mais delirantes, servia-se – não só – a senhora para o balanço ali não ficar. Não podia, hiperbolicamente não se podia. Aliás, podia sim: podia mais policiamento, menos população na rua, mais seguridade, menos risco, e assim a senhora coroaria sua fala que fora por alguns compartilhada por quem por ali passava e conosco conversava.

Só sei que foi assim, e assim foi até que um de nós três, na conversa, perguntasse: “mas e você, o que você sente sobre o balanço e o sumiço?”. *Blackout*. Por um instante a senhora, acompanhada de sua filha, essa senhora de que venho falando, que não começa ou finda nela mesma, diante do balanço ausente, essa senhora também sumiu: titubeou, como se só houvesse, ali, até então, espaço para um discurso antes massificado: – Eu? – respondeu estranhada, vasculhando-se. Há quanto não comparecia, ali, alguém que se desse o motivo, tão arriscado quanto prazeroso, de divergir dos discursos massificados? – Até acho legal, mas não pode – dizia, acabando por aí a conversa.

Não, não pode. Nós não podemos nos furtar ao tema do texto, claro! Um balanço desapareceu, e é disso que comunico. Olha só que um balanço sumido – claro, o cerne aqui é o balanço sumido –, um balanço sumido que não reaparece movimenta tanto quanto pendurado. Ah sim, já me fugia da mente: fidedignos ao que passamos nesse escrito, agarrando à premissa que nos salva do necrológio, lembremos que um balanço que some aos meus olhos, apresenta-se a outros. Então pode: pode desencanar de querer saber onde foi parar o balanço; pode desencanar da ideia de que o balanço acabou. E no caso desse balanço, pode mais ainda. Balanços não só balançam – já superamos isso. Esse balanço caminha, e, não mais sedentário, torce, retorce, balança, reboiça o lugar que deixou para ser nômade: antes ocupar-se com o lugar diante do sumiço, do que com o destino do balanço.

“Balanço que caminha”: se assim fosse, estaria aqui forjado um conto fantástico, sobre um balanço com pezinhos e que anda por aí. “Balanço que caminha”: mas que besteira ter dito isso! Até aqui, esse é um conto quase fantástico, na medida em que o incrível não se sustenta longamente como certeza, e esse balanço decerto não caminha. Mas ele é metido a besta: sim. Esse balanço, que por si não anda, na verdade, seduz gente, gente com pé, pra que possa caminhar. Seduz gente para balançar, sentar, olhar, ocupar o entorno. Também seduz gente de incômodo – como não? É cabível seduzir de incômodo. Incômodo ao ser ocupado um galho, um pedaço de ar, um espaço traçado, um quadrante de grama rasteira sob uma árvore numa praça loteada: aí fica insuportável, porque não pode, não pode, não pode, e some o balanço. Esse balanço, sedutor balanço, adorado pelo avesso, seduziu pés que o levassem dali.

\*\*\*

## **barragem**

Aconteceu de verdade, mas não consigo parar de pensar que, se não houvesse acontecido, poderia ter sido imaginado como uma história de terror, de ficção científica ou coisa que o valha. É que o rompimento da barragem em Mariana ativou a sensação de que um fato ocorrido, real, pode nos parecer tão ou mais absurdo que uma ficção. Acredito que isso nos afeta de uma maneira muito singular, como se uma espécie de ideia esquecida baixasse feito relâmpago, nos lembrando de que não somos capazes de apreender a realidade por completo e que, portanto, no curso da vida que pensamos ser nossa, que pensamos saber minimamente controlar e entender, há algo oculto, algo grave que se



passa fora da lógica pela qual costumamos compreender os acontecimentos e cultivar os hábitos.

Não há uma maneira suficiente de contar o que foi esse rompimento, mas há inúmeras vozes e imagens que, mais ou menos silenciadas e invisibilizadas, formam uma espécie de composição cujo sentido é, além de transitório, dado pela organização singular de quem as ouve e de como as ouve.

Vi algo incerto chegando, forçando violentamente o deslocamento do cotidiano, dos hábitos, de uma suposta paz, que produziu e manteve mentiras, hipocritamente veiculadas mais rápido que a cor marrom tingindo o que havia pela frente; que produziu tentativas desesperadas de dar conta desse fato que, definitivamente, não se deu pelo acaso, pelo destino ou por acidente, mas cujas explicações lógicas nos escapam, vão sendo arrastadas, deixando apenas um cheiro de morte que vai se movendo junto com o percurso dos dejetos obscuros.

Essa onda que percorre cidades, que avança pelo mar, passa por histórias miúdas, por gente, por animais, por lugares que até então estavam na penumbra do anonimato. Destruíu muito, mas não destruiu tudo. Tentar juntar os cacos é o que nos resta, e me coube juntar as miudezas que vi em uma composição com os “grandes” discursos, que não se pretende, nem poderia ser, a revelação de uma verdade oculta, mas apenas uma das histórias que a conexão dessa multiplicidade de vozes, imagens e discursos suscita:

*É como se o mundo estivesse sendo roubado de nós, passa tanta coisa pela cabeça, mas "a gente não pode parar, porque mais da metade das pessoas teve de correr só com a roupa do corpo para não se afogar na lama que inundava tudo" <sup>163</sup>.*

*"No dia uns parentes me ligaram falando que vinha um dilúvio e o dilúvio veio quebrando os bambuzais e arrebatando as matas. Corri o quanto pude e naquele dia todo mundo saiu de suas casas. Passamos a noite no quintal, com medo, sem conseguir dormir. Até hoje não durmo" <sup>164</sup>. Naquele dia, eu pensava no que cozinhar para o almoço e meu vizinho revirava sua casa toda buscando um livro que tinha ficado de emprestar para o filho da mulher que mora um pouco mais pra cima. Eu não estava com vontade de sair de casa, acho que nem ele. Muito menos correndo e deixando tudo para*

---

<sup>163</sup> trecho de reportagem disponível em:

[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/08/interna\\_gerais,705609/moradores-de-barra-longa-ficaram-ilhados-e-temem-a-fome.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/08/interna_gerais,705609/moradores-de-barra-longa-ficaram-ilhados-e-temem-a-fome.shtml)

<sup>164</sup> Ibidem

*trás. Mas não tinha muita escolha naquele dia, pelo que nos diziam. Se bem que teve gente que ficou, não arreda pé até agora. "Não querem sair. Não tem como ir lá. Só Deus agora e pessoas de boa vontade para levar comida e remédios para eles" <sup>165</sup>.*

*Depois veio um cheiro forte, todo mundo sentia. "Muita gente para cima daqui foi arrastada e esse cheiro só pode ser de gente morta, porque é muito forte. Só que não conseguimos localizar exatamente onde é e a gente fica nessa angústia de pensar que tem o filho de alguém enterrado na nossa terra" <sup>166</sup>. Daí veio muita gente, querendo ajudar. "Perdemos tudo que tínhamos. Agora a gente se une para ir com uma turma buscar sacos de arroz, macarrão, feijão e os galões de água que chegam de doações. Fazemos mais de dez viagens num dia se precisar" <sup>167</sup>. Mas teve uma coisa estranha que a gente se perguntava: "Por que é que estão nos impedindo de entrar em Bento Rodrigues? A gente poderia ajudar na localização e no resgate dos desaparecidos e dos animais, porque conhecemos como ninguém a região, sabemos lidar com o mato. O que é que eles estão querendo esconder?" <sup>168</sup>*

*A gente começou a suspeitar que tinha muita gente morta sendo levada pra longe, mas ninguém falava nada. "O passar monótono do tempo, sob sol forte e calor de 42°C, sobe e desce de helicópteros, caminhões e camionetes entrando e saindo, nenhuma notícia, só é interrompido quando se ouve o grito: "Imprensa! Vem correndo! Aqui!" <sup>169</sup>. "O familiar de um desaparecido comentou comigo que, na Globo, as vítimas da tragédia não tinham rosto..." <sup>170</sup>*

*"A Samarco diz que a lama é inerte, ou seja, não oferece risco à saúde" <sup>171</sup>, inclusive que pode até ser usada como adubo <sup>172</sup>. Isso ia ser bom, porque muita plantação foi destruída. "No campo, ao longe, um lavrador que preferiu não se aproximar, emocionado que estava, ficou com a foice sobre o ombro a mirar por longo tempo a plantação de milho completamente arrasada pela enchente de detritos, que a transformou numa planície*

---

<sup>165</sup> Ibidem

<sup>166</sup> Ibidem

<sup>167</sup> Ibidem

<sup>168</sup> trecho de reportagem disponível em: <<https://medium.com/jornalistas-livres/tsunami-de-lama-1b634bdab459#.8gsxqlj2k>>

<sup>169</sup> Ibidem

<sup>170</sup> trecho de reportagem disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/bastidores-de-uma-tragedia-os-relacoes-publicas-da-samarco-dao-uma-surra-no-estado-brasileiro-que-sucumbe-ao-poder-economico.html>>

<sup>171</sup> Ibidem

<sup>172</sup> informação divulgada pela diretora da Vale, disponível em: <<http://www.eshoje.jor.br/ conteudo/2015/11/economia/36136-diretora-da-vale-lama-vai-ter-efeito-de-adubo-no-reflorestamento.html>>

marrom”<sup>173</sup>. Mas a gente fica pensando como que pode ser adubo uma lama que matou tanto animal? Porque a gente achou muito peixe inchado, que morreu do que tinha naquela lama mesmo, não foi do impacto.

A gente sabe que vai demorar um tempo pra tudo voltar ao normal, mais tempo do que estão falando por aí. Mas daqui a pouco vai parar de chegar tanta gente por aqui, tirando fotos, falando com a gente, perguntando nossa opinião, dando roupa, água, comida... Aí vai ser só a gente de novo, pensando no que cozinhar, procurando o livro perdido na casa, tirando a roupa do varal, dormindo.

---

<sup>173</sup> trecho de reportagem disponível em:

<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/08/interna\\_gerais,705609/moradores-de-barra-longa-ficaram-ilhados-e-temem-a-fome.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/11/08/interna_gerais,705609/moradores-de-barra-longa-ficaram-ilhados-e-temem-a-fome.shtml)>

## **Anexo: Laboratório de Imagens da Subjetividade**

### **2012: Ação Cart(ã)ografias.**

Ao encontrar diversos cartões em branco no lixo, um dos integrantes sugeriu ao bando que escrevessem mensagens para serem espalhadas pela cidade de madrugada.

### **2013-2015: Ação Balançaê.**

Colocar balanços em diversas regiões da cidade e acompanhar o que se passa depois de sua colocação.

### **2013-2016: Ação Escutatória.**

Oferecer a escuta de histórias no espaço urbano.

### **Links:**

Flickr: <https://www.flickr.com/people/97141975@N06/>

Facebook: <https://www.facebook.com/lis.cnpq/posts/226060790922275>

### **Vídeos:**

-Escutatória: <https://www.youtube.com/watch?v=HDHNLmXUbI8&feature=youtu.be>

-Balançaê: <https://www.youtube.com/watch?v=07jn8KPmTgE>

-Cart(ã)ografias: <https://www.youtube.com/watch?v=gLwXsq5mKKY&feature=youtu.be>

### **Reportagens:**

-Balançaê: <http://soues.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=1732>

-Cart(ã)ografias:

[http://www.gazetaonline.com.br/\\_conteudo/2013/09/noticias/cidades/1461498-inusitado-bilhetes-espalhados-por-bairro-chamam-a-atencao-de-moradores-de-vitoria.html](http://www.gazetaonline.com.br/_conteudo/2013/09/noticias/cidades/1461498-inusitado-bilhetes-espalhados-por-bairro-chamam-a-atencao-de-moradores-de-vitoria.html)

**CNPq:** <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8160494723504544>

**Referências bibliográficas:**

- Baptista, Luis Antônio. *Combates Urbanos: a cidade como território de criação*. Palestra proferida o XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Porto Alegre, 16/10/2003.  
Disponível em:  
[www.slab.uff.br/images/...sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto96.pdf](http://www.slab.uff.br/images/...sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto96.pdf)
- Baudelaire, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- Baremblytt, Gregorio F. *Compêndido de análise institucional e outras correntes: Teoria e prática*. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012.
- Benjamin, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio. Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Benjamin, Walter. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Bey, Hakim. *CAOS: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. Trad. Patrícia Decla e Renato Resende. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- Bey, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. Trad. Patrícia Decla e Renato Resende. Digitalização: Coletivo Sabotagem: Contra-Cultura, 1985. Disponível em:  
[http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/4a\\_aula/Hakim\\_Bey\\_TAZ.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf)
- Bey, Hakim. Entrevista concedida à revista high times. Trad. Guilherme Caon, abril de 2002. Disponível em: [http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/entrevista\\_hakim\\_bey.htm](http://arteeanarquia.xpg.uol.com.br/entrevista_hakim_bey.htm)
- Borges, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- Borges, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do Quixote. In: *Ficções*. Trad. Carlos Najjar. São Paulo: Circulo do livro, 1975.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. Clínica ampliada e compartilhada / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 64 p. : il. color. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)
- Bremejo, Ernesto González. *Conversas com Cortázar*. Trad. Luiz Carlkos Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.
- Canguilhem, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Cortázar, Julio. *Histórias de cronópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- Cortázar, Julio. *O jogo da amarelinha*. Trad. Fernando de castro Ferro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

- Cortázar, Julio. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Cortázar, Julio. *Todos os fogos o fogo*. Trad. Glória Rodrigues. São Paulo: Circulo do livro,
- Deleuze, Gilles e Guattari, Felix. *Mil Platôs 4*. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- Deleuze, Gilles. Abecedário. 1988. Disponível em:  
<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>  
<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>
- Deleuze, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- Deleuze, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 209-218.
- Deleuze, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- Deleuze, Gilles. “Platão e o Simulacro” In: *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000. pp. 259-271.
- Didi-Huberman, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.
- Fernández, Macedonio. *Museu do romance da Eterna*. Trad. Gênese Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- Foucault, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003, p. 203-222. Disponível em:  
 <<http://xa.yimg.com/kq/groups/24805135/947292515/name/Foucault>>
- Foucault, Michel. De outros espaços, heterotopias (1967). In: *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2003.
- Foucault, Michel. Da amizade como modo de vida: depoimento. [abril de 1981]. Paris: Le Gai Pied, pp. 38-39. Entrevista concedida a R. de Ceccaty, J. Danet e J. leBitoux. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em:  
<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>
- Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2013.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.
- Gagnebin, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- Galli, Tania Maria; Costa, Luis Artur. Subjetivar. In: *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Org. Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. – Porto Alegre: Sulina, 2012, p. 219-222.
- Guattari, Felix e Rolnik, Suely. *Micropolíticas – Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- Guattari, Felix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- Kafka, Franz. Pequena Fábula. In: *Narrativas do Espólio*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 138.

- Levy, Tatiana Salem. O mundo desdobrado - a experiência do fora em Blanchot. In: *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- Machado, Leila Domingues. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (Org.). *Psicologia: questões contemporâneas*. Vitória: EDUFES, 1999.
- Machado, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. *Psicologia & Sociedade*, Vol. 16 (1), p. 146-150, 2004. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n1/v16n1a12.pdf>>
- Machado, Leila Domingues. Imagens da subjetividade. *Informática na educação: teoria e prática*, Porto Alegre, Vol. 11 (1), p. 47-55, 2008.
- Machado, Leila Domingues; Almeida, Laura; Santos, João. Sobre fazer ver uma vida. *Polis e Psique*, Vol 3, n. 1, p. 26-44, 2013.
- Montaigne, Michel de. *Os ensaios*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. Org. M. A. Screech. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Moraes, Alexandre. *O outro lado do habito: modernidade e sujeito*. Vitória: EDUFES, 2002.
- Palombini, Ana... [et al]. *Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- Pelbart, Peter Pál. *A nau do tempo rei*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- Pires, Ericson. *Cidade ocupada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.
- Rodrigues, Heliana B. C. Intercessores e Narrativas: Por uma Dessujeição Metodológica em Pesquisa Social. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João del-Rei, Vol. 6 n.2, p. 234-242, agosto/dezembro 2011.
- Rodrigues, Heliana B. C. Para desencaminhar o presente Psi: biografia, temporalidade e experiência em Michel Foucault. In: Guareshi, Neusa M. F; Hüning, Simone M. (orgs). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005, pp. 7-27.
- Rolnik, Suely. O mal estar na diferença. Publicado na França, in Chimères no 25. Association Chimères, Paris, outono 1995. Versão ligeiramente modificada do ensaio publicado no Anuário Brasileiro de Psicanálise. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995 e, na Argentina, in Zona Erógena, Revista abierta de Psicoanalysis y Pensamiento Contemporaneo, no 24. Buenos Aires, inverno 1995. Disponível em:  
<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Malestardiferenca.pdf>
- Rolnik, Suely. Geopolítica da cafetinagem. 2006. Disponível em:  
<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>
- Rolnik, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: *Cultura e subjetividade. Saberes Nômades*. Org. Daniel Lins. Campinas: Papirus, 1997; pp.19-24.
- Sant'anna, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- Santos, João J. G. Corpo rasurado de histórias. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional). Orientadora: Leila Domingues Machado – PPGPSI, UFES, Vitória, 2014.

Silva, Letícia Tabachi. Acontecimento urbano: escapes na cidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Orientadora: Paola Berenstein Jacques - PPG-AU, FAUFBA, Salvador, 2007.

Todorov, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Debates, 98).

Tolstoi, Liev. Kholstomér. In: *O diabo e outras histórias*. Trad. Beatriz Morabito e Maira Pinto. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000, pp. 49-100.

### **Imagens:**

Figura de dedicatória: Foto minha de artesanato feito por Jeneci. Vitória, 2013.

Figura 1: Philippe Petit, o equilibrista, deitado sobre a corda entre as torres gêmeas em 1974. Disponível em <<http://luxthanzero.blogspot.com.br/2010/04/untitled.html>>

Figura 2: Foto de treinamento de bombeiros na Cidade Alta, Vitória, ES. Syã Fonseca, 2014.

### **Filmes:**

O equilibrista. Tit. Original: Man on Wire. Direção: James Marsh. Produção: Simon Chinn. Fotografia: Igor Martinovic. Trilha Sonora: J. Ralph. 94 min. Reino Unido, 2008.

Adirley Queiroz. Debate no 3º Colóquio Cinema, Estética e Política, realizado em abril de 2014 na Universidade Federal Fluminense em Niterói. 37 min. 41s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WigC2b-uJXQ>>

Ali, na Costa Pereira. Produzido, dirigido e finalizado por Ethos diálogos visuais: Ana Paula Gonçalves, Heitor Riguette Machado, Henrique Gaudio e Matheus Henrique T. Costa. 30 min. 45s. Vitória, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=34FV-45po8I&app=desktop>>

### **Musicas:**

Assumpção, Itamar e Leminski, Paulo. Custa nada sonhar. In: Assumpção, Itamar. *Bicho de sete cabeças - vol I*. (Vinil). São Paulo: Baratos e afins, 1993.

Belchior. *Alucinação*. (Vinil). Rio de Janeiro: Phonogram, 1976.

Nascimento, Milton e Brant, Fernando. San Vicente. In: Nascimento, Milton e Borges, Lô. *Clube da esquina*. (Vinil). EMI Music Brasil, 1972.